

PandorgA
NACIONAL

mysterium

fascinans

O PROFETA DE NIETZSCHE

MARCO ANDRÉ REGIS

O PROFETA DE NIETZSCHE

MARCO ANDRÉ REGIS

Copyright © Marco André Regis, 2017

Todos os direitos reservados

Direção Editorial Silvia Vasconcelos

Produção Editorial Equipe Editora Pandorga

Preparação Ana Lúcia Sesso

Revisão Fernanda S. Ohosaku

Diagramação Abreu's System

Composição de capa Itamar Silva

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Ficha elaborada por: Tereza Cristina Barros – CRB-8/7410 Regis, Marco André – O profeta de Nietzsche: a extraordinária história de Zarathustra / Marco André Regis. – 1.ed. – São Paulo: PandorgA, 2017. 160 p.; 16 x 23 cm. ISBN 978-85-8442-255-5
1. Romance brasileiro. I. Título. 11.10/042-2017 CDD–869.93

Zaratustra:

O profeta de Nietzsche, de todos nós, e de ninguém

Zaratustra é um, e também muitos. É profeta do filósofo-crítico da Modernidade Friedrich Nietzsche – que discerniu o presente e indicou caminho para o futuro da Civilização, e também profeta persa da Antiguidade – que nutriu com suas cantigas o berço da Civilização. É personagem representante da humanidade, a qual aprenderá a explorar seus potenciais para viver mais plenamente nalgum momento do amanhã, e também personagem já manifesto em alguns seres humanos, os quais aprenderam a explorar seus potenciais para viver mais plenamente no tempo que se chama hoje.

Zaratustra é mistério, e revelação. Inverno, e verão. Criatividade, e desconstrução.

Aquele que encontra Zaratustra não fica indiferente. Contemplar sua beleza com olhos abertos, ouvir a melodia de seus discursos com ouvidos destampados – isso traz provocações para melhor. Evitar sua rudeza com olhos cobertos, fugir da ousadia de seus discursos com ouvidos tampados – isso traz provocações para pior. Ninguém continua o mesmo após cruzar com Zaratustra.

Escrevo sua história como ela veio a mim. Retorno eterno, novamente é uma história para todos e para ninguém, pois, às vistas dos surdos, parecem loucos os que celebram a música da vida com danças e risos.

PRIMEIRA PARTE

Eu vos ensino o super-homem. O homem é algo a ser superado. Que fizeste para superá-lo?

Onde está o raio que venha lambe-vos com sua língua? Onde está a loucura com que deveríeis ser vacinados?

Vede, eu vos ensino o super-homem: ele é esse raio, ele é essa loucura!

O homem é uma corda, atada entre o animal e o super-homem – uma corda sobre um abismo.

Um perigoso para-lá, um perigoso a-caminho, um perigoso olhar-para-trás, um perigoso estremecer e se deter.

Grande no homem é ser uma ponte e não um objetivo: o que pode ser amado, no homem, é ser ele uma passagem e um declínio.

Amo aqueles que não sabem viver a não ser como quem declina, pois são os que passam.

Friedrich Nietzsche

O curioso nascimento de Zaratustra

Astros formavam conjunção no elevado e distante firmamento, indiferentes ao pequeno planeta onde, num vilarejo situado entre o Oriente e o Ocidente, o Sul e o Norte, nascia o primogênito de uma jovem mulher de nome Sofia.

A experiente parteira que dava assistência tomou a criança nos braços e, antes das palmadas para abrir os pulmões do recém-nascido, deteve-se frente à suave beleza de seus traços. Olhando ao redor de si, o bebê se pôs a rir gostosamente. E riu com a pureza e o frescor da infância, rindo com tal alegria que devolveu o encanto de viver, antes esgotado pelos anos de sofrimento, à mulher que o segurava no colo. Ela, que tinha o ofício do parto como enfadonha rotina, com olhos marejados, enxergou novamente o nascimento como milagre da vida.

A jovem mãe, porém, nada disse. Apenas abaixou docemente a túnica de um dos ombros, a fim de receber o filho no seio e amamentá-lo. Propusera a si mesma, sabiamente, avaliar no silêncio do próprio coração tudo que sucedesse com o menino. Assim poderia melhor discernir os desdobramentos de sua concepção.

A notícia a respeito de algo tão inusitado se espalhou com a fugacidade do fogo na palha seca. Como é de costume entre os povos de todos os cantos, as pessoas ficaram alvoroçadas diante do fato, entremeando o assunto a seus hábitos cotidianos. Elas falavam disso o tempo todo, acrescentavam detalhes

por conta própria e estavam ávidas por minúcias capazes de dar alguma sobrevida à chama que excitava seus instintos, normalmente mortificados pela rotina dos deveres diários, sem refletir o significado e implicações daquilo.

Ao atingir a capital da província, a poucos dias de jornada do vilarejo onde nasceu a criança, a novidade encontrou os ouvidos do ministro que governava aquela região do Império. Ele vestia túnica negra, fechada no pescoço por colarinho que, invariavelmente branco, servia como distinção dos ministros. Trazia a cabeça enrolada por um tecido também negro, formando turbante, pois naquelas paragens os homens assim costumavam usar, embora com outras cores, enquanto as mulheres usavam lenço na cabeça.

Inquietações diferentes das do povo tomaram conta dos pensamentos daquele governador provinciano. Como alguém riria ao chegar a um mundo de sofrimento e obrigações? Que graça haveria no tedioso e exaustivo ciclo de produção e consumo? Qual a vantagem da perpetuação de uma espécie fadada à escravidão dos deveres? Isso só podia ser uma ofensa ao céu e, certamente, sinal de mau agouro à terra.

Sem demora, ele tomou seu cajado e, convocando sua guarda pessoal, pôs-se a caminho do Capitólio, na metrópole chamada Vaca Malhada, cujo nome fazia referência ao antigo símbolo do animal que a todos sustenta com o leite produzido pelo próprio corpo. Ele devia narrar aqueles acontecimentos ao Ministério Supremo. Era certo que o Governo não apenas se interessaria pelo assunto como também julgaria e deliberaria sobre o destino da criança.

Passadas algumas luas, o governador estava em pé, enfim, no centro da imensa e opulenta sala do Ministério, perante o trono do pontífice. Ele se via rodeado pelos ministros supremos, membros da oligarquia partidária responsável por governar o Império. Estes permaneciam sentados em degraus com assentos confortavelmente estofados que faziam dois semicírculos, um de frente para o outro, num formato de ferradura que tinha o trono, em nível mais elevado, na parte onde se encontravam as duas extremidades.

As túnicas negras encimadas por colarinhos brancos, com as quais estavam todos uniformemente trajados, impunham respeito mesmo se estivessem vazias – o que, figurativamente, ocorria no caso da maioria deles. Cada homem naquele salão, entretanto, distinguia-se tanto pelos traços fisionômicos e tom de pele quanto pelo que trazia ou não à cabeça, a depender do seu território de origem. Havia turbantes de diversos formatos e solidéus, todos negros como a vestimenta ministerial, cortes de cabelos austeros e, ocasionalmente, alguma barba ou bigode.

Um tanto nervoso, pela importância do conteúdo de suas palavras, o governador provinciano contou a respeito das coisas que ouvira sobre o menino.

“Ele será um símbolo de liberdade!”, reagiu asperamente um dos supremos, um homem com tapa-olho do lado esquerdo, de penteado liso para trás que lhe aumentava as profundas entradas, cabelos e cavanhaque pretos como a mais escura noite, cuja aparência impecável revelava uma personalidade perfeccionista. Diferente dos outros, dada sua posição mais importante, ele ainda tinha sobre a túnica uma capa negra que lhe destacava a imponência sombria. “Foi-me confiado honradamente o cargo de inquisidor-mor. Isso exige que eu seja fiel guardião do cumprimento dos deveres de cidadania e dogmas da fé para bom andamento e segurança do Império”, considerou com

seu jeito elegante e ameaçadora presença. “Portanto, cabe a mim a avaliação do risco que tal criança traz ao mundo...”

Após um breve intervalo que, propositalmente, criou expectativa no imenso salão, ele desfechou enfático:

“E eu digo que essa criança é perniciosa e deve morrer imediatamente!”

Os demais líderes imperiais balbuciaram entre si palavras favoráveis à sentença. Abaixo da superfície da preocupação com a ordem e bem-estar do povo, abaixo do discurso oficial por compaixão, igualdade e justiça social que pautava aquele governo, jazia a aterrorizante expectativa de que um raio se desencadeasse entre as pesadas e tenebrosas nuvens que toldavam o espírito humano. Pois o raio provocaria a precipitação das águas suspensas, regando o solo de modo a fazer brotar a semente nele adormecida, rompendo o invólucro daquilo que pode vir a ser. Desnecessário se tornaria, então, qualquer sistema dominador, fosse político ou religioso, onde a autoridade instituída exercesse tutela sobre as pessoas.

Afinal, não se torna desnecessária a tutela quando o dependente atinge autonomia?

Do trono que ficava elevado entre as pontas dos semicírculos, o pontífice, um ancião de barba e longos cabelos brancos, trajando uma túnica vermelha adornada com bordados em ouro, e que a tudo acompanhava em silêncio até ali, no entanto, pronunciou-se contrário à proposta.

“Não devemos nos precipitar. A alegria do riso dessa criança dificilmente resistirá às dores que o destino impõe aos viventes. Então qualquer expectativa sobre ela murchará como murcha a beleza da flor sob o impiedoso rigor do tempo.” Mal pôde ocultar a própria frustração com aquela perspectiva.

“Sua excelência deixa de considerar que o grande dragão, chamado Não-Farás, é mais impiedoso que o tempo, pois sua ira não tarda jamais nem seu bafejar chamejante se recolhe enquanto não reduz a cinzas o objeto de seu furor”, o inquisidor-mor retrucou, erguendo a sobancelha acima do tapa-olho. “Ele é o chicote da divina justiça. Em suas escamas douradas se refletem todos os nossos atos e nenhuma ofensa lhe escapa.”

Depois de falar isso, ele se dirigiu cerimoniosamente à parte aberta da ferradura formada pelos semicírculos, postou-se junto ao ministro provinciano que usava turbante negro e passou o braço ao redor de seu ombro.

“Este pastor”, disse em referência ao colega, “trouxe a nós a informação para que evitemos as consequências do sacrilégio cometido. E sua excelência, pastor dos pastores, certamente não deve desejar que o rebanho sofra por causa da nossa hesitação”, deduziu com malícia.

O pontífice nada declarou, limitando-se a medir tudo que estava em jogo.

“Ninguém há mais perigoso do que uma criança para romper a ordem das coisas. Imagine, então, se algum adulto, levado por isso, passe a enxergar o mundo com um olhar de criança”, prosseguiu o guardião com tapa-olho do lado esquerdo. “O que será do sistema, caso uma influência dessas se espalhe? Um indivíduo aqui, outro ali... E quando nos dermos por conta: o caos!” O soco que deu na própria palma ampliou o efeito da ênfase.

Após correr a vista para examinar a expressão de cada rosto no opulento salão, prosseguiu:

“Este império tem como marca principal a compaixão. É um império do povo, organizado para o bem do próprio povo... Povo, porém, incapaz de pensar por si”, a advertência veio com um ar grave e o indicador sendo erguido, de forma que a capa acompanhou o movimento do ombro,

acentuando a imagem altiva. “Necessário se faz a autoridade de líderes fortes, pastores que conduzam o rebanho com rigor e sabedoria. Se isso for rompido, haverá desordem e desigualdade e sofrimento e destruição. É justo, portanto, sacrificar a ovelha infectada, a fim de evitar que as demais acabem contaminadas e todo o rebanho se perca.”

As vistas dos supremos repousaram sobre o velho de barba e longos cabelos brancos, sentado no trono. Em resposta, ele abaixou a cabeça, gesticulando-a positivamente como aprovação à medida.

Daquele momento em diante, caberia ao governador retornar a sua província e fazer cumprir a sentença, não importando quanto sangue inocente tivesse que banhar a terra para tanto.

O rude destino de Zaratustra

A parteira visitou Sofia para ver como estava a criança. Satisfeita por encontrar o menino com saúde e cercado de bons presentes, a mulher sorriu enternecida. A seguir, porém, brotaram-lhe lágrimas que logo escorreram pelo rosto.

“Sabe por que sou invadida pela angústia mesmo contemplando a felicidade, Sofia?”

“Porque o destino se apresenta rude ao meu pequenino”, o nó na garganta fez a resposta sair com dificuldade.

“Que nome você deu ao bebê?”, mudou o assunto à medida que enxugava as lágrimas.

“Zaratustra. Pois seu espírito terá a resistência do camelo, a força do leão, a simplicidade da criança e a ousadia do profeta. Assim, ele extrairá da vida a plenitude, permanecendo desperto enquanto outros dormem, enxergando o que poucos veem, apontando para novos dias.”

“Bendita seja a sabedoria!”, a parteira celebrou.

Imediatamente, passou para um tom sussurrante:

“Mas escuta, agora, o meu conselho. A consciência é melhor socorro que qualquer dos deuses, porque talvez nela se reflita a imagem do único Deus verdadeiro. Que sua consciência confirme as minhas palavras e seu coração testemunhe: assim é.”

“Fala.”

“Você bem sabe o que o governador foi fazer no Capitólio. Não se iluda. O

menino corre enorme perigo.”

Sofia dirigiu um olhar preocupado ao bebê.

“Ele deve ser levado ao deserto para fugir da mentalidade obscurantista que anseia por sua aniquilação”, disse a parteira.

“Nenhum deserto é distante o suficiente para alguém escapar do Império”, argumentou a mãe. “O Ministério Supremo, a fim de manter a honra do grande dragão Não-Farás, descobrirá onde se esconde a criança e enviará seus rapineiros.”

“Não se o menino estiver sob o manto da mediocridade”, sugeriu. “Os medíocres passam despercebidos a qualquer tempo. Ninguém repara neles durante a vida nem deles guarda memória depois.”

“O preço é alto demais”, Sofia virou o rosto e rebateu asperamente.

“Ninguém escapa dos desafios do mundo, senão aqueles que se fazem invisíveis pela própria insignificância.”

“Mundo que esta criança deve mudar!”, a expressão da jovem mãe se fechou ao contestar de novo.

“Então dê uma chance a Zaratustra”, a mulher insistiu, já suplicante. “Se ele realmente pode mudar alguma coisa, que mergulhe na experiência comum, que comece do zero como toda e qualquer pessoa para, daí, avançar em busca de outros horizontes. Que ele atravesse a ponte entre o primitivo e o evoluído, entre o que é em parte e o ser integral, a ponte que é o próprio homem.”

“Sei que você tem razão”, Sofia, enfim, admitiu a contragosto. “Mesmo quando a criança crescia dentro de mim, eu tinha intuição de seu destino”, ao dizer isso, ela se inclinou no berço, tomou o bebê e o acolheu junto ao peito com ternura.

Após sussurrar alguma coisa ao menino, entregou-o nos braços da outra:

“Confio a ti, parteira, o pequeno Zaratustra”, as palavras saíram acompanhadas por lágrimas.

“Fique em paz, boa mãe. Ele sempre será seu filho e, portanto, a sabedoria jamais o abandonará.”

Sofia separou uma capa multicolor que havia cuidadosamente tecido com fios de seu próprio tear, dando-a para a mulher a fim de que servisse de coberta enquanto Zaratustra fosse pequeno e de agasalho sobre a túnica quando grande.

“Assim, ele se lembrará sempre de quem somos”, disse a jovem mãe com um sorriso terno e dolorido.

Ela se despediu do filho com um doce beijo na pequena testa e se pôs a observar a parteira indo pelo caminho com a criança. Depois, deu a volta na humilde casa e, nos fundos, chamou seus animais – uma águia e uma serpente.

“Velem por Zaratustra durante o sono dele para que, quando despertar, possa Zaratustra chamar aqueles que dormem... Até que muitos sejam os despertos!”

A serpente enroscou amistosamente o corpo em torno do pescoço da águia, deixando sua cauda sobre as costas da ave. A águia, então, abriu as longas e fortes asas, alçou voo e se foi juntamente com a serpente para acompanhar a criança em sua jornada.

Dentre as barracas do mercado, na capital da província, a sombra da parteira deslizou por estreitos caminhos. Ela andou curvada, tentando esconder o bebê que levava cuidadosamente embrulhado na capa colorida, até chegar à esquina de um beco apertado e escuro. Ali, a mulher retirou do meio dos próprios seios, dentro das vestes, um pequeno frasco tampado por uma rolha de cortiça.

Ela mirou o interior do beco a fim de verificar se lá não havia ninguém. Olhou para os lados para garantir que não estava sendo observada. A seguir, revirou o alforje que carregava até encontrar o pedaço de uma planta seca e esponjosa. Abriu o frasco. Embebeu a esponja. Por fim, colocou-a na boca do menino e deixou que ele sugasse a poção.

“Perdoe-me, pequenino, mas é preciso silenciar seu riso. Será melhor assim.”

E a mulher entrou com a criança no beco apertado e escuro.

O maior de todos os desejos

A parteira saiu do beco conduzindo um filhote de camelo pelo cabresto. Sobre as corcovas do animal repousava a capa multicolor tecida por Sofia.

Embrenhada entre as barracas, a mulher foi ao lugar onde os viajantes acampavam enquanto faziam negócios com os comerciantes locais. Ali, sua atenção se voltou para um jovem que cuidava dedicadamente dos camelos de sua caravana.

“Você os trata bem”, a parteira comentou, puxando conversa com o cameleiro.

“Faço o melhor que posso por aquilo que amo”, disse animado.

“Você ama camelos?!”, a resposta dele a deixou surpresa.

“Amo o meu sonho, porque ele alimenta e mantém vivo o meu espírito. Em cada viagem, estes camelos me ajudam a gerar riquezas ao Império e, assim, tornar-me qualificado para um dia ser nomeado chefe de caravana”, explicou.

“Nada mais justo do que cuidar daqueles que se arriscam comigo na jornada, recompensando-os à altura.”

“Então você os ama acima do bem e do mal.”

“Como disse, são meus companheiros na busca de um sonho”, deu de ombros por não entender direito as palavras da parteira. “E eu vivo em função daquilo que almejo conquistar.”

“Hum...”, ela ficou pensativa. “Posso te dar um conselho?”

“Claro.”

“Tome cuidado para não cair na armadilha do sonho no sonho.”

“Como assim?” Curioso, o jovem pôs de lado o serviço a fim de prestar atenção.

“Muita gente acha que basta sonhar e acreditar no sonho de todo o coração para a vida dar certo. Miserável ilusão!”, a mulher largou um suspiro em lamento. “Tal pessoa em nada difere do simplório religioso que deposita cotidianamente sua esperança no altar da fé na fé; ou seja, na ideia de que basta unicamente acreditar para que seus desejos sejam satisfeitos.”

O rapaz, ao ouvir isso, reagiu:

“A vida seria insuportável se não fosse o sonho. Aliás, ela nem faria sentido.”

“Eis a armadilha”, a parteira rebateu. “Hoje, você sonha com uma carreira de sucesso; amanhã, arrasta-se sob o peso de sua rotina. Hoje, você sonha com um relacionamento; amanhã, atormenta-se pela dúvida de ter ou não escolhido a pessoa certa. Hoje, você sonha com a conquista de alguma coisa; amanhã, descobre que ela nada acrescentou àquilo que você é”, arrematou com um sorriso, demonstrando a ironia.

Depois mirou fixa e profundamente nos olhos do camaleiro para provocar:

“Imagine-se no instante derradeiro, quando o hálito da morte se faz sentir. Sozinho, você se detém para avaliar seus dias e percebe que gastou todos eles correndo atrás de ilusões. Que valor teve a vida para você? O que importou tanta luta, tanto desgaste, tanta dor? Então você se dá conta de ter corrido atrás do vento. Apenas corrido atrás do vento. Só isso.”

Ele nada respondeu, limitando-se a refletir.

“Ah, meu jovem, amamos desejar mais do que amamos o objeto do nosso desejo! E sabe por quê?”

O moço apenas moveu a cabeça em negativa. A expressão do rosto dele revelava cada vez mais interesse na conversa.

“Porque no fundo sabemos que nenhum objeto poderá nos satisfazer”, afirmou, visivelmente baseada na própria experiência. “O vazio interior persistirá mesmo se consumirmos coisas, pessoas ou, até, deuses. Pois esse vazio é sensação de vida irrealizada.”

“Quer dizer que sonhar está errado?”, desafiou, ainda resistente.

“Não, não se trata disso”, a mulher rebateu. “Os sonhos são apenas projeções do espírito humano, feito um teatro de sombras. Se você se concentra nas sombras, perde a noção daquilo que as anima.”

“E o que as anima?”

“A vontade de potência do espírito humano!”, foi enfática.

Em seguida, assumiu um tom firme, dada a importância do que tinha a dizer:

“O que vem de fora não satisfaz os anseios íntimos do homem, mas o que vem de dentro do homem dá sentido ao que está fora dele. Por isso, o valor do sonho está no fato dele revelar a vontade de potência.”

“Mulher, você atíça minha curiosidade. Parece falar por enigmas.”

“Presta atenção que eu revelo o mistério: a força que move uma pessoa não é a vontade de realizar algo, mas, antes disso, é a vontade de se autorrealizar. Este é o maior de todos os desejos, e também o primeiro, pois todos os outros são desdobramentos dele.”

O rapaz pensou um pouco e procurou reproduzir a ideia com as próprias palavras, a fim de conferir se havia compreendido bem:

“Significa que em nós há um desejo essencial, desencadeador de todos os nossos atos, conscientes ou não? Significa que a vontade de ser precede a de fazer e ter?”

“Isso!”, exclamou a parteira. “Existir de fato implica realizar o próprio

potencial, tornar-se quem se pode ser. Daí vem a força criativa que nos impulsiona e nos faz mover o mundo”, disse num tom seguro. “Toda pessoa quer evoluir como ser humano, ir além do ponto em que se encontra, quer desenvolver suas qualidades, elaborar um conteúdo próprio que sirva de base de sustentação para a vida, proporcionando-lhe condições de poder realizar coisas das quais se orgulhe. É esta vontade de poder que vitaliza e move a natureza humana. Satisfazê-la é satisfazer o impulso básico de vida que clama em nós.”

“Agora as coisas se descortinam para mim”, ele segurou o queixo, ainda com os poucos fiapos de barba característicos da juventude. “Você se refere à vontade de existir que tanto me angustia.” E, logo em sequência, desabafou: “Quero muito ser capaz de fazer coisas que revelem meu valor-próprio. Anseio muito confirmar a mim mesmo e ao mundo que existo de verdade. Abomino a ideia de passar em vão por esta vida, como se eu nem tivesse existido.”

Compreensiva, mas continuando firme, ela avisou:

“O centro de gravidade da vida deve estar nela mesma – do contrário não haverá equilíbrio”, seus olhos miraram profundamente os do moço. “Persiga seus sonhos, mas não atribua a nenhum deles sua razão de existir. Antes, explore todas as possibilidades que estão em seu próprio espírito para se tornar quem você realmente é. Desse jeito, você satisfará a vontade de existir um dia por vez, amadurecendo como pessoa, desenvolvendo sua criatividade, dando um sentido particular a cada coisa que fizer. E então haverá entusiasmo no trabalho, nos relacionamentos, nos grandes e pequenos acontecimentos cotidianos... Tudo que for importante virá como resultado disso – os sonhos se realizarão tão naturalmente quanto cresce a grama!”

“A sabedoria que você carrega é provocativa, mexe com minha cabeça feito

parteira, trazendo à luz pensamentos que já estavam em mim, embora não manifestos”, o rapaz reconheceu. “Agora percebo que nos tornar quem somos, dia após dia, é o segredo para existir de fato, para libertar a força criativa que dá sentido a tudo. Este é o modo de dinamizar um poder interior capaz de impulsionar a vida, de nos permitir um salto sobre o abismo, por cima da fenda rasgada bem diante dos nossos olhos, aberta pela absurdez da falta de sentido que nos tira o chão quando nos deparamos com um Universo regido pelo acaso.”

Ele fez uma pausa e se deixou levar pelos pensamentos para, depois, arrematar:

“Falando nisso, as suas palavras ainda me fazem pensar que é possível redimir o acaso, pois se houver propósito para nós, haverá propósito para o Universo.”

O entusiasmo do rapaz, de repente, arrefeceu-se, como se arrefece a brasa surpreendida por água fria. Pois ele se viu confrontado por uma questão que lhe pareceu terrível:

“É até simples de entender. Mas talvez seja a coisa mais difícil de colocar em prática...”

Ao ouvir isso, a parteira se pôs a remexer as ideias por um instante. A conversa evoluíra a ponto de levá-los a um território inexplorado por ambos. Então, ela disse:

“Sabe o que aprendi com o riso de uma criança? Jamais deixe morrer o herói que há em você! Para isso, nunca permita que a rotina sufoque sua coragem. Ao contrário. Faça de cada experiência uma aventura, de cada aventura um aprendizado, de cada aprendizado uma oportunidade de crescimento. Quando se der por conta, você terá ido muito além do que podia imaginar.”

“Mulher, hoje você me deu um valioso presente. Como posso retribuir?”

“Vê este pequeno camelo? Ele é muito importante para mim, mas não estou em condições de cuidá-lo. Leve-o consigo e trate dele como trata dos seus.”

“O que a faz achar que sou digno de tal confiança?”

“Saber amar acima do bem e do mal... Você vive sem o romantismo fantasioso que projeta no outro aquilo que o outro não é, exigindo, por isso, que ele dê o que não tem. Quando tiramos de sobre as pessoas os véus de nossas próprias ilusões, conseguimos reconhecer pura e simplesmente o valor particular e a verdadeira beleza de cada uma delas. Quem assim procede é sempre digno de confiança.”

O chefe da caravana, um homem baixo, troncudo e de profundas olheiras, que naquele momento passava por ali, ouviu o fim da conversa e, aproximando-se, lançou um olhar cobiçoso sobre a capa multicolor.

“Essa capa é bonita como o arco-íris”, observou. “Pode te render algum dinheiro”, fez insinuação, dirigindo-se à parteira.

Ao notar que a capa dificilmente permaneceria com o camelo, ela a tomou nas mãos e rebateu:

“Pertence a um amigo. Devo guardá-la para quando ele retornar de viagem.”

Nisso, o jovem se chegou ao pequeno camelo e, acariciando a cabeça dele, quis saber:

“Este belo animal já tem nome?”

“Zaratustra”, ela respondeu prontamente. “Chame-o de Zaratustra.”

Bruxas e fogueiras

O ministro provinciano recebeu com expectativa os dois soldados de sua guarda que enviara para capturar o menino. Trajando uniforme do exército, com saia vermelha, elmo, colete de malha de aço e sandálias amarradas nos tornozelos, eles relataram, visivelmente preocupados, que a criança havia fugido e a mãe, desaparecido. O pavor, de imediato, apoderou-se do espírito daquele homem. Como o Ministério Supremo reagiria a tamanho fracasso? O que poderia ser feito para evitar que se acendesse a ira do grande dragão Não-Farás? As pessoas se inspirariam de algum modo na escapada da criança?

“As coisas que maravilharam o povo a respeito dessa história tiveram uma propagadora: a parteira do vilarejo”, lembrou um dos soldados.

“Sim”, concordou o outro. “Talvez tenha feito alguma bruxaria para ocultar o menino.”

O governador considerou brevemente as palavras de ambos. Ainda reflexivo, deu alguns passos até uma pequena arca, de onde retirou um punhado de moedas de ouro. Ao retornar, pôs-se a derramá-las nas mãos dos guardas a fim de suborná-los.

“Nada pronunciem sobre o acontecido”, ordenou ao tilintar das moedas. “Prendam a bruxa em segredo e tragam-na a mim.”

Sobre o terraço de uma das construções da capital da província onde nascera

o menino, a águia e a serpente de Sofia acompanharam atentas à saída de uma caravana. Nela, o jovem camelo Zaratustra partia, rumo ao deserto, para sua primeira viagem.

“É uma belíssima capa”, o ministro examinou atentamente o tecido multicolor que os guardas apreenderam ao capturar a parteira. “Muitos dos que visitaram o menino dizem tê-lo visto agasalhado por uma coberta igual.”

Então, voltando-se para a mulher, posta de joelhos e com as mãos amarradas às costas, disse num tom artificialmente cordial:

“Também deve ter um bonito significado.”

“Nada que seu coração em preto e branco possa atingir”, ela rebateu, fazendo referência ao simbolismo oferecido pela túnica negra de colarinho branco, usada por autoridades como ele.

“Ora, achei que representasse o potencial humano de integralidade”, a frase foi pontuada de escárnio. “Algo como entrelaçar harmonicamente o que está espalhado em desordem dentro e fora do indivíduo, a fim de criar um ser humano mais completo e, portanto, superior”, discursou de um modo debochadamente pomposo.

“Você não é o ignorante que pensei”, ela se surpreendeu, mantendo o desprezo. “Pior está sua condição, pois é extensa, larga e profunda sua responsabilidade!”

“Como acha que devo lidar com essas coisas?”, ele questionou como se questionasse a própria consciência. “Tem ideia do fardo que pesa sobre mim?”

Pensa que o rebanho deseja outra coisa senão estômago cheio, conforto e segurança?”, desabafou. “Tu deves, tu deves, tu deves... É só o que esperam que eu cumpra e faça cumprir para que o pasto não mude de lugar, para que a ordem de seu mundo fique inalterada, para que a sagrada liturgia viciante de seus prazerezinhas cotidianos se mantenha inviolada.”

Ele respirou fundo. Havia em sua fisionomia um peso de angústia que denunciava seus próprios conflitos, o que transbordou queixosamente:

“Ai de mim se não correspondo a suas expectativas. Seus balidos indignados e impacientes chegam sem demora aos ouvidos do grande dragão... Melhor seria perecer fulminado por um raio!”

“Tem razão”, a parteira interferiu. “Deixe que o raio proclamador dos novos tempos fulmine o seu espírito trevoso e pesado, a fim de que um novo homem, mais avançado, erga-se das cinzas como um ressuscitado.”

“Você destila engano!”

“Quem testemunha a meu favor é o seu próprio espírito”, os olhos examinaram profundamente os dele, buscando-o no íntimo. “Consulte-o! Pergunte se ele não anseia ir além. Inquiria se ele não deseja superar o que nele deve ser superado. Questiona se ele não quer compor e transformar em unidade harmônica o que nele está espalhado em pedaços, se não quer decifrar o que é enigma e redimir o que é apavorante acaso.”

Ensurdecido pelas vozes de seus medos covardes, o ministro não deu atenção às palavras da mulher. Longe disso, tomado de cólera, fugiu do assunto e passou a interrogá-la ameaçadoramente:

“Onde escondeu a criança?”

“O menino estará oculto até que chegue sua hora. Nem mesmo o seu adorado grande dragão poderá encontrá-lo”, retrucou.

Ao ouvir isso, ele alcançou a capa a um dos guardas e ordenou ríspido e convicto:

“Sacrifique um cordeiro, manche o tecido com o sangue e depois envie ao Ministério Supremo. Informe que as manchas são do sangue da criança, assassinada por esta bruxa num de seus rituais.”

Virando-se para o outro guarda, deu sequência às ordens:

“Mande preparar a fogueira para queimar esta mulher o quanto antes.”

E, erguendo o queixo, sentenciou:

“Na autoridade pela qual estou investido, eu a condeno por bruxaria e infanticídio.”

Depois que ambos saíram para cumprir o que lhes foi mandado, o homem olhou diretamente para a parteira e desferiu:

“Sua morte, mulher, resolverá o problema. Agora, a criança não pode mais contar com você para reverter o feitiço que a oculta, seja ele qual for. Assim, jamais chegará a hora desse menino!”

Pessoas de todos os lados correram o mais rápido que puderam ao local da execução. Excitada, a turba gritava impropérios à bruxa infanticida, enquanto os guardas atavam-na à pira. Ninguém sabia discernir o sentimento que fazia pulsar o sangue aquecido nas veias, se era repulsa ao crime ou prazer libidinoso. A volúpia de se perceber vivo, no entanto, explodia à flor da pele, fazendo esquecer, naquele momento, a frígida rotina dos dias sem sentido, insossos, insalubres, adoecedores do espírito.

O ministro pronunciou cerimoniosamente a sentença e determinou o cumprimento da pena. No instante em que ele calou a voz e os guardas acenderam a pira, a parteira se pôs a cantar um cântico de júbilo ao ciclo da vida, alimentado pela morte. O seu lirismo, apaixonado e sincero, era de intensidade tal que fez silenciar a multidão. Aos poucos, todos foram invadidos por emoções inexplicáveis, pois ninguém compreendia a força que ali se impunha com incomum equilíbrio entre êxtase e serenidade; exceto o ministro, cujo olhar denunciava um misto de angústia e vergonha que se ia aprofundando na medida em que a mulher entoava.

Quando o fogo rompeu as amarras que prendiam a parteira ao poste da pira, ela começou a dançar. Então sua música se elevou cheia de beleza, fazendo-se ainda mais forte e arrebatadora. E aquela a quem julgaram feiticeira dançou nas chamas com alegria, e dançou celebrando a plenitude experimentada em seus últimos dias, e dançou amando seu destino, porque lhe concedeu perecer com dignidade, e dançou até que o fogo lhe consumisse a carne e consumasse o espírito.

Ao término do ritual, o povo retornou a seus afazeres diários. Nas semanas que se sucederam, as pessoas fizeram de tudo para manter acesa a fogueira das sensações provocadas por aquele grande espetáculo. A um só tempo, no íntimo, aguardavam ávidas por mais algum escândalo que lhes fizesse pulsar de novo o sangue, ainda que fugazmente.

Nada se soube dizer, entretanto, a respeito do que ocorrera com o ministro da província após a execução. Muitas são as versões sobre aquele estranho sumiço. Alguns falam que ele foi para longe a fim de viver, outros, a fim de morrer. Fato é que nunca mais foi visto naquelas paragens.

Gente apequenada, gente arrebanhada

Nada além de sol, areia e uma monótona marcha. Assim transcorria aos olhos de Zaratustra sua primeira viagem pelo deserto. E embora pouco compreendesse, tudo observava.

A curiosidade daquele filhote chamava a atenção do jovem cameleiro. Não passou despercebido ao rapaz, inclusive, o estranho par de animais que os acompanhava de longe desde que saíram do mercado onde se conheceram – uma águia carregando uma serpente, não como presa, mas como companheira enrodilhada entre o pescoço e o corpo.

Aquela caravana estava designada a comercializar nas rotas da região desértica do Império e, por isso, um oásis foi o primeiro lugar de parada para negócios. Antes mesmo que as bancas estivessem montadas, os cidadãos locais já se acotovelavam para comprar suas mercadorias. Vendia-se de tudo: poções terapêuticas, tecidos, especiarias, cerâmicas, animais, adornos femininos, combustíveis para lamparinas. Sem importar de onde fora extraído, da superfície ou da profundidade da terra, da fauna ou da flora, do talento dos artífices ou da ciência dos alquimistas, tudo podia ser transformado em objeto para excitar desejos e, por que não desconfiar, sedar a vontade de potência de cada cidadão.

Ao típico oportunismo imperial, a qualidade inerente do mercado de permitir o desenvolvimento individual e coletivo, criando espaço à autorrealização por meio do trabalho e à consequente prosperidade, não convinha. Tudo se manteria no devido lugar enquanto o povo se servisse dele meramente para pão e circo. Assim o Império se empoderava tanto pelo entorpecimento das pessoas quanto pela riqueza que produziam. E ambos, de alguma maneira,

consentiam que as coisas fossem naturalmente dessa forma, pois o pão gerava sensação de segurança ao povo e o circo, ao Governo. Tanto que os produtos para atender a necessidades emocionais mais procurados eram os mais alinhados a uma mentalidade padronizada, permitindo que tudo permanecesse em sua devida ordem.

As moças gostavam dos lenços de seda coloridos, bijuterias e tudo que pudesse fazê-las bonitas. Os homens, moços e velhos, preferiam cavalos raçudos, espadas e adagas, pois isso lhes aumentava a sensação de masculinidade e ajudava a impor respeito. As mulheres se interessavam pelos produtos domésticos, sempre à procura de coisas que lhes permitisse cuidar melhor da casa e, assim, despertar a admiração de seus familiares e vizinhos. Também as crianças ansiavam por adquirir algo, fosse uma boneca de pano diferente para as meninas ou alguma geringonça de madeira para os garotos. Cada um, dos mais velhos aos pequeninos, queria se sentir especial e demonstrar isso aos outros com um brinquedo novo.

Zaratustra assistiria ao mesmo frenesi em todo mercado por onde a caravana passasse. Vilarejos ou grandes cidades, gente com maior ou menor instrução, cidadãos comuns ou servidores imperiais. Bastava expor os produtos para que todos acessem feito moscas em ataque a um doce. Sem importar a localidade, tudo se repetia exatamente igual. E aos olhos de Zaratustra, toda aquela gente mercadejada se mostrava humana, demasiadamente humana.

O consumismo se tornou um vício, e como tal um modo de vida irrefletido, porque a maioria das pessoas se encontrava vazia de si mesma, sem valor próprio, tendo necessidade, portanto, de tomar de empréstimo o valor dos

objetos para se sentir melhor consigo e, a um só tempo, angariar estima dos demais.

Tudo começou por causa da incompletude humana. O homem percebeu, desde tempos imemoriais, que lhe faltava desenvolver qualidades para ser quem gostaria. Frágil ante as potentes forças da natureza, finito ante a implacável morte, insuficiente ante as próprias expectativas, era ele pequeno demais para a grandeza das aspirações que borbulhavam ferventes em seu interior.

Oráculos ancestrais, atribuídos por alguns à própria voz divina e por outros a intuições do espírito humano, explicavam que, ao tomarem consciência a respeito de si mesmos, os primeiros pais também se deram conta de sua incompletude. Por isso ficaram envergonhados e confusos, tendo a sensação de que, ao perder a ignorância a seu próprio respeito, perderam um quê de pureza paradisíaca.

Entretanto, antigos escribas interpretaram tal incompletude como um pecado original, um mal intrínseco e incorrigível enquanto o ser humano estivesse neste mundo. “O corpo é a prisão do espírito”, afirmaram. “A única virtude possível é a luta contra si mesmo para se obrigar a cumprir os deveres”, doutrinaram. “Somente quem se opõe à própria carne recebe, no além-mundo, a suprema recompensa de ser transformado num ente gloriosamente perfeito para reencontrar o Paraíso”, apregoaram promessas.

Atos perversos, movidos por instintos primitivos ou mentes doentias, sempre ofereceram evidências de sobra quanto à malignidade absoluta da natureza humana. Ao menos, era o que pareciam indicar quando avaliados pela ótica da interpretação dominante. E por mais que cumprisse arduamente os deveres e se empenhasse a fazer o melhor, isso nunca bastava para alguém ser bom o suficiente. Afinal, aquela perspectiva mirava um ideal utópico de perfeição e

não as possibilidades de desenvolvimento em circunstâncias reais.

Enquanto isso, mentes engenhosas inventaram técnicas de controle para utilização de várias forças da natureza. Boticários elaboraram poções capazes de curar males do corpo e prolongar os dias de um vivente sobre a terra. Pensadores desenvolveram reflexões para aprimoramento comportamental e intelectual a fim de melhorar as condições de vida das pessoas. Economistas formularam regras de mercado e movimentos de capital para prosperidade dos povos. Artistas criaram obras arrebatadoras em cuja beleza se refletiu a sublimidade do espírito humano. Muitas foram as maravilhas reveladoras de uma dimensão mais profunda e rica de potencial na existência desse misterioso ser – tido por alguns como mero boneco de barro animado por divino sopro.

Nada disso foi capaz de mudar a percepção humana a respeito de si. O homem se feriu ao tomar consciência de sua pequenez, como criança que provoca um corte na mão ao apreciar a própria imagem na lâmina de uma adaga. Distraído pela dor, pôs-se a lamber lastimosamente a ferida, enquanto as lágrimas lhe embaçaram a visão de si mesmo a ponto de fazê-lo esquecer da própria beleza e potencial. Pois a incompletude é um tenro e belo broto de potencialidade a ser desenvolvida.

Ao contrário da ideia de perfeição paradisíaca, na qual tudo está completamente finalizado e inexistente possibilidade de mudança, a imperfeição está sempre repleta de incríveis possibilidades. Compreender isso é demasiado libertador e, portanto, não interessa àqueles que anseiam dominar. Estes, oprimidos sob o peso do próprio espírito grave e acovardados demais para romper suas amarras, procuram ludibriar sua íntima vontade de poder, que é seu primordial desejo de autorrealização, exercendo domínio sobre outros, fazendo-se senhores de outros para disfarçar a própria impotência.

Eis por que logo surgiram os pregadores de além-mundos, anunciando utopias, fossem sistemas socioeconômicos perfeitos, nos quais todos seriam igualmente nobres e teriam as mesmas condições de consumo no mercado, fossem doutrinas religiosas redentoras, nas quais haveria recompensas extraordinárias no pós-morte a quem se fizesse fiel.

Tanto um quanto outro se utilizou do mesmo mecanismo de dominação. Ambos falsearam a soberana vocação do homem para ir além. Deram-lhe a impressão de cumprir o propósito de sua existência ao se tornar servo de metas alheias – quando deveria ser ele arqueiro, seta e alvo de si mesmo. Confundiram arditamente individuação, como processo de crescimento pessoal, com individualismo, condenando isso com máxima veemência. E chamaram de crescimento pessoal o que era simples capacitação para a rotina de produção e consumo – ao que exaltaram soberanamente.

Dessa forma, sob o peso da desvalia nasceu, cresceu e morreu uma geração após outra, cristalizando um espírito de gravidade, ou seja, uma mentalidade pesada e lastimosa que determinava o mecanismo de raciocínio de cada alma cativa. Mais que isso: o mecanismo que permitia a dominação de toda alma que já nascia para o cativo, ansiosa por qualquer braço paternalista que lhe oferecesse, ao menos, uma sensação de proteção.

Portanto, o espírito humano se tornou fraco, abatido pela descrença em si próprio, letárgico por desprezar o próprio potencial. Essa debilidade levou os indivíduos a se amontoarem como ovelhas, fazendo-se irmãos pela mentalidade de rebanho, permitindo-se conduzir por qualquer pastor, sujeitando-se a todo tipo de exploração em troca de algum cuidado. E uma fadiga pobre e ignorante fez o homem ansiar por vida numa rotina de distrações para mortificação da consciência, e por autorrealização num gesto mágico de algum poder exterior, e por metamorfose num salto a utópicos além-

mundos sociais ou espirituais.

Esquecidas ficaram, porém, as palavras dos mesmos oráculos ancestrais sobre a natureza humana. Estava dito, desde o início, antes até de se falar de sua falibilidade, que o ser humano veio a existir conforme a imagem divina, que havia nele uma natureza repleta de possibilidades. Sim, ele teria a *Imago Dei* – e quem assim afirmou foram os próprios escribas que fecharam os olhos para isso. Ele carregaria, em si, incalculável potencial de crescimento. Ele seria um já-mas-ainda-não, uma ponte sobre o abismo, uma corda estendida nas alturas entre o inconsciente primitivo e o consciente amadurecido. Na verdadeira travessia, a sua genuína grandeza. No sucumbir e superar, a sua soberana vocação.

A vocação para ir além

À medida que avançava o tempo, o jovem cameleiro ia se habituando a falar com Zaratustra. Ele notou que, embora o camelo apenas ruminasse e talvez sequer compreendesse palavra alguma, o fato de verbalizar pensamentos àquele misterioso animal lhe permitia refletir melhor sobre as próprias ideias. Assim, certa noite, no meio do deserto, enquanto os demais integrantes da caravana, sentados ao redor da fogueira, bebiam e se vangloriavam de suas efêmeras aventuras, o rapaz se pôs mais uma vez a conversar com Zaratustra.

“Já se passaram muitas luas, mas a conversa com a mulher que entregou você a mim ainda surte efeito. Em minha cabeça, eu sigo considerando e reconsiderando tudo aquilo.”

“Acho que sou um escravo do dever. E, neste caso, o meu dever é vender, atendendo ou não a uma necessidade real de quem compra, melhorando ou não sua qualidade de vida por isso”, o jovem refletiu sob a abóbada escura, pontilhada de estrelas. “Preciso apenas cumprir o que me está imposto. Nenhum compromisso me cabe com o bem-estar das pessoas. Se ficam melhores ou piores com aquilo que faço, é estritamente da conta delas.”

“Tenho me dado muito bem jogando assim. Mas questiono, ultimamente, o valor das moedas que arrecado dessa forma. Afinal, poderei estar contente num mundo de pessoas descontentes? E como alguém experimentará algum contentamento, se cada um correr atrás exclusivamente dos próprios interesses?”. O cameleiro desviou o olhar para o deserto mergulhado nas trevas da noite.

“Não consigo imaginar um meio de quebrar esse círculo que, feito roda de

moinho, tritura a semente do espírito humano. Se abandono tudo, fujo da vida e, em meu lugar, outro fará o papel da mula a manter o triturador girando. Se permaneço, fico atado ao jugo que me aprisiona e obriga a andar circulando pelo mesmo trilho.”

Nisso, ocorreu-lhe uma ideia perturbadora:

“Quer saber? Projetamos até sobre os deuses a escravidão dos deveres como maneira de se obter algum valor pessoal. Sim, nós lhes imputamos a obrigação de realizar todas as nossas expectativas. Eles devem ser e agir como acreditamos. Isso significa que se houver um Deus verdadeiro, nós somos incapazes de enxergá-lo por rejeitar quem ele realmente é.”

Uma pausa se impôs, já que aqueles pensamentos precisaram se ajustar na cabeça do rapaz. Só então prosseguiu:

“A verdade, meu caro Zaratustra, é que somos todos camelos carregando nossas cargas, seguindo a mesma rota exaustivamente, ruminando nossa recompensazinha como se isso fosse tudo. Só que ninguém, jamais, consegue se autorrealizar assim.”

Ao ouvir isso, o camelo voltou o olhar às próprias corcovas, mostrando-se inquieto e irritadiço, como se a conversa do jovem cameleiro o fizesse perceber sua triste condição.

“Acalme-se, meu amigo. Apesar de tudo, também persistem em mim estas palavras: ‘Não deixe morrer o herói que existe em você’. E, eu acho, essa é a única maneira de não desesperançar das possibilidades, a única maneira de permanecer disposto a criar algo realmente novo, criar algo que faça a vida verdadeiramente valer a pena.”

De fato, estava vivo o herói existente no camaleiro, como é natural em todo espírito jovial. O seu querer era forte e, assim, intenso o poder que o metamorfoseava dia a dia. Porque o querer liberta, e a liberdade é criadora, e encontra meios de satisfazer o querer, alimentando o círculo virtuoso do processo de crescimento.

Quando foi contratado para ser camaleiro, o rapaz pediu ao chefe da caravana que o deixasse também atuar como mercador. Pois queria ir além. Diante da resistência do homem, ele propôs receber meia medida de salário e de ração sempre que deixasse de atingir uma meta de comercialização que eles estabeleceriam de comum acordo. O chefe jamais ouvira ideia semelhante, já que todo trabalhador do Império recebia salário igual para gastar no mercado, e deste modo manter a roda de produção e consumo, como também igual medida de alimentos para o sustento físico. De qualquer maneira, aquilo soou feito boa música aos ouvidos do mesquinho e experiente negociante. Tudo que melhorasse o resultado de arrecadação da caravana certamente agradaria ao Império – e isso era interessante para que os mecanismos imperiais não o incomodassem.

A condição de desafio motivou o jovem a superar os demais companheiros de caravana nos negócios. Pois queria ir além. Tudo ele fez com prazer e, portanto, quase sempre foram seus os melhores resultados.

Enquanto, nas cidades, seus companheiros procuravam tabernas e mulheres para anestesiar a angústia provocada pela comichão da vontade de potência, o rapaz inventou de cobrar uma moeda do colega que estava na vez de fazer turno de segurança, a fim de assumir o posto. Pois ele queria ir além. Por causa disso tudo, discreta e gradativamente, aquele rapaz prosperava, juntando recursos diferentemente dos outros.

Só que o moço queria ir mais além. O seu desejo, desde que fora vivificado pela parteira de Zaratustra, era superar a própria condição humana convencional para criar uma nova condição humana para si. E o poder de sua vontade o tornava livre para inventar um jeito diferente de fazer as coisas um dia após outro, mesmo sem se aperceber disso.

“Quero comprar para distrair meu espírito cansado”, confessou certa vez uma elegante mulher.

“Não é desta mercadoria que precisa seu espírito”, o jovem camaleiro estranhamente se opôs. “Ele precisa dançar, porque um dia que não o tenha feito dançar é tempo perdido. E ele precisa rir, porque uma verdade que não lhe tenha provocado alegre riso é uma falsidade. E ele precisa brincar, porque uma coisa que não seja interessante para provocar a criança que nele existe é fútil e dispensável.”

“Ora, que mercador é você?!", exclamou surpresa. “Desse jeito não vende produto algum.”

“Ultimamente, sinto-me satisfeito e de nada preciso. Por isso, eu negocio de acordo com as suas necessidades, não com as minhas”, disse com naturalidade.

“Um mercador generoso... Isso é novidade”, sorriu cinicamente, lançando um olhar provocativo ao rapaz.

“Antes de ser mercador, sou humano. Assim eu me guio.”

“E onde ficam suas obrigações? Você tem o dever de produzir. Todo o mundo tem”, sustentou o tom de provocação.

“Na verdade, é como se eu tivesse descoberto um reino dentro de mim. Estou satisfeito por tê-lo encontrado. E quero explorar seus tesouros. O que eu fizer aqui fora será resultante daquilo que eu conquistar aqui dentro”, apontou o

próprio peito.

“Hum... Você me parece o mercador mais confiável que já conheci”, esticou o longo dedo indicador, apoiando-o com elegância ao lado do rosto. “Hoje você não me venderá um único produto. Em compensação, a próxima compra que eu fizer será com você”, pontuou, visivelmente instigada.

O chefe da caravana, que sempre andava à espreita a fim de evitar que alguém o lograsse, ficou bastante irritado com aquela conversa. O homem baixo, troncudo e de olheiras profundas observava a gradual e constante mudança de comportamento do rapaz. Conforme raciocinava, tal transformação só podia se dar por causa daquele “camelo enfeitiçado”. Sem gostar nem um pouco do que seus olhos testemunhavam, ele temia sobremaneira as possíveis consequências. Afinal, isso poderia suscitar a fúria do grande dragão contra a caravana que liderava.

O que se pode perder numa tempestade

Zaratustra viveu muito tempo no deserto. Dez solstícios de verão se sucederam um após outro sobre as areias quentes da rota mercante à medida que o animal foi se desenvolvendo e ganhando porte, tornando-se uma resistente e útil besta de carga.

O rapaz, com o passar das muitas estações, teve a barba crescida – bem como o espírito amadurecido. Ele deixou de ser cameleiro para ser o melhor mercador da caravana do deserto. Ainda era, porém, o único a cuidar de Zaratustra. Isso porque, enquanto o mundo girava sob seus cascos, o camelo se fazia mais e mais difícil de lidar, não permitindo que ninguém lhe pusesse carregamento ou conduzisse, senão o homem que o acolhera quando jovem.

Tal situação deixava o velho chefe da caravana preocupado e aborrecido. Ele vivia apreensivo com a contínua evolução tanto daquele que fora cameleiro e se tornara sábio negociante quanto daquele a quem chamava de “camelo enfeitado”. Difícil era para o veterano líder aceitar o fato de que, embora se destacasse acima dos outros nos negócios, o jeito do seu melhor mercador fazer as coisas era bem diferente do convencional. Ainda assim, o velho se permitia tolerar a situação porque gostava dele e, tinha de admitir, seu comportamento se mostrava altamente produtivo.

O que contrariava o senso comum era que aquele jovem mercador havia rompido o modo costumeiro de se fazer comércio e, apesar disso, obtinha resultados. Ele, com naturalidade e generosidade, desaconselhava a compra a um freguês pela razão de julgá-la supérflua ou inapropriada àquela circunstância. Trabalhava com tal tranquilidade que parecia um homem rico envolvido num jogo por simples prazer, participando por causa da

experiência oferecida em cada rodada, sem se preocupar com o ganho ou a perda de algumas moedas.

Não que lhe faltasse responsabilidade. Longe disso. Ele seguia comprometido com aquilo que fazia. O seu compromisso, entretanto, não se mostrava pesado, imposto pelo dever. Antes, era leve, conduzido ao sabor da satisfação de crescer como pessoa humana lance a lance do emocionante jogo da existência.

E, para estranheza de todos os companheiros, a freguesia amava o sábio mercador sempre mais e sempre mais confiava nele, fazendo-o bem-sucedido no final das contas. Mas ele a nada se apegava, pois, como acostumou dizer, “quanto menos se possui, tanto menos se é possuído”.

Certo dia, quando a caravana aprontava sua partida de um vilarejo no meio do deserto, construído em torno de um antigo poço, Zaratustra se recusou terminantemente a ser carregado. O mercador insistiu para que o camelo se ajoelhasse a fim de receber a carga, mas ele se manteve teimosamente em pé.

“Vamos, meu amigo. Só lamenta o trabalho o espírito pequeno”, disse com naturalidade. “Você ainda não percebeu? Trabalho é brincadeira de gente grande”, o sorriso que abriu seria suficiente para incentivar qualquer um, mas não surtiu efeito em Zaratustra.

Vendo aquela teimosia, o chefe da caravana não suportou mais. Tomado de cólera e disposto a tudo para acabar de vez com os problemas causados pelo camelo, ele desembainhou a espada e, esbravejando, lançou-se contra o animal.

“Maldito! Hoje eu te mato!”

O jovem mercador, tentando evitar o pior, pôs-se entre o velho e o camelo:

“Por favor, não!”

“Saia da frente!”, o rosto do chefe já estava vermelho de cólera. “Esse animal deve morrer, ou acabará despertando a ira do grande dragão contra nós! Onde já se viu?! Rejeitar a própria carga é sacrilégio!”

Naquele instante, as pessoas que se aproximavam, atraídas pelo alvoroço, tiveram a atenção desviada pelo grito da águia que, com a serpente enrodilhada em si, voava a certa distância na direção do poente. Com olhares assombrados, ninguém podia acreditar naquilo que se desenhava no horizonte.

“Deus Compassivo!”, o líder da caravana sentiu faltar as pernas. “Eu sabia...”, balbuciou um lamento, enquanto a espada lhe escorregava da mão.

Nem o experiente chefe da caravana, nem os anciãos mais antigos do vilarejo, pessoa alguma, enfim, havia testemunhado uma tempestade de areia tão avassaladora quanto a que se abateu sobre eles naquele dia. Mesmo acostumados a esse tipo de tempestade, a violência foi tanta que os cidadãos quase nada puderam fazer para evitar a perda de algumas vidas e o imenso prejuízo causado.

Perplexos com a narrativa do veterano comerciante, a quem não restou dúvida sobre suas suspeitas, todos se convenceram de que a catástrofe era resposta do grande dragão à insubordinação do camelo enfeitado. Cheia de

temor frente ao terrível castigo recebido por acolher um animal amaldiçoado, cada pessoa do vilarejo foi desencorajada até mesmo de suas mais tímidas aspirações de fazer algo diferente, propondo no íntimo renovar seu compromisso com o poderoso Não-Farás. A história logo correu mundo, inspirando outros rebanhos a agirem da mesma forma.

O jovem mercador, durante a confusão da tempestade, conduziu Zaratustra à maior distância possível do vilarejo, a fim de salvá-lo. Entretanto, a força da tormenta fez com que ele largasse a rédea e perdesse seu amigo de vista. Apesar da procura exaustiva e aflita às cegas no nevoeiro de areia, o homem não conseguiu mais encontrar o camelo. Ele perdeu seu companheiro, perdeu Zaratustra.

“Meu senhor”, parado à porta, o general-maior do exército imperial, com sua veste vermelha e colete de malha de aço, segurando o elmo ao lado do peito, pediu licença ao inquisidor-mor.

O ministro, com tapa-olho do lado esquerdo, sentado atrás de uma ampla escrivaninha de madeira abarrotada de pesados livros com capas de couro, colocou a pena no pote, ao lado do tinteiro, fazendo, em sequência, sinal com um gesto de mão para que o outro entrasse.

“Sobre a tempestade de areia provocada pelo dragão Não-Farás ao sul do deserto...”, narrou hesitante, “nossos espiões descobriram o nome do camelo enfeitiçado.”

“Por que o suspense, homem?!” A pausa na fala do comandante lhe causou estranhamento. “Fale de uma vez!”

“Bem... Ele se chamava... Zaratustra”, a voz declinou ainda mais apreensiva.

“O mesmo nome do bebê sacrificado pela bruxa...”, refletiu o inquisidor-mor, penteando com uma das mãos o cavanhaque perfeitamente alinhado que, embora escuro como a noite, assim como seus ralos cabelos cuidadosamente penteados para trás, passara a exhibir alguns fios brancos.

“Onde está esse camelo?”, num movimento abrupto, o ministro se levantou da cadeira, fazendo esvoaçar a capa negra e encarando o general com o único olho fuzilante. “Vocês o capturaram?”

“Meu senhor... Eu sinto... Mas... Ele desapareceu!”

Quando só resta o deserto

O deserto é um lugar de ausências. Talvez por isso facilite tanto a percepção da presença de si mesmo a quem o atravessa.

Jornada solitária, de pegadas dissolvidas pelo vento, apenas o caminhante sabe o quanto lhe custa e o que lhe rende cada passo. Na imensidão de céu e terra, ele se depara com a profundidade do próprio ser. No escaldante inferno diurno e na sombria frieza noturna, acha abrigo no santuário que edifica em seu próprio interior. Na carência extrema do essencial à vida, encontra em si as forças primordiais de um sobrevivente. Onde tudo é nada, ele aprende a descobrir seu todo.

Quarenta dias e quarenta noites Zaratustra vagou perdido. Nesse tempo, a consciência que nele havia despertado, como frágil broto, nascida sob o regador de suas experiências com as pessoas nos mercados, foi, paradoxalmente, incitada a crescer pela aridez do deserto.

De início, ele, que até então não queria mais ser camelo, que se cansou de ir e vir como besta de carga, revoltou-se contra o destino. Pois seu destino o condenou a perecer naquelas areias. Melhor seria, considerava o camelo Zaratustra, permanecer animal subserviente. Assim não teria perdido seus prazerezinhos – o ruminar das recompensas pela rotina alienadora, a companhia do rebanho da caravana, os jogos de sedução das fêmeas no cio. À medida, porém, que o afundar pesado dos cascos na areia lhe consumia as energias do corpo, ele se via obrigado a ir deixando pelo caminho todas essas ponderações que lhe faziam carga ao espírito.

Ausência e presença. Das mãos da primeira, Zaratustra foi agraciado com a

leveza de nada possuir e por nada ser possuído. Da segunda, agraciado com a sensibilização à vida pela proximidade da morte. Estas duas dádivas lhe concederam o estreitamento dos laços consigo. Em lugar da revolta, aos poucos, ele passou a amar o destino que o colocou face a face com a própria imagem, a ponto de fazê-lo vislumbrar os contornos da sua potencialidade, apesar das limitações ainda impostas por seu discernimento de camelo.

Mas já estava tarde para Zaratustra. Enfraquecido, o corpo do animal tombou aos pés de uma duna. Feito minúsculos vermes a consumir a carne abandonada pelo fôlego da vida, as desesperanças devoram de pequeno em pequeno bocado o ânimo de quem se perde nalgum deserto. Aonde ir quando o horizonte nem se move, desprezando qualquer investida do caminhante? Qual rumo seguir quando o cenário se mostra sem alternativa por todos os lados? Ao menos, tendo experimentado mais de si mesmo naqueles dias, sucumbia ele melhor do que tinha vivido.

A morte, essa velha sagaz, esperou um pouco, no entanto. Nada é certo, sabia ela. Nem mesmo a hora de sua inclemente chegada.

Nesse intervalo, o espírito de Zaratustra resolveu ultrapassar sua condição.

“Não deixe extinguir o herói que há em você...”, o chamado lhe ressoou na cabeça.

Enfrentar a enorme duna poderia matá-lo de vez. Ou revelar um novo horizonte. De uma forma ou de outra, o gigante de areia à frente se afigurava ativo naquele momento derradeiro, delimitando fronteiras tal qual o grande dragão Não-Farás fez durante os dias de existência do camelo Zaratustra.

Vencer aquela duna, ou morrer tentando, seria o mesmo que superar o monstro cuspidor de fogo, consumando a existência com os louros de quem se nega à domesticação.

De mais a mais, assim também é o deserto: vive-se nele um momento por vez, sem saber o que se pode ganhar ou perder no embate com o próximo desafio.

Acordou Zaratustra aos poucos, dando-se conta de que não sonhara com a vitória, nem com o riacho diante dos olhos, cuja água fresca lhe saciou a sede antes de, exausto, entregar-se ao prazer de um descanso reparador. Meio entorpecido pelo sono, avistou a curta distância a duna contra a qual havia lutado com bravura. O monstro ainda apresentava as cicatrizes de sua derrota: um rastro deixado pelo camelo após vencer o topo e escorregar aos tombos pelas costas do monte de areia, superando definitivamente o deserto que o flagelou a ponto de quase lhe arrancar a vida.

Ele percebeu que a vegetação esparsa era composta por arbustos isolados, poucas árvores e, em sua maior parte, grama. Aquele era o limite entre o deserto e a savana. No céu, o Sol estava perto do horizonte, onde encontraria seu ocaso, o que significava que Zaratustra tinha dormido a tarde inteira.

Erguendo-se, o camelo se achegou a um canto da margem do ribeiro, onde se formava uma pequena bacia de água tranquila, a fim de beber mais alguns goles. Ao se defrontar com a própria imagem refletida, percebeu que a pelagem em torno de seu pescoço e cabeça havia crescido excessivamente nos últimos dias. Mais se assemelhava ela a uma juba, conferindo-lhe uma

aparência elegante e imponente.

A sua atenção, entretanto, foi desviada para um pequeno bando que se aproximava da corrente d'água na margem oposta. Os homens, vestidos de diversas maneiras, estavam fortemente armados. Alguns usavam túnicas e turbantes; outros, calças muito largas nas pernas mas estreitas nos tornozelos, com camisas igualmente largas, de mangas longas com punhos fechados, e cabeças descobertas; outros, ainda, trajavam saias que iam até os joelhos. Quanto às armas, cada um parecia carregar a que melhor lhe agradasse, havendo entre eles espadas e adagas, arcos e flechas, compridas lanças, além de escudos de formatos variados. A falta de uniformidade das roupas e armamento indicava não se tratar de soldados do Império. Talvez fosse um grupo de ladrões.

Aparentemente, eles não notaram a presença de Zaratustra.

Quieto, o camelo se agachou devagar na tentativa de continuar despercebido. De repente, alguém pulou sobre ele, agarrando-se nas corcovas e, de imediato, passando-lhe um laço no pescoço. Os demais se puseram a rir, pois sabiam o tempo todo que o animal estava ali. Eles agiam traiçoeiramente para distraí-lo, enquanto o companheiro se deslocava sorrateiro para capturar a besta.

Zaratustra, indômito, pôs-se a pinotear, e pinotear do jeito ardoroso que aprendeu ser imprescindível ao enfrentamento de um adversário. O homem, que vestia calças bojudas e camisa larga, sobreposta por um colete de couro, entretanto, mostrou-se tão obstinado quanto o camelo, agarrando-se à volumosa juba com vigor.

O bando ria do espetáculo, à medida que assistia ao acirrado embate. Até que Zaratustra decidiu correr savana adentro, saltando o máximo possível a fim de expulsar o opressor. E assim foram ambos até sumirem, enquanto o bando

seguir rindo da situação em que se metera seu companheiro.

SEGUNDA PARTE

*Para o ser humano sempre me impele minha fervorosa vontade de criar;
assim o martelo é impelido para a pedra.*

*Ó humanos, na pedra dorme uma imagem, a imagem de minhas imagens! Ah,
que ela tenha de dormir na mais dura e feia das pedras!*

*Agora, meu martelo investe furiosamente contra a sua prisão. A pedra solta
estilhaços; que me importa?*

*Quero completar isso: pois uma sombra veio até mim – a mais silenciosa e
mais leve das coisas veio um dia até mim!*

*A beleza do super-homem veio até mim como sombra. Ah, meus irmãos! Que
me concernem ainda – os deuses!*

Friedrich Nietzsche

O que se pode ganhar numa luta

Tenazes, homem e animal prosseguiram o embate ao longo do curso d'água, até caírem cansados num vau do riacho. Sobre o pequeno banco de areia, parcamente iluminados na penumbra do fim de tarde, os rivais mediram um ao outro. O oponente de Zaratustra estava perto da meia idade e, embora não fosse robusto, tinha um jeito moleque e aparentemente teimoso que prometia dificultar as coisas para o camelo.

Decidido a se livrar, Zaratustra encheu o peito buscando recobrar um pouco das energias e, com tranquilidade irônica, ergueu-se, fazendo menção de seguir caminho. Em resposta, o adversário também usou de ironia, apertando um canto dos lábios num sorriso cínico para, no instante em que o camelo deu o passo, dar um tranco na corda.

A corda em torno do pescoço de Zaratustra o impedia de se livrar do inconveniente opositor, que tinha enrolado a outra extremidade no pulso, deixando clara sua determinação de subjugar o camelo. Mas Zaratustra não havia chegado onde chegou para se tornar novamente servo de carga. Numa reação violenta, tentou sair em disparada, arrastasse consigo o homem ou não. Porém, o salteador conseguiu segurá-lo, já que o animal ainda sentia bastante o desgaste sofrido no deserto. As forças de ambos, portanto, equivaliam-se, criando o impasse.

E assim entraram eles naquela noite sem luar. Ora lutavam, ora caíam esgotados. Vigiam-se mutuamente nos intervalos de confronto. Em meio à escuridão, observavam, de acordo com o possível, as tendências de movimento um do outro.

Um quarto de noite, meia-noite, a madrugada, trazendo consigo um frio que lhes gelava os ossos, amenizado a cada vez que tornavam a se enfrentar. Em toda tentativa, porém, as forças se equilibravam. Mas nem um nem outro se rendia à desistência.

Perto da aurora, o homem pôde distinguir melhor a fera contra a qual combateu a noite toda. Ela se metamorfoseou ao lutar. Não mais era camelo. Era leão!

“Sei quem é você”, afirmou o perplexo adversário.

Nisso, o grito da águia carregando a serpente rasgou o ar, ecoando acima deles.

“Você foi o camelo enfeitado cuja história se espalhou pelo mundo. E, agora, eu assisti à sua transformação”, deduziu assustado. “Você não é outro, senão Zaratustra!”

O homem que lutou com Zaratustra, cuja personalidade carismática o fizera líder do grupo, chegou ao acampamento caminhando com seu jeito casual. Junto de si, andava também o leão, exibindo a imponência natural de fera nos movimentos – o que pôs todos em agito. Alguns, inclusive, colocaram-se em posição de defesa, temerosos de um ataque.

“Acalmem-se”, disse o que vinha chegando, vestindo camisa larga e calças bojudas, apertadas tanto nos pulsos quanto nos calcanhares, e também colete de couro. “Ele me segue voluntariamente”, uma das sobrancelhas se ergueu, desenhando o atrevimento de um garoto que realiza um grande feito.

“E onde você arranhou esse leão?”, o mais jovem do bando, que tinha traços orientais, mostrou-se curioso.

“Sim. Por que ele seguiria você?”, questionou um ruivo muito grande e forte, cuja voz soava como trovão, tendo uma barba farta como os bárbaros costumavam ter.

“Lembram-se da história que ouvimos a respeito de um camelo enfeitado, castigado pelo poderoso dragão por causa de sua rebeldia? Pois aqui está ele, transformado em leão.”

“Só podia ser mesmo um camelo para seguir alguém tão docilmente”, o bárbaro retrucou desconfiado, pois, igual aos demais, não acreditara de imediato naquela conversa.

Nisso, Zaratustra se irritou, arreganhando os dentes ameaçadoramente – o que não intimidou o enorme ruivo, que retribuiu rosnando com os dentes rilhados.

O líder do bando deu calmamente uns leves tapas nas costas da fera a fim de apaziguá-la, enquanto explicou:

“Ele não me segue por docilidade. Está comigo por dois motivos. Primeiro, porque eu sou bonitão”, apertou um canto dos lábios, formando o sorriso maroto que lhe era comum. “E, segundo, porque eu lhe disse que também somos leões e ensinaremos a ele, que há pouco era camelo, a ser um bravo leão.”

Ao ouvir estas palavras, Zaratustra desviou sua atenção do bárbaro que o aborrecera para examinar a si mesmo, mostrando que ainda estava confuso com a própria mudança.

“Ah, é?”, admirou-se do argumento aquele entre eles que fora publicano, ou seja, um funcionário público. No caso dele, zelador de depósito de

mercadoria do Império. “Quem disse que somos leões?”

“Eu digo!”, reafirmou o comandante, estufando o peito. “É chegada a hora de nos tornarmos o que somos.”

“Renegados salteadores?”, ironizou o publicano.

“Somos guerreiros, não capangas do Império”, o líder, deixando seu jeito maroto, devolveu asperamente. “Há muito estamos insatisfeitos por fazer o serviço sujo para as autoridades. A transformação de Zaratustra é um sinal para nós. Pois esta bravura contida no peito não suporta mais continuar servindo aos propósitos daqueles corruptos.”

Ao dizer isso, correu as vistas, olhando nos olhos de cada um dos companheiros, que somavam quarenta com ele, e inquiriu com firmeza na voz:

“Quem aqui está satisfeito com a vida que levamos?”

Os homens resmungaram entre si, demonstrando claramente o quanto repudiavam a condição em que haviam chegado.

“Quem aqui não está a ponto de preferir a morte do que seguir como se fosse animal de carga?”

Em concordância, a maioria se mostrou ainda mais incomodada, como se estivesse no limite daquela situação.

“Quem aqui não quer pôr um fim nisso?”, o tom de voz subiu.

Desta vez, palavras de apoio pipocaram por todo o grupo.

O líder, de personalidade forte e extrovertida, erguendo o punho, esbravejou:

“Nunca mais seremos camelos!”

Exceto o publicano, que se pôs a medir os demais, o bando respondeu com

um forte urro, empolgado por sentir que esta era a sua verdade.

“O que somos?”, berrou ele, em seu contagiante ardor, num timbre de rugido.

“Leões!”, gritaram todos e começaram a esmurrar o peito, urrando igual feras. Naquele momento, até mesmo o publicano se deixou envolver pelo entusiasmo do grupo. “Leões! Leões!”, rugiam inflamados, reafirmando aquilo uns aos outros.

Igualdade rasa, desigualdade profunda

À noite, em torno da fogueira, Zaratustra, o leão, fartava-se pela primeira vez de carne, depois de ter viajado o dia inteiro com o bando pela savana.

O mais velho do grupo, um homem negro, de barba e cabelos grisalhos, a seu modo sereno e firme, questionou provocativamente os companheiros:

“Embora Zaratustra, o felino, talvez não compreenda nossas palavras, não deveria ele saber onde se meteu e o que o aguarda?”

A maioria concordou, enquanto o líder, com um gesto positivo de cabeça, entendeu que era sua responsabilidade contar.

“Este é um bando de piratas”, os olhos se fixaram no leão, que pareceu se interessar pela conversa devolvendo o olhar de forma atenta. “Nós tomamos de assalto os depósitos do Império, carregamos a mercadoria, depois a escondemos no labirinto de cavernas de uma formação rochosa que fica muito longe daqui, onde começam as florestas, e então vendemos para o mercado clandestino a preços mais baixos que os praticados normalmente”, deu de ombros, como se aquele trabalho fosse tão corriqueiro quanto qualquer outro.

“Parece fácil?”, o velho negro dirigiu a pergunta retórica ao felino. “E é!”

Os homens riram bastante.

Na sequência, o mesmo pirata emendou:

“Entramos e saímos dos depósitos acobertados por um esquema de corrupção que alimenta o próprio Império. Isso é contraditório?”, foi retórico novamente. “Nada contraditório quando se compreende o espírito do

Império.”

“Somos governados por um sistema que se julga compassivo”, a palavra foi retomada pelo líder. “Todo o povo recebe igual quantidade de salário e alimentação, até mesmo um ministro supremo – o que lhe é compensado, obviamente, por inúmeros, e ‘merecidos’, privilégios”, o tom irônico enfatizou o termo “merecidos”, destacando a contradição da ideologia oficial. “Aqueles entre o povo, porém, que se destacam, assumindo maiores responsabilidades e realizando atividades que exigem melhor preparo, acabam amargando um sentimento de injustiça. Sim, meu cabeludo amigo”, ele chama a atenção de Zaratustra para a relevância deste ponto, “tratar os diferentes com igualdade causa injustiça ao invés de justiça. E quanto maior a injustiça, seja lá qual for o sistema, maior a tendência de surgir insatisfeitos que busquem mudanças. A corrupção, portanto, serve não apenas para enriquecer veladamente a cúpula do Governo, mas, também, para subornar e domesticar insatisfeitos que estejam em alguma posição de influência sobre o povo. É deste modo que se equilibram as forças do Império.”

“A fila de corruptos é comprida”, a interferência veio do jovem com traços orientais. “Ela se estende desde o zelador e guardas de depósito, agentes da fiscalização, chegando aos membros do Ministério Supremo. O dinheiro que ganhamos, vendendo os produtos roubados, serve para subornar os zeladores. Como os subornos são altos, as moedas seguem a trilha da corrupção, ficando um tanto em cada mão, a depender do grau de hierarquia, até abastecer os mais poderosos.”

“Se você consegue nos compreender, Zaratustra, verá que não somos ignorantes”, o bárbaro com voz potente observou. “Somos condenados escolhidos a dedo para compor este bando. O publicano ali, por exemplo, foi a julgamento depois que o depósito onde era administrador sofreu denúncia

por participar do esquema de pirataria. Teve de assumir o crime sozinho. Acabou preso. Mas, beneficiado por um acordo oculto, fugiu facilmente, orientado a se juntar a nós.”

Em seguida, o indicador do ruivo apontou para o negro com barba e cabelos grisalhos.

“O crime do professor foi se apaixonar por uma pupila quando ele ainda estava no início da carreira. Ou pior: a moça, com idade para casar, também se apaixonou pelo mestre perdidamente. O problema é que o pai, homem influente, jamais entregaria a filha a um assalariado honesto, sem fonte de riqueza paralela a sua atividade. Você já pode imaginar o que aconteceu. O professor é o mais antigo entre os piratas conhecidos.”

O bárbaro ruivo silenciou a voz que, ainda quando falava baixo, soava como rumor de trovão. O olhar se perdeu, antes que ele prosseguisse, como se tivesse se distanciado no tempo. Então arrematou:

“Eu fui um oficial do exército que tinha ideias próprias...”, riu consigo, ainda inconformado com o que lhe acontecera, e nada mais disse a seu respeito. “O bonitão ali”, um gesto de cabeça fez referência ao líder, “foi um famoso ator e escritor de teatro, de língua comprida e crítica demais para o gosto imperial... Enfim, temos aqui homens de etnias, idades e bom preparo em diversas áreas, cujo verdadeiro crime foi, cada um a seu modo, infringir os interesses do sistema. Aliás, este é o caso de quase todos”, a narrativa ganhou ares de desprezo, “porque há neste meio quem já estivesse chafurdado na lama muito antes de entrar no bando.”

O publicano se limitou a disparar uma expressão rancorosa ao bárbaro.

“Irônico, não?”, o professor interferiu. “A maioria de nós foi perseguida por ser politicamente incorreta. Depois que entrou para uma vida de delito, tornou-se politicamente correta.”

“Mas agora, Zaratustra”, o comandante voltou a tomar a palavra, “nós que sentíamos a coceira de querer ir além, fomos inspirados por sua transformação. E nada nos impedirá de superar esta humilhante condição em que nos encontramos.”

Diante disso, o bárbaro ruivo finalizou com um alerta:

“E num império de mediocridade como este, se erguermos a cabeça, seremos os mais odiados de todos os foras da lei... E, conosco, Zaratustra, você também será.”

Quando o herói fala mais alto

No dia seguinte, os piratas desmancharam o acampamento, como era de costume, a fim de não deixar pistas, e seguiram viagem. Quem os visse supunha se tratar de uma caravana mercante, tantos eram os camelos e cavalos carregados.

Nas paradas que faziam para pernoite, eles discutiam sobre seu futuro. Como agiriam? Que estratégias e táticas adotariam? Que objetivos queriam atingir?

Era ainda nesses intervalos que alguns membros do grupo brincavam com o leão, aproveitando para treiná-lo na arte da luta. E Zaratustra se mostrava satisfeito por estar ao lado de companheiros com os quais tanto se identificava. Aos poucos, o felino aprendia a caçar e combater, tomando consciência de suas habilidades.

Com quase duas luas de jornada, o bando terminou de atravessar a savana e chegou à cadeia de montanhas coberta por densa vegetação onde ficava sua base. A combinação entre o labirinto de cavernas que existia naquela formação e a extensa mata que seguia dali em diante oferecia lugar ideal para esconderijo de mercadorias e animais, além de abrigo seguro aos homens. Como se alojavam no início da serra, eles tinham a vantagem de estar próximos ao vale por onde corria o Grande Rio que leva ao mar, cuja navegação ligava as maiores províncias do Império, facilitando a negociação com mercadores clandestinos.

Exaustiva era a tarefa de descarga e armazenamento dos produtos. E ainda mais exaustivo era saber que aquilo tudo nada lhes acrescentava como seres humanos. Eles haviam se tornado meros serviçais, curvados e apequenados

sob o peso da carga imposta a seu espírito.

O bando costumava ficar algum tempo na base durante os intervalos das incursões. Nesse período, comercializavam mercadorias num afluente que serpenteava as montanhas em meio à floresta, correndo ao Grande Rio. O local permitia discrição e uma retirada furtiva pela mata caso isso se tornasse necessário por qualquer motivo.

Quando chegou a hora de partir para outra incursão, os quarenta piratas se reuniram a fim de decidir o que fariam de seu destino. Todos opinaram que deveriam prosseguir com a atividade, mas com uma importante diferença: invadiriam de surpresa os depósitos e não pagariam propina a ninguém. A mercadoria tampouco seria entregue a comerciantes clandestinos. O bando a distribuiria de graça à população mais próxima do depósito assaltado, de modo que se criasse espontaneamente um mercado livre, que concorresse com o oficial e estimulasse as pessoas à busca de resultados próprios, fazendo-as experimentar a possibilidade de superar sua condição para ir além.

O único a hesitar em relação à mudança de atitude foi o publicano, que defendeu a ideia de prosseguirem da mesma forma, já que o Império se voltaria violentamente contra eles caso se tornassem rebeldes. Pior ainda: se deixassem de fazer as coisas do modo como sempre fizeram, acenderiam a ira do dragão Não-Farás. E ele se encarregaria, pessoalmente, de caçá-los feito insetos, encontrando um a um, onde quer que estivesse, até incinerar a todos. Sequer seus corpos ficariam de herança para fecundar a terra.

A maioria, entretanto, já estava nauseada com a vida de rato que levava para sobreviver. Eram leões e assim se comportariam custasse o que custasse. A partir daquele dia, resolveram, eles seriam os predadores que sangrariam o Império.

“Quem sabe”, concluiu o professor durante a conversa que tiveram, “o povo

se inspira em nossa força. Quem sabe, nós abrimos caminho para o homem ultrapassar seu estado atual e evoluir a um novo patamar de sua humanidade.”

“Sim, só é livre quem pensa e age por si mesmo. E quem se encontra livre se vê obrigado a crescer para assumir a própria vida”, o comentário do mais moço foi entusiasmado. “É o que o professor vem nos ensinando. E o nosso espírito confirma isso. Porque o nosso espírito anseia romper limites para desenvolver seu potencial e, se for impedido de cumprir essa vocação, não encontra sentido em coisa alguma.”

O professor apenas sorriu pelo modo singelo, mas genuíno, que o jovem colocou as coisas.

Nem mesmo a frieza do medo podia aplacar a chama que ardeu no coração daqueles homens diante de tal perspectiva. E o comandante, líder inspirador que era, tomou a frente para fazer daquela centelha um incêndio, usando de seu talento para convocar o grupo a assumir verdadeiramente aquela mudança:

“Mortos estão os desprezíveis piratas que éramos... Renascemos guerreiros e guerreiros seremos – criadores de um novo mundo!”

“Deixaremos neste chão a marca de homens superiores”, ecoou a voz de trovão do bárbaro ruivo. “E se tivermos de tombar por isso, tombaremos lutando como homens superiores!”

“O que somos?”, bradou o líder rugindo.

E todos repetiram, igualmente urrantes, a identidade que se transformou em seu grito de guerra:

“Leões!”

E ele provocou para que bradassem ainda mais forte:

“O que somos?”

“Leões!”, responderam elevando o tom.

Junto com eles, dessa vez, Zaratustra começou a rugir. Mas, devido à inexperiência, ele se atrapalhou e desafinou os urros, o que fez alguns caírem na risada enquanto outros, animadamente, urravam forte para ensiná-lo. E o grupo, cujo espírito estava se tornando mais leve, virou uma balbúrdia de risos, berros e comemorações.

Compaixão não é complacência

O bando julgou necessário que dois de seus membros passassem a ficar na base, a fim de montar guarda enquanto os demais estivessem em incursão. Era preciso monitorar possíveis movimentações no território para que, porventura, o Império não os surpreendesse. Sabiam que, após o novo assalto, as forças governamentais se lançariam em seu encalço.

Eles deixaram a incumbência da vigília para o professor negro e o jovem oriental. Tratado ficou que, conforme o perfil de cada um e a tática da operação, seriam escolhidos os componentes da escala. Quanto a Zaratustra, acharam melhor que também ficasse, já que empreendiam uma ação diferente e eles mesmos ainda não podiam medir as consequências.

Após a saída do grupo, os três se organizaram de modo que o velho e o rapaz cumprissem ronda em separado durante o dia, aumentando a capacidade de cobertura da área, enquanto Zaratustra se postaria no mirante. Ao meio-dia e fim da tarde, todos deveriam se encontrar naquele mirante, que ficava à entrada mais alta do labirinto de cavernas.

O lugar era perfeito para detectar movimentações, pois havia uma pequena plataforma natural na boca da caverna que servia como sacada, cuja visão permitia enxergar ao longe do extenso vale cortado pelo Grande Rio que leva ao mar. Considerando que, às costas daquele ponto, estendia-se a serra coberta de mata densa, qualquer deslocamento maior por terra ou água se passaria, normalmente, às vistas de quem ficasse naquele local.

Ao entardecer do primeiro dia, o trio se reuniu, conforme o combinado. O Sol derramava generosamente seu ouro sobre a campina e a larga corrente de

água. Declinava o astro diante dos olhos deles, quando o guerreiro mais velho se pôs a falar com Zaratustra:

“Veja, amigo, o que é verdadeira compaixão. Em sua grandeza, o Sol engrandece aqueles com quem compartilha seu tesouro. Pois assim é a pessoa de espírito superior. Ela não usa daquilo que tem para humilhar e diminuir ainda mais o fraco.”

Zaratustra, o leão, parecia entender de alguma maneira as palavras de seus companheiros. Assim ele ia tomando cada vez mais consciência de si e das coisas.

“Mas um espírito primitivo confunde a vontade de poder com vontade de posse”, continuou o negro de barba e cabelos grisalhos, com seu jeito seguro e calmo. “Ele é possessivo e inibe a liberdade alheia a fim de se colocar numa pretensa dianteira. Qualquer que tenha mais capacidade o superará; o homem inferior, em seu íntimo, sabe disso. Então comete o erro supremo de empregar sua potência não para se desenvolver e se tornar grandioso, mas para apequenar todos à sua volta.”

“Como ele faz isso?”, com sua costumeira retórica, instigou os companheiros. “Sendo hipocritamente bom e compassivo. Ou seja: dando perversamente ao necessitado e sendo complacente com a fraqueza dos pequenos. Desse modo, ele envergonha e humilha e mantém a pequenez do outro.”

“Isso se dá em todos os tipos de relação humana... Casamento, família, equipe, nação – e caracteriza, sobretudo, este império”, observou. “A fraqueza do povo é a força de um governo populista. Agir com suposta solidariedade e benevolência forma um círculo vicioso no qual o cidadão desonrado pela própria insuficiência acaba dependente de seus governantes. Assim age todo poder político incapaz de girar a espiral libertadora do desenvolvimento.”

“Qual a diferença entre compaixão e complacência?”, foi outra vez retórico. “A compaixão se envergonha diante da humilhação alheia. Ela cria empatia e não permite a diminuição de quem recebe alguma dádiva sua. O compassivo socorre o outro em segredo, sem alarde, a fim de poupá-lo de rebaixamento. E quando oferece alguma coisa, permite que o outro retribua como puder para que mantenha dignidade. E se atende a um companheiro desfalecido, jamais o coloca num colchão macio, mas sobre incômoda cama de campanha, porque aí ele se levanta logo que puder em vez de amolecer.”

“Contempla, Zaratustra, contempla”, o velho mestre abriu os braços e um sorriso. “A grandeza do Sol não diminuiu a campina nem o rio. Todos se engrandecem juntos e aos olhos dos homens são igualmente belos e ricos. Quem é o compassivo, senão aquele que, ao invés de rebaixar para dominar, estende sua generosidade sem medo nem autopromoção, desejando que seu companheiro também cresça e se engrandeça?”

“Já a complacência alimenta a fraqueza do fraco, passa a mão sobre a cabeça do incompetente, afaga o relapso e o preguiçoso, porque monta perversamente sobre todos eles para se mover, parálítico que é.”

“Estes que se chamam bons, e justos e compassivos”, a potência da fala transpareceu indignação, “estes são os que nutrem o próprio orgulho com a desonra dos humilhados. Estes são os que se fazem maiores só porque cavalam nas costas dos menores. Estes, meus caros amigos, são os nanicos da humanidade!”

“Neles não se encontra verdadeira virtude. Pois quem é bom, e justo e compassivo, senão aquele que busca liberdade e dignidade para si e para os outros, a fim de que todos possam ir além?”, buscou os olhos de seus parceiros antes de continuar.

Daí sentenciou:

“Eis a única virtude genuína: crescer e deixar crescer!”

Então, mantendo o tom seguro e sereno que lhe era típico, acrescentou:

“E para ser compassivo, muitas vezes, é preciso ser duro. Porque todo criador deve ser firme, se quiser superar limites.”

“Professor, ouvindo suas palavras, eu me ponho a perguntar como os deuses lidam com essas coisas” A curiosidade do rapaz trazia à tona a importância do assunto a muita gente.

Enquanto a última réstia do Sol desaparecia no horizonte, o sábio negro mirou as poucas estrelas que começavam a cintilar e, em seguida, analisou:

“Você tem razão em pensar assim, meu jovem. Neste mundo no qual vivemos, onde camelos se metamorfoseiam em leões e pessoas são escravizadas por um poderoso dragão, entender o que se passa com os deuses nos ajuda muito a compreender o que se passa com os homens...”, a pausa para refletir indicou que ele mesmo estava sendo instigado a pensar mais a respeito daquela questão.

“O chamado Deus Compassivo, a quem o Império dirige sua devoção, deve viver atormentado por toda essa infernal complacência que tanto nos intoxica. Aliás, ele mesmo, penso eu, pode estar doente a ponto de morrer por causa disso.”

“E pode um deus morrer?!”, os olhos do moço se arregalaram.

“Como este é um processo longo, as pessoas não percebem, mas deuses nascem e morrem neste mundo. Basta conhecer a história dos povos para constatar. Nos primórdios, por exemplo, as divindades eram tribais e de consciência primordial. Essa geração de deuses pereceu, dando lugar a outra geração de entidades mais poderosas e domínios mais amplos, senhoras de nações inteiras. Entre elas, houve um deus tão colérico que sequer se podia

pronunciar seu nome. Ele era forte e dominante, às vezes até sanguinário, por isso deixou marcas importantes de sua passagem neste planeta até os dias de hoje.”

“Porém esse deus colérico aos poucos foi perdendo adoradores, e com isso a força, pois uma divindade nova, mais simpática e por isso influente, conseguiu conquistar devotos do Oriente ao Ocidente. Então, obsoleto, morreu o velho deus. Ao mesmo tempo, o novo, conhecido como Senhor da Compaixão, uniu em torno de si muitas nações, as quais vieram a formar este Império...”

“Mas...”, o jovem tentou encontrar as palavras certas para se expressar, “os deuses mudam ou é a nossa percepção que muda? Quer dizer: não seria a nossa noção de divindade que evolui?”

“Você é um rapaz esperto”, o velho mestre sorriu. “Compreendeu muito bem...”, parou de falar abruptamente.

Zaratustra, o leão, inclinou a cabeça de lado, revelando estranhamento, ao passo que o moço com traços orientais quis saber:

“O que houve, professor?”

“Ocorreu-me uma ideia...”, o negro refletiu pensativo. “Uma ideia que pode mudar muita coisa... Uma ideia que pode mudar tudo!”

Moscas em praça pública

“Como assim?!”, o inquisidor-mor indagou em seu tom enérgico e grave.

“Meu senhor”, a resposta do general-maior saiu encolhida pela intimidação, “nossos espiões acompanham há anos o esquema de pirataria. Se posso dar minha opinião...”, o intervalo deu a entender que esperava consentimento para prosseguir.

O ministro se levantou detrás da imensa mesa de madeira e, sinalizando com a mão para que houvesse sequência, permitiu que o outro falasse o que queria.

“O exército conhece os caminhos da corrupção. Lamentamos que o trono seja complacente a esse ponto”, concluiu o oficial.

“Eu compreendo, general”, o ministro com tapa-olho do lado esquerdo se aproximou, movendo-se em sua túnica e capa negras de um modo tenso. “Você sabe que não sou conivente com isso. Mas, em nome do equilíbrio das forças políticas, já que muitos supremos estão envolvidos, temos de suportar esse tipo de coisa. Não se pode fragilizar o Império criando escândalos e permitindo que o sistema perca a credibilidade” Com a mão alisando o cavanhaque, avaliou, medindo as implicações. “O que me intriga, neste caso, é a mudança de comportamento desse grupo de piratas.”

“Nada do que apuramos, até agora, explica essa mudança”, a informação do general-maior aumentou a preocupação de ambos.

“O que será que aconteceu?”, o inquisidor disse como se fosse apenas consigo mesmo. Pensativo, deu uns passos até a janela, de onde podia contemplar a Praça do Povo, no centro da metrópole de Vaca Malhada, no

meio da qual havia um enorme obelisco, simbolizando o poder fálico do Império e sua política paternalista. “O que motivou esses piratas a saírem da zona de conforto?... O que pode motivar alguém a deixar a segurança do curral para se arriscar nas campinas?”

“Você enlouqueceu de vez, professor!”, o protesto do publicano explodiu com veemência. “Ao longo do tempo, há testemunhos e testemunhos sobre as intervenções do grande dragão Não-Farás. Todas memoravelmente terríveis. Como pode pensar você que ele seja uma farsa?”

“O castigo, toda forma de castigo, é incoerente com o Deus Compassivo. Ele atentaria contra sua própria natureza amorosa se criasse, ou sequer permitisse que agisse em seus domínios, um cão atroz e sangrento como Não-Farás”, contra-argumentou. “A besta cuspidora de fogo foi uma invenção que permitiu o estabelecimento deste império. Homens ambiciosos usaram o discurso da compaixão como veneno com o objetivo de adoecer as pessoas, tornando-as fracas e covardes, prontas para serem domesticadas. Depois reuniram todas elas em rebanho e puseram um falso cão para pastoreá-las: ou seja, a moral dos deveres.”

“Não haveria fé e ordem se não fossem os deveres”, rebateu o publicano aos olhos dos demais que, intrigados, assistiam à acalorada discussão.

“Amor além do bem e do mal – esta é a resposta. Quem aprende a amar assim não precisa viver aprisionado por qualquer lei moral para coibir seus instintos primitivos. Ao contrário. Quanto mais livre, mais evolui e mais sua consciência prevalece sobre os impulsos irrefletidos.”

“Chega desta briga”, interveio o comandante. “O último assalto que fizemos foi bem-sucedido e relativamente fácil porque contávamos com o efeito surpresa. De agora em diante, isso não se repetirá. O Império vai nos perseguir e reforçar a segurança dos depósitos. Precisamos de uma arma poderosa o bastante para equiparar nossas forças com as forças do Governo.”

“A ideia do professor é ousada...”, refletiu o bárbaro ruivo com voz de trovão. “Tão ousada que, se ele estiver certo, nós vamos abrir uma ferida mortal no Império.”

“Uma ferida que vai infeccionar e se espalhar pelo corpo... Para a qual dificilmente haverá cura”, o sorriso maroto do líder se desenhcou, enquanto ele considerava. “Pois o que faremos colocará em dúvida o discurso de poder sustentado pelos ministros há gerações.”

“Só que nós morreremos imediatamente fulminados, se esse pensamento de vocês estiver errado”, advertiu um dos homens, de cabelos loiros e olhos claros.

“É o que vai nos acontecer, tenho certeza”, insistiu o publicano.

“A solução do impasse é simples”, o peito do comandante se estufou com ousadia. “Quem lutará ao lado de Zaratustra? Quem lutará nessa luta que não apenas será a primeira do leão guerreiro como, certamente, será a maior de todos os tempos?”

Inflamados pela perspectiva, exceto o zelador de depósito, todos ergueram os punhos e responderam urrando com força.

“Você fica guardando a base”, o líder apontou para o publicano. “E você”, voltou o indicador ao loiro de olhos claros, “fica com ele.”

“Os demais”, o tom de voz subiu de modo altivo e confiante, “preparem-se para sair na virada da lua.”

Três dos guerreiros – o líder, o bárbaro e o professor – entraram a cavalo na capital de uma das maiores províncias do Império, um importante centro mercante e portuário, na banda ocidental do Grande Rio que leva ao mar. Acima de suas cabeças, o Sol dava início a um traçado de declínio, marcando o começo da segunda metade da tarde. Chamava a atenção de todos por onde eles passavam o fato de um leão andar tranquilamente junto ao trio. Os cidadãos locais e os que estavam na cidade fazendo comércio, um tanto assustados com a fera, porém curiosos, cochichavam entre si a respeito do que significaria aquilo.

Enquanto abriam caminho em meio ao povo, e o comandante esbanjava seu charme cumprimentando as mulheres bonitas que enxergava no trajeto, o velho negro achegou seu cavalo mais perto de Zaratustra e passou a explicar:

“Vê, meu amigo, as pessoas vivem por aqui feito moscas anêmicas, à procura de alguém para picar. São insetos que, em sua pequenez, anseiam por sangue para lhes aliviar a fraqueza. Evita, portanto, gente como esta. Senão, você gastará seu tempo entre a coceira das picadas e o inglório trabalho de enxotar moscas.”

Nisso, eles chegaram à praça pública e, depois de apear e amarrar os cavalos, dirigiram-se ao palanque, onde normalmente os arautos transmitiam notícias oficiais e as autoridades faziam pronunciamentos. A águia enrodilhada pela serpente mantinha distância, acompanhando tudo como de costume.

“Ouça, Zaratustra”, prosseguiu o mestre, “o povo só acredita em deuses que façam muito barulho. Os seus ouvidos desprezam verdades sublimes por

considerá-las coisas sem importância. Por isso as verdades sublimes penetram apenas ouvidos delicados.”

Quando os quatro subiram no palanque, o povo, que já havia notado algo diferente na atitude daqueles forasteiros, começou a se aglomerar em torno do palco. Nas imediações, a novidade também se espalhava, aticando muita gente a correr para a praça.

“Hoje, companheiro, não falaremos verdades sublimes”, o professor orientou o leão. “De que adiantaria? Hoje seremos marretas. Vamos atingir com estrondoso golpe a idolatria dessa gente pequena, que se pensa adoradora de grandes deuses.”

O líder, então, tomou a frente e, observando os demais guerreiros do bando espalhados disfarçadamente entre os cidadãos, pois vieram antes para se infiltrar, pronunciou-se em alta voz:

“Vocês devem ter ouvido falar sobre Zaratustra, o camelo enfeitiçado. Devem ter ouvido falar que o poderoso dragão Não-Farás o destruiu por causa de sua desobediência.”

As pessoas se entreolharam, inquietas com o perigo que começava a se desenhar naquela fala.

“Pois aquele frouxo dragão nada fez, na verdade, contra Zaratustra. Longe disso. Zaratustra se metamorfoseou leão, e bem aqui, ao meu lado, está ele!”, as mãos do guerreiro, que um dia fora ator, estenderam-se de forma quase teatral, anunciando o felino em pé no palanque.

“Mentira!”, gritou um dos cidadãos.

“Blasfêmia!”, veio o protesto de outro.

“Mentira? Blasfêmia?”, a ironia do comandante foi acompanhada por uma de suas sobrancelhas que se levantou sugestivamente.

Nesse momento, ele viu alguns soldados imperiais empurrando a massa de pessoas para chegar até o palco.

“Pois Zaratustra, o leão, desafia, agora, o dragão Não-Farás!”, proclamou solene e ativamente.

Num murmúrio perplexo, o medo emergiu de imediato da praça lotada de gente, gelando a espinha de todos que ali estavam.

E, antecipando-se aos soldados, o líder advertiu:

“Se é verdadeiro o grande dragão, que ele mesmo venha e fulmine Zaratustra e seus companheiros. Que a força imperial não interfira. Nós ficaremos bem aqui, até o pôr do sol. Aguardaremos para desmascarar aquele blefe!”

Logo na sequência, ele emendou:

“Ah, fiquem na praça sem medo e assistam ao maravilhoso espetáculo que se desenrola”, o sarcasmo serviu para ampliar a expectativa geral. “Aquele lagartinho, cujo mau humor se deve a terríveis queimações no estômago, não aparecerá – eu garanto a vocês. E essa farsa vai se desmanchar hoje neste lugar, bem diante dos olhos de todos nós.”

Ao dizer isso, piscou para uma linda moça que estava logo abaixo do palanque.

Os soldados se viram confusos por causa do desafio, mas ainda assim avançaram. Entretanto, quando o primeiro deles pôs o pé na escada do palanque, uma flecha vinda da multidão fincou a ponta bem no degrau a sua frente, indicando que os três guerreiros e o leão tinham cobertura. Diante disso, a tropa recuou para aguardar ordens do governador da província que, era certo, tomaria as devidas providências para lidar com a situação.

O governador provinciano, um homenzinho gordo e nervoso, ia de um lado a outro dentro de sua túnica preta, encimada por um colarinho branco.

“Deve ser armadilha. Não vou me expor e correr riscos...”, a análise o deixava ainda mais temeroso e incapaz de agir. “Cerque fortemente o palanque e aguarde mais ordens.”

O centurião local assentiu com a cabeça e se retirou.

O resto de tarde transcorreu tenso. Tanto o povo quanto a força imperial, que formara cerco em torno dos quatro forasteiros, aguardavam num misto de terror e ansiedade.

Diante de todos, no palanque, Zaratustra se mantinha altivo, tendo a seu lado o comandante, o bárbaro e o professor.

À medida que o Sol atingiu o horizonte, descendo, afinal, ao seu repouso, um silêncio nervoso tomou conta da praça e arredores. Se no dia a dia aquele lugar zunia como se estivesse tomado por um enxame de moscas, no momento derradeiro do desafio, sequer um mosquito se ouvia na multidão.

O trio trocou olhares apreensivos. Era difícil prever a reação do povo perante a circunstância que o bando havia criado.

Nisso, o líder fez uma expressão marota e ameaçou dizer alguma coisa...

Não deu tempo... Algo assombroso aconteceu.

A começar pelos soldados que faziam o cerco, todos passaram a se curvar diante do palanque. Uma cascata de gente se inclinando, até encostar o rosto em terra, transbordou da praça e correu pelos arredores. Naquele instante, o Sol apagou sua última luz feito vela que se extingue e, com o manto de estrelas a se estender acima de si, Zaratustra se pôs a rugir e rugir com intensidade tal que toda carne estremeceu.

Quando o leão Zaratustra terminou de rugir, o professor afastou o comandante da frente e tomou a palavra.

“Ora, professor! Já sei o que vai fazer”, o líder reclamou cinicamente. “Justamente agora que a coisa estava ficando boa para o nosso lado?”

“Levantem-se! Levantem-se imediatamente!”, gesticulava o negro de barba e cabelos grisalhos, convocando o povo a se erguer. “Zaratustra veio lhes mostrar um caminho de liberdade. Nada disso aconteceu para que vocês troquem um ídolo por outro. Levantem-se, vamos, levantem-se!”

O líder, agarrando-o pelo braço e fazendo sinal ao ruivo barbudo, disse preocupado:

“Infelizmente, não podemos ficar para os aplausos. Vamos embora antes que os soldados mudem de ideia.”

E em meio à noite, que parcamente ia se iluminando pelo luar, pois por causa

do ocorrido ninguém havia se lembrado de acender as lamparinas dos postes, o grupo de guerreiros montou os cavalos e partiu. A confusão era total e, dos que conseguiam distinguir a figura do leão, muitos acorriam na tentativa de lhe tocar o corpo, a fim de receber dele alguma milagrosa dádiva.

O veneno dos ressentidos

“Covardes!”, o soco potente do inquisidor-mor na ampla mesa de madeira foi tal que fez tremer o tinteiro e demais objetos, chegando a levantar poeira dos pesados livros com capa de couro. “Um exército de covardes é o que você tem nas mãos, general.”

“Quatro solstícios se passaram”, a mão sinalizou com os dedos – passagem do tempo que o significativo aumento de fios brancos no cavanhaque e cabelos do ministro também indicava. “Quatro solstícios sucedendo invernos e verões desde que o maldito leão desafiou Não-Farás em praça pública. E até hoje aquele bando anda solto por aí, fortalecendo-se e fazendo o que bem entende!”

“Meu senhor, os homens foram ensinados a temer e tremer perante o dragão Não-Farás”, o argumento saiu engasgado, deixando transparecer a pressão sob a qual estava aquele comandante. “Uma vez que Zaratustra derrubou o poderoso Não-Farás, eles passaram a temer ainda mais o leão do que temiam o dragão.”

O oficial fez uma pausa. Apesar da imponência do uniforme vermelho, revestido no tronco pelo colete de malha de aço, ele hesitou antes de observar a dimensão a que chegara o caso:

“Zaratustra se transforma dia a dia numa lenda.”

“Esses piratas miseráveis entram e saem de nossos depósitos sem encontrar resistência”, o ministro reclamou. “Basta enxergar Zaratustra e todos se curvam. Pior que isso! Fiquei sabendo que tanto os servidores quanto os guardas, além de tudo, carregam os animais para os salteadores”, indignou-

se, cerrando os dentes.

“A notícia é verdadeira, meu senhor”, teve de admitir.

“E a centúria de elite? Por que ela jamais tem sucesso nas armadilhas que monta contra o grupo rebelde?”

“Astutos, muito astutos são aqueles guerreiros. Eles atacam aleatoriamente, sempre numa região inesperada. Além disso, logo em seguida da ação, distribuem ao povo aquilo que saqueiam. Dessa forma, ficam leves para escapar com rapidez.”

“Sim, eu sei. Estou informado sobre essa distribuição. Ela é ainda mais grave que o saque”, o inquisidor-mor, com tapa-olho do lado esquerdo, refletiu bastante apreensivo. “As pessoas negociam livremente e descobrem, sem mesmo perceber, a possibilidade de agir por livre iniciativa e crescer por si mesmas, saindo da dependência do Império para sobreviver... Malditos piratas!”

“Meu senhor, eles não são mais piratas. Se fossem, poderíamos comprá-los”, a correção foi a mais respeitosa possível. “Eles são guerreiros que lutam por liberdade.”

Ao ouvir isso, o ministro se pôs pensativo por um instante. Em seguida, com um brilho de malícia em seu único olho, dirigiu-se ao comandante do exército:

“Se estão corretos os relatórios que você vem me apresentando nos últimos tempos, nós sabemos quem são esses que se fizeram guerreiros... Conhecemos cada um dos rebeldes que querem minar as estruturas deste governo...”

O militar apenas assentiu.

“Escute”, um plano começou a se desenhar, “vamos oferecer um polpudo

prêmio a qualquer zelador de depósito que conseguir passar uma mensagem nossa a alguém muito especial...”

Os guerreiros se fortaleciam mais e mais, e mais e mais caíam na graça de todos. Eles entravam e saíam de vilarejos, cidades e províncias com o apoio do povo. Entre os soldados imperiais, corriam histórias de que Zaratustra seria um deus e seus companheiros, fantasmas. Por isso o bando não deixava rastros e ninguém conseguia descobrir seu esconderijo.

No Capitólio, na grande sala do Ministério Supremo, perante o pontífice e os demais ministros, o inquisidor-mor encontrava dificuldade crescente devido àquela circunstância. Ele seguia dando garantia de que a força de elite estava próxima de capturar os rebeldes e que Zaratustra, o leão, seria levado vivo à Praça do Povo, diante do Capitólio, onde seria sacrificado aos olhos da população. Conforme seus planos, a notícia se espalharia rapidamente pelos quatro cantos e isso acabaria de vez com o movimento insurgente.

Os adversários do ministro inquisidor, entretanto, aproveitavam para aumentar a pressão por sua queda. Muitos queriam mudanças e ele sempre se mostrara o principal entrave como guardião não apenas da fé religiosa e ordem ideológica, mas, sobretudo, da viciada maneira de pensar que regia o Império. Como todos o temiam, já que em suas mãos estava tanto o Exército quanto a Corte de Justiça, as manobras tinham de ser cercadas de cuidados e até dissimulações.

A insatisfação se dava por causa da deterioração das estruturas políticas, econômicas e religiosas que há muito sinalizavam o desgaste do Governo.

Aliás, sinalizavam o fracasso daquele governo estabelecido pelo ressentimento de homens inferiores que queriam dominar. Gerações se passaram desde que o Império fora fundado e, ao contrário das promessas alardeadas nos discursos idealistas, da utopia desejada jamais brotara sequer uma flor, uma única e delicada flor que fosse. Veladamente, não eram poucos os decepcionados que ansiavam romper correntes para ultrapassar aquele campo infértil e seguir adiante na História.

Se assim se dava com pessoas que pensavam por si mesmas entre o povo, assim também se dava com alguns ministros supremos e até governadores de províncias. Ninguém suportava o aumento da violência e da criminalidade que acontecia em consequência daquela contínua deterioração social. Ninguém suportava a falta de condições de saúde, educação, segurança e infraestrutura, pois até mesmo as famosas estradas bem-calçadas que mantinham o Império interligado se desmanchavam em pedregulhos, tendo virado local de ação de bandidos.

Por tudo isso, havia no meio dos ministros, governadores e intelectuais quem defendesse o estabelecimento de uma aristocracia. Estes entendiam ser necessária uma classe de nobres, devidamente educada desde o berço, que pudesse governar com preparo e competência, podendo desfrutar inclusive de sua grandeza. Tal classe serviria de inspiração ao trazer orgulho e dignidade ao povo, sem os preconceitos criados pela visão de igualitarismo raso que regia a mentalidade medíocre de então.

De outro lado, havia outros que apregoavam democracia plena. Os idealizadores desse sistema discorriam sobre liberdade de produção e mercado, e até de crenças religiosas e ideias políticas. Eles imaginavam que, se o modelo imperial fosse substituído por uma república verdadeiramente democrática, os cidadãos seriam incentivados a se empenhar pelo próprio

crescimento e, conseqüentemente, gerariam desenvolvimento coletivo também. Afinal, quando a sociedade é livre, quem planta o melhor de si tem mais chances de colher o melhor da vida.

Numa democracia, alegavam seus defensores, todos seriam igualmente incentivados a se qualificar para colher os resultados disso – sem existir uma classe superior por hereditariedade ou afiliação partidário-ideológica.

Ambos anseios, embora divergentes no formato, queriam aproveitar a vontade de poder do ser humano como força propulsora da sociedade. O que era bem diferente no caso do Império.

No governo vigente, chegava a ministro quem se mostrasse radical defensor do sistema, mesmo sendo incapaz de atender as exigências da gestão pública. Aliás, quanto menos raciocinasse por si, mais adequado seria alguém para compor a linha de frente. De igual forma as demais funções eram preenchidas, fosse zelador, tesoureiro, mercador e qualquer outra. Estava nítido, portanto, que essa estrutura jamais suportaria seu próprio peso.

Inclusive, não é preciso ser muito inteligente para perceber as conseqüências de um modelo cujo foco é a exaltação dos fracos. Porque onde se exalta a fraqueza, prevalece a exploração dos oportunistas. E onde prevalece a exploração dos oportunistas, nada de bom encontra condições para florescer, pois tudo é devorado sofregamente.

Quando estava no esconderijo, Zaratustra preferia passar a noite com quem tirasse vigia, pois sua natureza de felino quase não tinha sono no período noturno. Além disso, muito lhe agradava estar à entrada da caverna, no alto

do monte. Ali, podia ele observar o Grande Rio que leva ao mar, o vale extenso e o infinito manto pontilhado de estrelas que sobre o mundo se estende. De alguma maneira, aquele tempo escuro e silencioso parecia servir para que as experiências vividas se assentassem no espírito dele.

Certa vez, durante o turno do publicano, este se voltou ao leão para rogar:

“Peço que Zaratustra, a fera, ouça minhas palavras com atenção. Sei que há compaixão nesse peito forte e feroz. Espero que essa compaixão acolha minha fraqueza.”

O leão inclinou um pouco de lado a cabeça, interessado na fala do companheiro.

“Sempre foi evidente que não sou guerreiro. Eu sou um administrador fracassado. Esta é a dura realidade. Fui humilhado, afastaram-me da minha família e acabei reduzido a fora da lei”, despejou ressentido. “Jamais haverá em mim a coragem e o ímpeto de nossos companheiros. Por isso, vivo eu em profunda vergonha.”

Embora a lua minguante quase nada permitisse distinguir, ele mirou as terras abaixo de si e refletiu:

“Esta noite será a noite do meu declínio e redenção. Vou às águas escuras do Grande Rio e lá me deixarei voluntariamente afundar. A corrente há de fazer o cortejo fúnebre de meu corpo, levando-o para que seja sepultado no esquecimento das profundezas do oceano.”

O leão também dirigiu os olhos às trevas abaixo deles, como se estivesse pensativo e tocado.

“Suplico a Zaratustra que me acompanhe até a margem, protegendo-me para que, porventura, algum animal da floresta não me capture e despedace. Pois isso faria maior ainda a minha vergonha.”

O felino correu as visitas pelo céu, detendo-se um pouco na imagem da lua que minguava. Em seguida, suspirou profundamente e, erguendo o corpo robusto e grande, colocou-se à disposição do publicano.

O leão ouviu uma movimentação leve, em meio à escuridão, por trás dos arbustos de ambos os lados da trilha. Antes que pudesse fazer alguma coisa, uma picada forte lhe atingiu à direita do dorso. Logo depois, outra foi sentida à esquerda.

Nisso, tochas se acenderam e homens saíram de dentro da mata.

Eram soldados de elite do Império!

Zaratustra tentou reagir, mas as pernas lhe faltaram. O enorme felino cambaleou, chacoalhou a juba, esforçando-se para não perder os sentidos. Atingido por dois dardos embebidos numa poção anestésica, porém, ele sentiu os joelhos se dobrando involuntariamente.

O publicano se aproximou e lhe deu um beijo na testa.

“Durma, meu amigo... A sua queda é o preço da minha redenção.”

À luz bruxuleante das tochas, os soldados abriram espaço para o inquisidor-mor, que saiu altivo das trevas, movendo-se com sua túnica e capa negras até se colocar diante de Zaratustra.

Toda traição é covardia

Dentro da caverna, uma serpente deslizou sinuosamente pela perna do líder do bando, fazendo-o acordar num salto. Assustado, ouviu o grito da águia a chamar lá fora.

“Levantem-se!”, reagiu de imediato, erguendo-se e se pondo logo a chutar o bárbaro para despertá-lo. Na sequência, saiu entre os demais para fazer o mesmo com eles. “Levantem-se, rápido!”

À medida que os homens despertavam, ainda atordoados de sono, ouviam as palavras do comandante:

“Alguma coisa muito errada está acontecendo. Prepararam-se para lutar”, deu ordem. “Enquanto isso, nós vamos lá fora verificar”, gesticulou com a mão, chamando o ruivo e o professor para si.

“Finalmente”, comemorou em sua arrogância o ministro supremo, “o poderoso Zaratustra está subjugado”, parou junto ao corpo inerte da fera, olhando-o com desprezo de cima para baixo. A fisionomia severa daquele homem de tapa-olho e cavanhaque grisalho estava iluminada pelas chamas bruxuleantes das tochas. “Vê, general, nada mais que um gato grande é o que temos aqui.”

“Eu cumpri o combinado”, o publicano se antecipou ansioso. “Entreguei o leão e descrevi um mapa do labirinto de cavernas.”

“Claro que sim”, o sorriso do inquisidor-mor pareceu compreensivo.

“Quero o pleno perdão do Império e tudo mais que tenho direito.”

O ministro assentiu. Entretanto, seu gesto não se dirigia ao traidor, mas ao general-maior que estava bem atrás dele.

Num único golpe, o oficial traspassou sua espada das costas à barriga do publicano. Este arregalou os olhos, tomado de perplexidade, enquanto ouviu o ministro pronunciar sarcasticamente:

“Está perdoado.”

Na sequência, a espada foi retirada com igual velocidade. E o publicano ficou de joelhos. Em seu rosto, apenas a expressão confusa de quem morre sem ter entendido a vida.

“Embarquem o leão”, veio a ordem do ministro com tapa-olho do lado esquerdo. “A minha guarda pessoal parte imediatamente comigo.”

Voltando-se ao general-maior, desfechou:

“A centúria de elite vai completa ao labirinto e termina o que viemos fazer. Não preciso ir pessoalmente ao esconderijo rebelde para garantir o sucesso pleno desta missão. Ou preciso?”, a ironia soou ameaçadora.

O comandante militar se limitou a receber aquela determinação em silêncio.

O líder do bando, ao lado do ruivo barbudo e do negro grisalho, praguejou:

“Maldito publicano!”

Do mirante, os três observavam as tochas da tropa imperial se movimentando

entre o pé do monte e o Grande Rio que leva ao mar.

“Devíamos ter abandonado esse traidor por aí”, disse indignado o bárbaro com voz de trovão. “De preferência, sozinho no deserto.”

“Nunca abandonamos um dos nossos”, a resposta do líder foi confiante. “Vamos atrás de Zaratustra. Daremos um jeito de resgatá-lo.”

“Você deve ter sido um péssimo dramaturgo”, ponderou calmamente o mestre guerreiro.

O comandante franziu a testa, reclamando da crítica com uma expressão de espanto.

“Só a centúria de elite teria coragem de mexer com Zaratustra”, foi a avaliação do professor. “A esta altura, eles já mapearam o labirinto e devem estar preparando a invasão... Receberemos a visita de cem soldados altamente treinados”, disse isso e mirou o líder. “Somos homens mortos”, concluiu com sua tranquilidade segura.

Dentes rilhados, o ruivo grande e barbudo grunhiu alto e enraivecido, fazendo ecoar fúria e angústia pelo vale e pelos rochedos.

“Se é assim, vamos garantir que nossos fantasmas assombrem o Império até a sua cova”, o líder se expressou a seu modo casual. “Falando nisso, alguma ideia de como podemos fazer esse milagre?”

Na câmara mais profunda do labirinto, no subterrâneo do monte rochoso, onde o bando guardava baús e baús de moedas, joias e objetos de ouro, alguns dos guerreiros terminavam de armar uma pira enquanto outros

descarregavam, ao lado, o restante da palha das camas, formando um amontoado.

“Quer mesmo fazer isso, professor?”, o questionamento veio do comandante, visivelmente preocupado. “A única saída desta câmara é para cima. Quando a fumaça tiver subido o bastante para ocupar todo o labirinto, este lugar estará insuportável e sem qualquer rota de fuga.”

“Nunca me diverti tanto na vida quanto vou me divertir aqui”, o mestre abriu um largo sorriso, mantendo sua firmeza e serenidade.

“Obrigado por tudo”, o líder apertou os lábios.

Dirigindo-se aos demais, passou a orientá-los:

“A qualquer momento, a centúria de elite deve invadir este esconderijo”, o tom foi enérgico. “Quero cada homem em seu ponto de tocaia. Vamos esperar que eles entrem o máximo possível no complexo de cavernas. Ao meu primeiro sinal, o professor acende a fogueira. Quando a fumaça começar a se espalhar, dou o segundo sinal, e todos atacam.”

Suas vistas foram buscando os olhos de um por um dos companheiros, à medida que ele prosseguia:

“Eles devem ter mapeado este labirinto. Mas, ao contrário de nós, que andamos por aqui de olhos fechados, serão incapazes de se mover nele quando estiverem cegos pela fumaça”, as palavras pausaram um instante. “Temos duas alternativas: aproveitamos a bagunça para tentar escapar ou... ficamos para segurá-los com a luta enquanto a fumaça se torna asfixiante e, portanto, garantimos o fim da única centúria realmente capaz de proteger o Império.”

Ergueu uma das sobrancelhas antes de continuar. Então, com um timbre grave na voz, alertou:

“Eu não vou mentir... Se ficarmos, enfrentaremos uma batalha sangrenta e intoxicante. Dificilmente alguém sairá vivo deste lugar no dia de hoje.”

“A queda do Império começará na ponta de nossas espadas!”, festejou corajosa e ousadamente o jovem oriental e, em resposta, os guerreiros festejaram junto, com risos e gritos de concordância.

O líder encheu o peito, orgulhoso por ser um homem livre, vivendo e lutando ao lado de homens livres.

“O que somos?”, perguntou rugindo.

“Leões!”, urraram todos.

“O que somos?”, repetiu ainda mais forte e provocativo.

“Leões!”, esmurraram o peito rugindo alto.

O rio que leva ao mar

Sobre o Grande Rio, o Sol repetiu seu giro um dia após o outro e a lua minguante foi se tornando nova, enquanto navegava o barco que conduzia Zaratustra. O leão ia sedado dentro de uma jaula de ferro posta no convés. Os marinheiros, desde a madrugada da partida, murmuravam assustados entre si, temendo que algo terrível lhes acontecesse por causa do sacrilégio que cometiam.

“Senhor ministro”, um homem moreno, da cor do jambo, usando turbante branco, durante o jantar iluminado por lamparinas, na cabine do capitão, principiou a falar, “estou cada vez mais preocupado com a saúde do felino. E também, confesso, receoso por minha própria sorte – caso algo ruim lhe aconteça”, emendou. “Quando ele está quase acordando, como sua excelência bem sabe, nós derramamos em sua boca um balde de água com sedativo. Ele consegue beber e logo volta a dormir.”

O inquisidor-mor se limitou a ouvir o relato, enquanto garfava um bocado de comida no prato.

“Desse modo, ele está hidratado. Mas me parece subnutrido. Há dias nada come... E eu temo que não possa resistir por mais tempo.”

O ministro terminou de mastigar o que tinha na boca para então responder friamente:

“Você é médico. Foi trazido nesta missão para manter a fera viva até o dia do sacrifício”, advertiu. “Entretanto, não vamos despertar Zaratustra e correr o risco de arranjar problemas. Dê um jeito de alimentá-lo enquanto dorme.”

“Isso é impossível, meu senhor”, a contestação do médico deixou

transparecer uma ponta de pânico, por causa do perigoso impasse que a ele se impunha. “O felino deve ter condições de morder e rasgar e engolir devidamente a carne que lhe dermos.”

“Estamos bem próximos do mar. Alguns dias navegando pela costa e chegamos à capital, a metrópole de Vaca Malhada”, o ministro supremo se mostrou resistente à ideia.

“A alimentação é fácil”, insistiu o médico. “Basta jogar pedaços de carne entre as grades...”

“Nem precisa abrir a porta da jaula”, o capitão, um homem calvo, porém de barba espessa e sobrancelhas grossas, interferiu em apoio ao outro, pois, como o resto da tripulação, tinha medo que algo de mal acontecesse a Zaratustra dentro do seu navio, trazendo terrível maldição sobre ele e seus homens. “As grades são largas o suficiente para se lançar alimento e, ao mesmo tempo, estreitas demais para o corpulento leão tentar uma fuga.”

“Nós o derrubamos novamente com dardos logo que esteja alimentado”, o argumento do médico procurou reforçar a ideia.

“Ao raiar do dia”, o inquisidor-mor assentiu a contragosto, medindo-os com seu único olho. “Se houver falha, vocês pagam com a vida”, sentenciou sem rodeios.

Médico e capitão se entreolharam, profundamente insatisfeitos com a situação em que foram metidos.

Tons rosáceos coloriram as poucas nuvens que se espalhavam esfumaçadas

do lado direito do navio. Como previra o médico, terminava o efeito do sedativo e Zaratustra esboçava um despertar. A tripulação, por demais tensa, tinha olhos somente para o que transcorria no convés.

Um marinheiro, pendurado ao mastro para amarrar a ponta de uma das velas que se havia soltado com o vento da noite, fazia de conta cumprir seu dever, mas nada perdia dos movimentos em torno da jaula. O mesmo se passava com o timoneiro, e com o vigia, no alto do observatório, e com cada um dos marujos.

A guarda pessoal do inquisidor-mor se mantinha preparada. Dois soldados munidos de zarabatanas, com dardos embebidos em poção anestésica, e quatro lanceiros estavam posicionados. Em torno do ministro supremo, outros dois com espadas desembainhadas lhe faziam segurança. Porém todos, absolutamente todos, acompanhavam com extrema apreensão os movimentos do médico e do capitão.

“Vamos, Zaratustra, acorde”, provocou o médico com pele morena, da cor do jambo, e turbante branco.

“Veja o que temos para você”, o capitão lançou um polpudo naco de carne bem na frente da fera e ficou observado, sob as sobrancelhas grossas e apertadas de apreensão.

O leão cheirou, correu as vistas ao redor e, numa bocada, estraçalhou a carne, engolindo-a imediatamente.

“Isso...”, o incentivo do capitão veio num tom apaziguador. “Tome mais um...”

Zaratustra devorou o segundo pedaço e, de repente, teve sua atenção chamada pela expressão fria e ameaçadora do inquisidor-mor. Ambos mediram um ao outro por alguns segundos. O único olho daquele homem vestido de preto,

com espírito grave e pesado, denunciava suas intenções.

Num salto abrupto, a fera se lançou rugindo contra as grades em direção ao ministro.

“Já chega!”, ele vociferou, dando instintivamente um passo atrás. “Façam a besta dormir!”

Zaratustra, enfurecido e tentando escapar, jogou o corpo contra a lateral oposta da jaula, de forma que esta chegou a oscilar com o baque. Em desespero, os soldados cuspiram os dardos das zarabatanas, sem, no entanto, conseguir acertar o alvo. Com a oscilação, a jaula ameaçou tombar. Em pânico, os guardas tentavam recarregar as zarabatanas e os lanceiros hesitavam sem saber se deviam atacar ou não.

A ordem do ministro supremo foi dura e não deixou alternativa:

“Matem Zaratustra! Matem-no antes que o pior aconteça!”

À medida que todo o navio entrava em polvorosa, o enorme felino insistia em se jogar contra o mesmo lado das grades. Os soldados, confusos com o movimento oscilatório cada vez maior, arremessavam lanças de qualquer maneira. Em meio a isso, indignado e possuído de cólera com a incompetência da guarda, o ministro arrancou a espada de um de seus seguranças e partiu contra Zaratustra.

A espada, erguida com as duas mãos, desceu num golpe forte e certo, rasgando o ombro esquerdo da fera.

Nesse momento, cada tripulante sentiu o sangue gelar, pois o vigoroso rugido de dor e raiva do enorme felino lhe penetrou no mais profundo do espírito.

Em seguida, o leão reagiu e, sem permitir que a oscilação parasse, deu nova investida contra a estrutura de ferro, fazendo-a balançar mais ainda. Tanto que, inesperadamente, ela girou sobre si, capotando e atingindo a amurada.

A madeira da amurada estourou, espalhando pedaços sobre as águas ao passo que estas explodiam com o choque da pesada jaula.

Do fundo do Grande Rio que leva ao mar, tendo as águas entrecortadas pelos primeiros raios de sol, podia-se assistir ao declínio final do leão Zaratustra. Impossibilitado de escapar, nadando desesperadamente de um lado a outro em sua última prisão, o felino foi perdendo a consciência, foi sentindo os espasmos se apossarem de seus músculos, foi deixando escapar seu derradeiro fôlego, enquanto ia sendo envolto pela mancha vermelha do próprio sangue.

TERCEIRA PARTE

Vede a plenitude ao nosso redor! E a partir da abundância é belo olhar para os mares distantes.

Bem poderíeis criar o supra-homem.

Talvez não vós mesmos, irmãos! Mas podeis vos converter em pais e ancestrais do super-homem: e que esta seja vossa melhor criação!

Tudo o que sente sofre comigo e está em cadeias: mas meu querer sempre vem como meu libertador e portador de alegria.

Querer liberta: eis a verdadeira doutrina da vontade e da liberdade – assim Zaratustra a ensina a vós.

Não-mais-querer e não-mais-estimar e não-mais-criar! Ah, fique sempre longe de mim esse grande cansaço!

Friedrich Nietzsche

Lendas e mistérios

Um ministro supremo, de cabelos encaracolados e caprichosamente untados, cujo nariz aquilino lhe dava uma aparência agressiva, pondo-se em pé na arquibancada do semicírculo com assentos estofados da imensa e opulenta sala do Capitólio, vociferou:

“Não é possível manter o guardião da fé e ordem quando ele perde toda a centúria de elite, o general-maior, o mais importante prisioneiro da nação e, o pior de tudo, expõe a imagem do próprio Império à humilhação!”

Na bancada oposta, o inquisidor-mor se mantinha calado de um modo seguro e desafiador. Embora o debate se acalorasse, ele aguardava, estudando os movimentos daquele jogo político antes de mover suas peças. O mesmo fazia o pontífice que, sentado no trono numa das pontas entre os semicírculos de frente um para o outro, a tudo assistia quieto. Foi assim até que o supremo com tapa-olho do lado esquerdo, erguendo-se do assento, encaminhou-se com seu jeito elegante e imponente para o centro do plenário.

“É inadmissível que nada seja feito!”, proferiu indignado um segundo ministro, usando um solidéu.

O inquisidor-mor penteou com a mão o cavanhaque bastante grisalho e perfeitamente alinhado, demonstrando frieza, à medida que passou a falar:

“Talvez o companheiro ministro das finanças”, fez referência ao homem de cabelos encaracolados e untados que o acusava, “tenha mesmo razão. Talvez esteja na hora de arrumar a casa...”

O tom do discurso soou perigoso.

“A ideologia que nos guia, eu acredito, e espero que ninguém neste salão

duvide, é perfeita. Absolutamente perfeita. Imperfeitos são os homens que a administram. Uma mudança seria muito saudável ao Império. Começamos removendo este guardião”, levou a mão aberta ao peito, “que falhou, até hoje, em uma única tarefa. Depois, em nome da coerência, removemos e levamos a julgamento quem, porventura, faça especulação financeira no mercado paralelo, acumulando fortuna particular em ouro tomado a base de juros – um anátema, certamente.”

O ministro das finanças puxou o ar com seu nariz aquilino, mostrando-se incomodado, enquanto desviou os olhos das vistas que o procuravam discretamente.

“Podíamos também, entre várias medidas de correção, averiguar o motivo dos integrantes deste colegiado residirem em mansões com suas famílias, quando a ideologia afirma que todos os cidadãos devem ser equitativamente distribuídos nos imóveis existentes, tendo em vista que todas as construções compõem patrimônio do Governo”, suas sobrancelhas se levantaram com sarcasmo, enrugando a testa, como se ele não compreendesse a contradição. “Afinal, neste império, todos são iguais... Ou, a menos que eu esteja desinformado, a igualdade de alguns seria superior a de outros?”

“Onde todos têm rabo, ninguém deve começar a morder”, disse, de repente, o pontífice de cabelos longos e brancos do alto do trono. “Senão, feito serpente que devora a si mesma, acabarão mutuamente aniquilados.”

Um silêncio sepulcral e constrangedor se derramou pelo salão do Capitólio. Nunca se havia discutido de forma tão aberta naquele ambiente.

“Você deve criar uma nova centúria de elite”, dirigiu-se ao ministro guardião. “E esqueça Zaratustra. Já tivemos o bastante. Quanto mais mexermos nisso, pior ficará.”

O inquisidor-mor fez menção de falar, mas foi imediatamente interrompido

pelo pontífice, que lhe impôs a palma da mão.

“Sei, sei... Você mandou mergulhadores e a jaula estava vazia, ordenou buscas e nada foi achado. Mas quer a todo custo encontrar o corpo. Seria a sua redenção.”

O velho, em suas vestes vermelhas, com detalhes bordados em ouro, fez um intervalo, correu os olhos cansados pelo plenário e, então, prosseguiu:

“Todo espírito anseia por realizar alguma coisa que o redima. O seu, caro inquisidor, sedento de glória, vê uma chance disso capturando e destruindo Zaratustra”, desenhou um breve e provocador sorriso. “Outros querem acumular herança para deixar à família de maneira a serem lembrados com orgulho pelos seus – ainda que, contraditoriamente à dignidade pretendida, tomem caminhos vergonhosos para isso.”

A seu modo pausado, o pontífice deu sequência:

“Do que queremos nos redimir? De nossa humanidade? Desejamos superá-la?”

Embora contido, o inquisidor se mostrava impaciente e inconformado com aquele discurso. Os demais disfarçavam para não revelar sinais de concordância nem discordância, conscientes das implicações de palavras como as que estavam sendo ditas no trono.

“Permitam a um ancião decrépito proferir um pouco de heresia”, a justificativa do velho teve um ar irônico. “Temos o sistema mais dominador que já existiu. Ainda assim, a perfeição que sonhamos jamais se cumpre. As coisas fogem do controle o tempo todo. Sabem por quê? Porque, possivelmente, o espírito da vida também queira se redimir. É possível que até ele queira ultrapassar a si mesmo e ir além. Não em busca dessa ridícula ideia de perfeição que nos engessa, fazendo-nos estéreis, mas em busca de

realizar cada vez mais o próprio potencial.”

O ministro inquisidor mediu discretamente a fisionomia dos colegas. Não lhe importava refletir sobre o que dizia o pontífice. Aquela era uma oportunidade sem par para detectar adversários e aliados da ideologia por ele defendida.

“Zaratustra será bem-sucedido se a vontade de potência do espírito da vida estiver se movendo na direção que ele aponta. Se não estiver, ele acabará na poeira da História tão insignificante quanto tantos pretensos revolucionários. Pois, quando esse mover traz mudanças, creiam-me, homem algum pode impedir.”

Em torno da sopa quente, na rústica mesa de jantar, enquanto o Caos rondava traiçoeiramente lá fora, o avô contava para a família:

“Isso mesmo”, a face enrugada tinha a expressão atônita sombreada pela luz da vela. “Quando os mergulhadores do povo das ilhas, convocados especialmente para remover o corpo da jaula das águas profundas do Grande Rio, voltaram à superfície, toda a tripulação ouviu o que disseram: a jaula estava vazia!”

À medida que todos aguardavam o resto da narrativa com a respiração suspensa, o garotinho, de olhos arregalados, sugava sonoramente a colher de sopa que trazia da tigela de barro à boca.

“Zaratustra havia se tornado espírito”, o homem juntou os dedos diante dos lábios e depois soprou, afastando a mão ao passo que abria a palma, produzindo um movimento que sugeria libertação. “Um leão com asas de águia e cauda de cobra – os próprios marinheiros o viram voar sobre suas

cabeças”, puxou o testemunho que, fosse verdadeiro ou não, dava credibilidade à história que ouvira.

“A léguas de distância se podia ver a fumaça da ira de Zaratustra queimando na floresta, quando ele se encolerizou e com raios disparados dos olhos fulminou a centúria de elite... Toda ela!”

O garotinho, desta vez, engoliu em seco.

“Esse tal Zaratustra nunca existiu”, o jovem intelectual propôs no balcão da taberna, virando a caneca para mais um gole. “Ele é uma representação do espírito humano que se rebela contra um sistema enrijecido, antiquado e decadente.”

“Meça as palavras, meu caro”, o alerta veio do homem de meia-idade com quem ele conversava. “O Império tem ouvidos em todo canto.”

O taberneiro que limpava o balcão disfarçou, indo mexer nas garrafas da prateleira.

“Mas, professor”, protestou o rapaz, “até quando vamos temer a patrulha da mentalidade de rebanho?”. Além do ímpeto da juventude, a bebida parecia encorajá-lo. “Não é justamente para a libertação que essa lenda de Zaratustra nos inspira?”

“Dizem que devemos rezar ao espírito de Zaratustra, o leão com asas de águia e rabo de cobra, que lança raios dos olhos”, a voz grunhida da velha segredou à vizinha. “Mas de um jeito diferente de como se reza a outros deuses. Jamais se pede a ele que as coisas venham a nós. Isso nunca!”

“E de que serve um deus assim?”, reclamou a mulher que, perto dos trinta anos de idade, exibia aparência desgastada.

“Zaratustra não gosta de fracos e dependentes”, a velha ergueu o indicador. “Devemos rogar que ele nos desperte a consciência. Isso sim. Aí, com nossas próprias forças, nós encontramos o caminho para ir em direção àquilo que almejamos. Foi o que ouvi. Foi mesmo...”

“O Império mantém importantes artistas como eu para enobrecer o espírito do povo. Os seus opositores são ignorantes e nada entendem!”, disse o homem de longos cabelos encaracolados e túnica branca ricamente bordada, parando um pouco para puxar o ópio do cachimbo. “Só a genuína arte anestesia a angústia desta existência totalmente sem sentido”, filosofou. “Falando nisso, esse tal Zaratustra é nada mais que nada!”, foi enfático, demonstrando desprezo ao citar o nome.

As pessoas que o acompanhavam, muitas a seu exemplo fumando cachimbo, moviam-se numa extensa tenda, envolta em fumaça, repleta de tapeçarias expostas em varais, todas com desenhos coloridos e abstratos. Elas admiravam as peças com reverência, detinham-se nos detalhes dos traços, feito adoradores de objetos sagrados.

“Aliás, tudo neste imenso Universo é nada. Absolutamente nada!”, o homem

se empavonou vaidoso. “É isso que minha obra expressa.”

“Você ensina a virtude do sono por essa razão?”, inquiriu uma mulher de olhos avermelhados e ar de torpor.

“Dormir bem: eis a maior das virtudes”, o dedo apontado para cima conferiu uma postura professoral ao famoso artista. “Quando a vida é nada, o sono é tudo.”

O grupo se deslumbrou com sua sabedoria.

“Se o mercado compreendesse algo assim profundo, eu seria famoso não apenas entre vocês – nata cultural. Eu cairia nas graças do povo”, expansivo, abriu os braços e empinou o peito. “Infelizmente”, fez a cabeça pender para o lado em lamento, “a ignorância popular prefere modismos, futilidades, como essa nova tapeçaria que tem por aí, estampada de leões e águias e serpentes e relâmpagos... Onde já se viu?! Pode haver coisa mais brega?”

Tudo estava embaçado. Um conjunto de imagens disformes girava como num caleidoscópio. Havia uma porta por onde entrava luz externa, e uma pessoa com roupa colorida, e uns poucos móveis de madeira, e garrafas de vidro...

“Reuel! Reuel!”, gritou uma voz jovem e feminina a sua frente. “Venha, Reuel, venha. Ele acordou!”

Uma figura magra se meteu porta adentro, aproximando-se às pressas de forma espalhafatosa e desajeitada. Estendendo dedos longos e calejados, o homem lhe pôs a mão na testa.

“A febre ainda não o deixou”, disse Reuel com uma voz estridente e

envelhecida, porém muito segura.

“O que a gente vai fazer?”, a moça quis saber, demonstrando preocupação.

“Teremos paciência para que a vida faça sua parte”, respondeu sabiamente, no tom animado que lhe era característico. “Alcance a tigela de emplasto.”

Em seguida, estendeu novamente a mão, espalhando uma mistura pastosa e refrescante em sua testa – o que o fez reagir.

“Acho que ele quer se levantar”, a garota supôs.

Nisso, ele fez esforço para se erguer sozinho, porém uma dor lancinante lhe arrancou as energias num golpe, fazendo-o cair para trás. A visão se escureceu repentinamente, colorindo-se de pequenas explosões ferventes, causando a impressão de que até o espírito lhe doía.

“Calma, meu filho, calma”, a voz segura e tranquila do velho Reuel procurou confortá-lo.

Ele quis mover a mão direita ao ombro esquerdo, contudo, sentiu o velho dar um tapa nessa mão, impedindo-a de avançar.

Rindo com naturalidade, Reuel explicou:

“O ombro está coçando por causa dos vermes que botei aí... Sim, sim, os vermes. Deixe-os trabalhar. Eles comerão a carne apodrecida pela infecção, até nascer uma nova.”

“Ele vai sobreviver?”, a jovem interferiu.

“Ora, ora... É possível que ele passe a sobreviver, a viver acima da condição que estava”, refletiu, querendo dizer algo além da pergunta. “Às vezes, escapar por pouco nos desperta”, falou de modo proverbial. “Isso eu digo, digo mesmo: aquilo que não nos mata, nos fortalece.”

“Ele parece fraco”, a garota se manteve apreensiva.

“Não, não, fraco não... Há nele muita vontade de viver...” o sábio analisou com sua voz carismática e esganiçada pela velhice. “E, você sabe, a vontade escreve a história, toda e qualquer história.”

Perigosas convicções

O inquisidor-mor, responsável pela fé e ordem do Império, caminhava com as mãos às costas, tendo os movimentos imponentes acentuados pela longa túnica e capa negras. Estava ele num largo corredor que tinha de um lado parede e uma sequência de grandes portas de madeira nobre e, do outro, vãos abertos, sustentados por colunas, dando vistas para o jardim que ficava no pátio central do Capitólio. Acompanhando-o, o novo general-maior, em seu uniforme vermelho e elmo debaixo do braço, prestava-lhe atenção com uma fisionomia sisuda.

“Supremo ministro, a centúria de elite era formada por homens devotos ao poderoso Não-Farás”, explicou num tom respeitoso, mas, diferente do comandante anterior, pontuado de firmeza. “Eles o temiam e adoravam... É praticamente impossível recriar um grupo de combatentes assim agora, quando paira tanta dúvida sobre o poder e até sobre a existência do grande dragão.”

Acresceu ainda:

“As convicções que fundamentam o Império devem ser restauradas o quanto antes. O poder deste governo está se degradando pelo aumento constante das dúvidas.”

“Gostei do senhor, general”, o ministro com tapa-olho do lado esquerdo, com seu jeito soturno, abriu parênteses na conversa. “Demonstra ser um soldado fiel à ideologia.”

O oficial nada respondeu, limitando-se a ouvir.

“A sua análise é correta”, prosseguiu o inquisidor. “Devemos dar o troco à

altura da ofensa causada por Zaratustra. E isso de tal maneira e força que desmotive de uma vez esses rompantes de dúvida e consequente desobediência civil que aos poucos corroem as estruturas deste poder”, abriu levemente os braços, com as palmas para cima, indicando o Capitólio em torno deles.

Em seguida, considerou:

“Até o mais orgulhoso edifício pode perecer graças a gotas de chuva e ervas daninhas.”

Queixo erguido, mas sem perder o respeito, o comandante sugeriu:

“Há uma convicção que precisa ser cravada como prego no coração do povo – uma convicção capaz de gerar um ódio visceral contra o maior adversário do Império”, foi enfático. “Faremos com que Zaratustra deixe de ser um herói inspirador por tudo aquilo que realizou e seja visto como o pior dos demônios. Basta alegar que suas realizações são prejudiciais ao povo, pois trazem uma liberdade que gera condições desiguais, colocando o fraco em desvantagem. Os nossos arautos são doutrinados na ideologia. Vamos treiná-los com o discurso e enviá-los a todas as praças nos mercados das províncias”, detalhou o plano, convencido da própria estratégia. “A partir disso, o povo se unirá à sua liderança, inquisidor, a fim de combater um perigoso e perverso aqui-inimigo que ameaça destruir o sistema compassivo que a todos, como grande e bondoso pai, sustenta.”

“E quanto a Zaratustra?”, a sobancelha acima do tapa-olho se levantou interrogativamente.

“Vamos capturá-lo e trazê-lo vivo à sua presença”, ponderou. “E, se me permite uma recomendação, sua excelência não o condenará à morte, mas ao cárcere perpétuo. Assim, todo cidadão temerá a fuga de Zaratustra e apoiará incondicionalmente o guardião da fé e ordem que o mantém prisioneiro.”

“E dessa forma ele substituirá o dragão que ele mesmo venceu...”, o ministro seguiu o raciocínio.

O oficial concordou com um olhar malicioso.

“Temos alguns problemas para fazer buscas a fim de prender Zaratustra, meu caro general. Em primeiro lugar, o pontífice proibiu missões oficiais com esse propósito. E, segundo, ainda que permitisse, onde você encontraria soldados corajosos o bastante para uma empreitada dessas?”

“O sistema tem sido compassivo demais com os criminosos – até porque, em alguns casos, eles atendem a interesses paralelos”, a insinuação se referiu aos esquemas corruptos. “Alguns, entretanto, são tão terríveis que devem ficar presos. Entre esses, há nas masmorras um homem cuja perversidade nada teme, um homem que pode se transformar facilmente num imbatível caçador de recompensa, um cão farejador que nos trará Zaratustra abocanhado em suas presas... E, obviamente, essa não será uma missão oficial”, arrematou a trama com um sorriso sarcástico.

“Como eu disse, general: gostei de você”, o inquisidor afirmou com soberba satisfação.

O rapaz despertou e se pôs sentado na cama, apoiando as costas na parede de barro da cabana. Um pouco tonto e bastante confuso, viu uma jovem vir em sua direção. Ela tinha os cabelos castanhos desalinhados de um jeito rebelde e um lindo tom de pele queimada de sol.

“Você finalmente acordou!”

Ele correu as vistas pelo ambiente, percebendo uma panela cozinhando alguma coisa sobre o fogão a lenha e, em duas das paredes, formando um L, prateleiras com garrafas contendo poções das mais diversas colorações e tonalidades, variando entre verde, vermelho, marrom, algumas até em duas ou mais camadas de cores... A sua atenção, porém, logo se fixou naquela moça bonita, com olhos da cor do mel e um vestido simples, mas alegremente colorido.

“Onde estou?”, ao perguntar, percebeu o próprio ombro enfaixado com trapos. “O que houve comigo?”

“Você está na cabana do boticário – é como o conhecemos, porque faz poções que curam. Ele está cuidando dos seus ferimentos...”

“E você mora aqui?”

“Não”, ela sorriu com um jeito naturalmente fresco e encantador. “Moro com meus pais, em outra ilha perto desta. Mas gosto de ajudar o boticário...”

“Ilha?”

“Sim. Estamos nas Ilhas Bem-Aventuradas – na menor delas, para ser específica”, as sobrancelhas se aproximaram para destacar. “De tão pequena, apenas Reuel tem cabana aqui. Apesar de ser muito querido pelo povo das ilhas, ele prefere um ambiente retirado. Tanto que Reuel tem mais uma cabana no continente, isolada no meio da floresta da serra do mar.”

“Ora, ora, temos muito a comemorar!” Um velho pequeno, magro e atabalhado, vestindo apenas bermuda, com pele queimada de sol e voz estridente, irrompeu, afastando a cortina de pano de saco que servia de porta à cabana.

“Olha, Reuel”, ela disse animada. “Ele está bem.”

“Hum... Parece muito bem – muito bem mesmo”, o boticário concordou.

“Como você se sente, meu filho?”

“Sinto a cabeça girar... Tenho nela algumas imagens vagas... Parecem vir de sonhos...”

“Delírios, delírios por causa da febre”, Reuel mediu a circunstância. “Tudo ilusório. Considere tudo ilusório.”

“Não tenho lembranças...”

“Isso é bom, muito bom”, o boticário deixou escapar. “Quer dizer, é bom que esteja se recuperando.”

“Quem sou eu? O que houve comigo?”

“Sabemos tanto quanto você: nada!”, o velho deu uma risada despreocupada.

Nisso, a moça olhou de imediato para Reuel, mostrando-se surpresa com o rumo da conversa.

“Mas não se preocupe com isso – não, não, não mesmo”, sugeriu com a voz de tom animado e timbre estridente. “Desapegar-se das coisas do passado é o único jeito de sair do passado. Sim, senhor, eu digo: ame o seu destino – foi ele que o trouxe até aqui – e demonstre isso seguindo adiante. Assim se compreende melhor o presente e se extrai dele bons ingredientes para preparar o futuro”, enquanto dava o conselho, começou a remexer uma surrada sacola de pano que trazia a tiracolo. “Falando nisso, vou fazer um chá com algumas ervas e raízes que colhi no bosque do continente”, fugiu do assunto. “Você é forte e logo poderá recomeçar a vida neste lugar. Vai gostar do povo das ilhas – vai sim, vai gostar.”

Em seguida, levantou-se e foi até o fogão a lenha, sendo acompanhado de imediato pela garota.

Na cama, o jovem teve a atenção voltada para o ombro esquerdo. Curioso

para ver como estava, pôs-se a desenrolar as faixas de trapos.

“De onde você tirou essa história?”, a moça, sussurrando, indagou perplexa.

“Que história?”, rebateu o velho, fazendo-se de desentendido, ao passo que punha uma panela com água, ao lado da outra de cozido, sobre o fogão a lenha.

“Que a gente não sabe quem ele é nem de onde veio!” Embora muito firme, ela se manteve sussurrante.

“A gente não sabe mesmo”, disse com certa indiferença, escolhendo algumas folhas e pedaços de raízes para colocar na panela. “Você avaliou que ele tem quase uns trinta anos – trinta anos!”, o velho enfatizou, “enquanto a lenda tem menos da metade desse tempo...”

“E você me explicou que ele deve ter amadurecido conforme o ritmo de desenvolvimento do camelo e do leão... Por isso teria essa idade!”, o protesto saiu veemente, mas baixinho.

À medida que discutiam, ao fundo, o moço se mantinha distraído com o próprio ombro.

“O amadurecimento de uma pessoa não vem pelo tempo, mas pela experiência”, Reuel disse proverbialmente.

“Então!”

“Então o quê?”

“Ora, Reuel!”, a garota estava a ponto de perder a paciência.

“Quando nos escapa a certeza, novas possibilidades florescem”, o boticário ampliou o ponto de vista. “E, no caso dele, seria muito perigoso estabelecermos uma certeza baseada em nossas especulações. A vida desse moço correria enorme perigo”, disse mirando fixamente os olhos dela. “Além

do mais, seria injusto colocar esse fardo sobre o pobre rapaz, já que outro pode ser o profeta. Sim, sim, eu digo: outro pode ser.”

Ela, afinal, compreendeu aquela perspectiva, desviando as vistas para examinar o forasteiro.

“Sábio é respeitar o destino”, o velho pontuou, mexendo a panela. “Seja ele quem for, o destino lhe deu uma chance para recomeçar. Vamos respeitar isso.”

O homem entrou no casebre e, depois de esperar que a esposa também entrasse, fechou a porta feita com pedaços de tábuas rústicas e mal-acabadas.

“Eu sabia que tinha algo errado nessa história”, ele reagiu indignado. “O que o arauto disse na praça hoje não deixa dúvida alguma: Zaratustra é um demônio terrível que vai destruir a todos nós!”

A mulher sentou num banquinho, à mesa, enquanto foi insinuando:

“Talvez o mal trazido por Zaratustra seja um grande bem.”

“Está louca?!”

“Se o modo de vida que hoje temos for superado, e este é o mal trazido por Zaratustra, segundo o arauto imperial, então teremos uma chance de construir um novo modo de vida”, ela considerou.

Em seguida, fixando-se nos olhos do marido, que estava em pé do outro lado da mesa, explicou:

“Hoje a gente existe para cumprir uma rotina de produção e consumo,

aliviada por algumas distrações com nossos prazerezinhos... Não quero isso para mim. E duvido que, no fundo, você queira. Desejo me transformar na pessoa que posso ser e fazer coisas no meu dia a dia das quais possa me orgulhar. Desejo viver num mundo onde eu tenha liberdade, enfim, para superar a mim mesma e ir além.”

“Ah, é?!”, o marido ergueu o queixo de forma desafiadora. “E o que vamos comer, se acabarmos com a rotina de produção e consumo?”

“Quem disse que estou falando em acabar com o trabalho?”, rebateu. “Quero me realizar através do trabalho, isso sim! Só não quero mais viver com a mentalidade operária de produzir por produzir, de ser uma peça da máquina de produção coletiva, sem consciência de individualidade, existindo apenas para ganhar o pão de cada dia. Eu quero me realizar, quero me realizar!”, insistiu enfática.

“Quero isso, não quero aquilo...”, falou como se a imitasse. “Você quer e não quer demais. Devia estar contente em ter pão na mesa!”

“Você ainda não entendeu? Não-Farás está morto!”, foi direta. “Quem está vivo, e muito, é o meu espírito que, feito leão, deseja dizer sim e merecer ser chamado de Eu-Quero!”, encheu-se de brio. “Sim: Eu-Quero! E qual é o problema?”

“Palavras como essas são perigosas! Elas abalam nossas convicções”, ele já estava ficando desconcertado. “De onde você tirou ideias tão absurdas, mulher?”

“Zaratustra me ajudou a pensar assim.”

“Você conheceu Zaratustra?”, confuso e desconfiado, o homem quis saber.

“Claro que não, seu bobo”, riu da ingenuidade do marido. “As histórias que ouvimos sobre Zaratustra ao longo dos últimos anos me inspiraram a pensar

além do raciocínio que se impõe à massa.”

“É ridículo”, virou o rosto ao avaliar.

“Por quê?”

“Porque se acabarmos com o sistema que nos mantém, nós também seremos destruídos”, o homem tornou a encarar a esposa. “O Governo é compassivo, promove igualdade e cuida dos pobres. Se Zaratustra prevalecer, os ricos dominarão e certamente passarão a oprimir os fracos... Você ouviu muito bem o que disse o arauto.”

“Então me responda: se esse império é de igualdade, por que há ricos nele?”, a mulher foi desafiadora. “Como é possível existir uma elite abastada numa nação cuja ideologia determina igualdade de condições? Além do mais, olhe ao redor... ouse enxergar! Você acha mesmo que estamos bem cuidados?”

O homem fez menção de rebater, mas se perdeu antes de começar.

“A ideologia está equivocada e, por isso, jamais deu certo e jamais dará.”

“Agora você virou entendida?”, ele disparou. “Grandes pensadores formaram a ideologia perfeita para uma sociedade justa e você se acha em condições de contestá-la?”

“Essa ideologia despreza o fato de que a natureza humana anseia ir além. Nunca existirá o tipo de igualdade pretendida por esses pensadores simplesmente por que ela contraria a vocação humana mais essencial.”

Ao dizer isso, acrescentou:

“Não é de uma régua de igualdade que precisamos: é do direito à justa recompensa. Este direito, sim, gera verdadeira igualdade e, portanto, justiça”, o olhar da mulher faiscou de ousadia. “Ou você quer ser tratado igual àqueles que mantêm adormecida a vontade de crescer e se realizar?”

O marido mal teve tempo de reagir, perdido em meio a tantos pensamentos novos, enquanto ela concluiu:

“Quanto mais liberdade cada pessoa tiver para ser quem é e criar as próprias condições, de acordo com seu interesse de crescimento, mais estímulo ao desenvolvimento e prosperidade haverá para todos.”

O inquisidor-mor e o general-maior se detiveram no portão principal do Capitólio, tendo diante deles a Praça do Povo agitada por uma turba, já sendo impedida de avançar para dentro pela guarda palaciana.

“Este homem pregava heresias”, disse um dos soldados que traziam o acusado pelo braço, uma figura de barba e cabelos longos e desgrenhados.

“Sim, ele blasfemava no meio do povo”, confirmou o outro soldado.

“Meu senhor”, o primeiro se empertigou. “Nós prendemos Zaratustra!”, estava visivelmente orgulhoso.

“Soltem Zaratustra!”, veio um grito do meio do povo.

“Soltem ele!”, mais alguém fez eco.

“Este homem é um blasfemador!”, bradou de volta o general. “Vocês não ouviram o que têm dito os arautos? Zaratustra é um demônio perigoso.”

“Pelo menos ele é divertido!”, alguém, na multidão, devolveu zombeteiro, mexendo com as autoridades.

Sem dar importância ao agito popular do lado de fora do portão, o ministro supremo disparou ao acusado:

“Então você é Zaratustra?”

“Eu sei rir, e sei dançar, e sei brincar”, o homem abriu um sorriso largo. “Se me soltarem, posso demonstrar.”

“Não quero saber de suas exhibições ridículas”, contestou o ministro duramente, fuzilando o interrogado com seu único olho. “Quero saber se você é mesmo Zaratustra.”

“Eu sou. Mas não sou o único”, disse parecendo falar sério. “Também deve ter muito Zaratustra nesta praça. Mas não se deixe enganar”, fez o alerta. “Nenhum deles é único. Há um Zaratustra a ser despertado em cada um de nós.”

Na sequência, examinou com engraçada curiosidade a fisionomia do ministro, observando:

“Você tem um olho só. Um único ponto de vista. Por isso não vê Zaratustra!”

“Vai pagar caro se continuar brincando comigo!”, a arrogância sombria do inquisidor se impôs raivosamente. “Quero certeza se é ou não.”

“As convicções são inimigas mais perigosas da verdade do que as mentiras”, o homem de barba e cabelos desgrehados avisou com uma gravidade paradoxalmente divertida. “Elas te impedem de enxergar coisas novas... Impedem até que enxergue coisas novas que já eram antigas.”

“Soltem Zaratustra!”, voltou a clamar a praça. “Zara! Zara! Zara!...”, fez-se um coro.

“Levem-no para a masmorra do palácio!”, determinou o ministro. “Ele aprenderá a controlar a língua ou ficará sem ela.”

Quando se confunde vingança com justiça

“Ela cozinhou um delicioso ensopado de peixe”, o boticário disse com sua voz esganiçada e envelhecida, estendendo uma rústica caneca de cerâmica ao rapaz sentado na cama. “Tome este chá antes de jantar. Vai te fazer bem – vai mesmo.”

O moço pegou a caneca, levando-a até a boca.

“É horrível!”, o rosto se contorceu todo.

“Faça um esforço”, o velho pediu.

A jovem, sentada ao lado do mestre, questionou curiosa, enquanto o rapaz tomava o chá fazendo caretas e com muita dificuldade:

“Vai ajudar na cicatrização?”

“Não”, Reuel foi breve.

“Combate a infecção?”

“Não.”

“Para que serve?”, ela estranhou.

“Para ele apreciar melhor o sabor do ensopado”, o velho sentenciou com naturalidade.

O rapaz, incrédulo com o que ouvira, pôs a caneca de lado já reclamando:

“Como assim?!”

Reuel se ergueu tranquilamente e, indo ao fogão servir o ensopado, comentou como se refletisse sozinho:

“Quanto mais atentos os sentidos, mais humano e verdadeiro se é... Sim, senhor, sim, sim... Quanto mais sensível o corpo a si mesmo e às coisas ao seu redor, às coisas da terra, mais desperto o espírito.”

Nisso, um rapaz de ombros largos e belos traços entrou na cabana. Ao ver aquele que estava se recuperando, exclamou:

“Za...”, antes que completasse o nome, recebeu um golpe do velho com uma colher quente bem na boca.

“Ai!”, berrou, levando instintivamente as mãos aos lábios. “Você machucou minha boca!”

“Desculpe”, ironizou o boticário. “Zuniu feito mosca. Achei que fosse uma.”

“O que deu em você, velho?”, o moço se queixou.

A garota deu risada e, sabendo dos motivos, foi até o rapaz para examiná-lo carinhosamente.

“Vai sarar”, disse para consolá-lo.

“Do que me chamou?”, o que estava na cama se viu desconfiado.

“Z”, a interferência de Reuel foi imediata. “Nós chamamos você assim”, aproximou-se trazendo uma tigela com o ensopado. “O que acha desse nome?”

“É estranho... Mas, pensando bem, de alguma maneira, soa familiar”, avaliou, tentando encontrar algo no fundo da memória.

“Então está resolvido”, a moça se adiantou, apoiando a trama do boticário. “Z, este é o pescador que encontrou você ferido, abandonado numa praia deserta. Ele é o melhor mergulhador das ilhas. Nenhum outro aldeão tem fôlego e resistência para chegar à profundidade que ele chega”, concluiu orgulhosa.

O jovem pescador, ainda sem entender o que se passava, apenas ergueu uma das mãos para cumprimentar.

“Coma, meu filho, coma”, disse o boticário, sorrindo para Z.

A garota e o jovem aldeão de ombros largos caminharam pela praia sob as estrelas.

“Você não contou a ninguém mesmo?”, ela se mostrou preocupada.

“Ei, eu sou esperto!”, o rapaz abriu os braços expansivamente, num gesto queixoso pela desconfiança. “Se o Império estava atrás de Zaratustra, eu soube desde o momento que o encontrei que essa história precisava ficar em segredo.”

“Ele pode não ser quem achamos que é”, a moça supôs.

“Como assim?!”

“É uma hipótese perigosa. Pode colocar a vida dele em risco. Como se costuma dizer: o Império é uma tarântula com veneno de vingança. Se mexermos a teia, por mínimo que seja, ela virá imediatamente em nossa direção.”

“Olha aqui, quando fui convocado a mergulhar em busca do leão, encontrei a jaula vazia. Eu entrei nela, passando entre as grades. Se eu entrei, uma pessoa de tamanho mediano pode ter saído dela”, concluiu puxando um sorriso no canto dos lábios, de modo a enfatizar sua lógica. “Não acha que seja muita coincidência eu ter encontrado, durante o retorno, rio abaixo, um sujeito nu, desacordado e ferido, com o corpo menor que o meu enroscado em arbustos?”

Nisso, ambos chegaram à canoa do jovem pescador, que ele usava para se

deslocar mais rapidamente entre as ilhas quando não estava pescando.

“Dizem que Zaratustra sempre foi reconhecido pela companhia de seus animais”, a garota refletiu ao embarcar. “Nós jamais vimos animais assim por aqui. Nem antes, nem depois que você o trouxe.”

À medida que empurrava a canoa ao mar, o moço de ombros largos e belos traços comentou:

“Vi a águia com a serpente enroscada sobrevoando o local do mergulho. Os dois pareciam agitados e aumentaram bastante o terror dos marinheiros... Depois não os vi mais.”

“Por que eles abandoariam Zaratustra?”, a garota questionou, no instante em que ele também embarcou, mirando-o com aqueles olhos da cor do mel, especialmente iluminados pelo luar. “Você entende? Talvez Z não seja Zaratustra.”

“Pode ir parando por aí”, ele protestou divertidamente.

“O quê?”

“Você reforça seus argumentos com esse jeito encantador...”

“E isso é ruim?”

“É golpe baixo”, o rapaz apertou o canto dos lábios.

“Aí que se engana”, ela sorriu de uma forma segura e charmosa. “É um toque de refinamento ao raciocínio.”

“Ah! Mas não tem lógica!”, o pescador tomou o remo nas mãos e ergueu as sobancelhas, franzindo a testa para rebater.

“Exatamente. Eu supero a lógica”, deu de ombros e pendeu levemente a cabeça, esboçando outro sorriso que lhe destacou ainda mais a beleza. “Ou você não gosta?”, foi sutilmente sedutora.

“Claro que sim... Quer dizer...”, a fala se atrapalhou gaguejante e incerta.

“Viu só”, a garota empinou o nariz vitoriosamente, mantendo o clima descontraído da conversa. “A razão das coisas está além da simples lógica.”

Os dois soldados esperaram um pouco para entrar. Atrás deles, o portão enorme e pesado da antiga fortaleza aguardava aberto.

“Enquanto ficamos aqui, praticamente encarcerados nesse pardieiro, vigiando os piores criminosos do Império em péssimas instalações, ele ganha indulto da Corte de Justiça, um cavalo raçudo e um generoso saco de moedas...”

“É o homem mais cruel e sem limites que conheci”, o segundo soldado reconheceu.

“Você acha isso justo?”, arriscou perguntar.

“Uma estranha justiça”, esquivou-se.

“Vivemos tempos em que o bem se tornou mercadoria de consumo, todo o mundo quer ter, mas pouca gente sabe usar, e o discurso de igualdade se transformou em instrumento de repressão da livre expressão, e a ideia de justiça social passou a legitimar a infração do direito de propriedade.”

O segundo se manteve em silêncio, o que fez o primeiro insistir com seu ponto de vista:

“‘Desafortunado e oprimido’; é o que está escrito no indulto. Significa que ele cometeu as atrocidades que cometeu por causa da vida difícil que teve desde criança. Foi uma forma de reagir contra a sociedade que o afligiu”, fez a análise e olhou para o companheiro de farda. “Eu acho que até mesmo ele

acredita nisso. Quer dizer, em vez de superar o seu destino, esse criminoso está convencido de fazer justiça com as próprias mãos, tomando o que os outros têm e ele não. Inclusive a vida! É assim que rouba, estupra e mata tão facilmente. Ele se acha no direito de fazê-lo porque a ideologia dominante lhe inspira esse entendimento... Isso é verdadeira compaixão? E eu te pergunto mais: quem o afligiu, afinal? Eu, você, nossas famílias, vizinhos? Por que a culpa recai sobre nós?”

“Eu estou cansado disso tanto quanto você”, o coração do outro se abriu em tom de segredo. “Mas é politicamente incorreto expressar as coisas dessa maneira... Além de ser muito perigoso”, fez o alerta, voltando a atenção para dentro da fortaleza. “Nunca se sabe quem pode estar ouvindo.”

“Hã! Homens como ele, ressentidos, confundem justiça com vingança porque pessoas como nós se calam acovardadas, temendo a represália por contestar o que é virtuoso e bom só no discurso. Sabe qual é a igualdade que isso gera?”, dirigiu um olhar profundo ao companheiro. “O sangue inocente que suja o espírito dele mancha também o nosso.”

“E o que devíamos fazer?”, deu de ombros. “Puni-lo mais do que o destino já o castigou?”

“Para que uma pessoa seja redimida do ressentimento e vontade de vingança, ela deve reencontrar a honra assumindo suas responsabilidades e até mesmo suas culpas. Eu acho que quando se faz as pazes com o próprio destino, aceitando o passado e aprendendo com isso, pode-se passar além dele. Essa é, para mim, a ponte para a mais alta esperança e a previsão de um arco-íris após este temporal de insensatez e violência que nos assola.”

O segundo soldado tornou a observar o criminoso que se distanciava a cavalo. O homem grande, robusto e de ombros enormes, com as costas curvadas, seguia na direção do horizonte. Cavalgava solto em busca da

polpuda recompensa por Zaratustra.

“Excelência?”, o inquisidor-mor se manteve à porta, aguardando permissão para entrar.

“Ora, ora, quem temos aqui”, o pontífice festejou visivelmente sincero. “Entre, meu caro.”

O guardião da fé e ordem se dirigiu à mesa de jantar, perplexo ao notar o velho líder vestido de túnica branca e enrolado na capa multicolor de Zaratustra, que fora apreendida com a parteira e enviada ao Capitólio.

“Sente-se. Coma comigo.”

“Eu agradeço, mas estou sem fome”, ajeitou-se na luxuosa cadeira ao lado direito da cabeceira onde estava o ancião de barba e cabelos brancos.

“A comida está boa”, o pontífice observou, cortando um pedaço de carne com os talheres de prata. “O veneno que você mandou colocar nela me enfraquece o corpo e dói o estômago cada dia mais...”

O ministro ficou surpreso e constrangido ao saber que o homem havia se dado conta.

“Em compensação, esse veneno vem me despertando mais e mais o espírito”, disse com naturalidade, levando o garfo à boca. “Deve ser por causa da proximidade da morte.”

“Excelência...”, o ministro tentou falar, mas foi interrompido por um gesto de mão do líder.

“Fique tranquilo”, disse mastigando. “Você está sendo leal à causa, eu sei. Propaganda difamatória contra opositores, condescendência com a corrupção e o crime quando se mostram favoráveis, remoção daqueles que ousam propor outros caminhos...”, as sobrancelhas do velho se ergueram para enfatizar, referindo-se ao envenenamento dele. “Tudo isso por que mesmo?”, fez-se de esquecido. “Ah, sim: a causa!”, espetou outro pedaço de carne com o garfo e, mantendo-o erguido diante de si, continuou: “Tudo pela causa que combate a perversidade humana para implantar uma sociedade perfeitamente justa e compassiva.”

“O senhor está doente”, justificou o ministro supremo, medindo com o único olho a capa de Zaratustra em torno do corpo alquebrado.

“Nunca estive tão lúcido”, o velho rebateu sorrindo. “Eu sou um homem arrependido, cuja única redenção é essa lucidez. Ninguém pode me tirar isso”, abocanhou, enfim, o pedaço de carne, demonstrando satisfação.

“Sem luta, a ideologia jamais se concretizará plenamente. Temos um papel histórico nisso”, o argumento do inquisidor transparecia, embora de maneira inadvertida, uma ânsia íntima de convencer não apenas o pontífice, mas também ele mesmo.

“Você se refere à ideologia do ressentimento? Aquela que confunde vingança com justiça?”, ironizou. “Aquela que ajunta em rebanho os acovardados contra todo aquele que expressa desejo de ir além?”, mirou firmemente o ministro. “Aquela que toca o berrante com o chamado nós-contra-eles para reunir o gado?”

O ancião ajeitou a comida no prato, seguindo com a refeição, enquanto aprofundou sua fala:

“Passei a desconfiar de homens como você, de gente que fala bastante de justiça para impor o que lhe convém”, tornou a encarar o inquisidor. “Na

verdade, na sua alma não falta apenas mel, falta honestidade consigo mesmo!”

O velho pôs o garfo em riste para emendar:

“Homens como você, formadores da mentalidade de rebanho, são movidos pelo delírio tirânico da impotência. Delírio que os leva a gritar ‘igualdade!’, e outras palavras de virtude, só para disfarçar sua tirania, seu desejo de compensar a própria impotência dominando sobre o gado. Por causa disso vocês se enraivecem com alguém como Zaratustra, pois odeiam das profundezas de suas entranhas quem desperta o potencial de ir além.”

O ministro, inconstante diante do que ouvia, desafiou grave e altivo:

“O senhor, então, agora rejeita valores como igualdade e justiça?”

“Eu ainda não estou morto. Não torça minhas palavras”, o tom duro impôs limite. “Eu rejeito o ressentimento que bate no lugar do coração de pessoas como você. Rejeito a motivação que o leva a refinar seu desejo de vingança a ponto de ideologizá-lo. E rejeito a sua ideologia que impede o florescimento da genuína justiça.”

Então completou:

“Veja se consegue entender”, a frase saiu com sarcasmo. “Há dois tipos de homens: inferiores e superiores. E, portanto, há dois tipos de igualdade. A dos homens inferiores se expressa pelo desejo de rebaixar os outros até seu próprio nível, diminuindo, segregando, reprimindo. A dos homens superiores, pelo desejo de subir juntamente com os outros, reconhecendo, cooperando, alegrando-se com o êxito alheio”, um sorriso provocador alargou os lábios do ancião. “Diga-me: qual delas promove verdadeiramente a justiça?”

Imediatamente, fez um gesto com a mão para que o inquisidor desconsiderasse a pergunta:

“Esqueça! Se você até hoje não compreendeu o significado desta capa multicolorida, como conseguirá compreender esta questão?”

O ministro, mostrando-se cada vez mais perturbado com a conversa, esboçou reagir, mas foi novamente impedido pelo pontífice:

“Vá e faça o que o dever te manda fazer”, o velho gesticulou dispensando-o.

“Se não sabemos superar sem declinar, que venha o declínio!”

O que se encontra quando se desce às profundezas

Em torno de uma pequena fogueira na praia, à sombra de algumas palmeiras, o boticário, a garota e o jovem forasteiro compartilhavam um almoço de peixes assados na pedra.

“O seu ombro já está bem cicatrizado.” Com um encanto impossível de passar despercebido, a garota avaliou o corpo do rapaz que, semelhante ao velho e conforme o costume local, estava somente de bermuda.

“Devo isso às feitiçarias de Reuel”, ele elogiou, usando de brincadeira para provocar o boticário.

“Chame como quiser”, o velho mestre deu de ombros, enquanto abocanhava um pedaço do peixe que tinha nas mãos. “Uma coisa pode ter vários nomes, sem deixar de ser o que ela é”, proferiu com sua voz esganiçada e tranquila.

“Sabe o que significa o nome de Reuel?”, disse. Dirigindo-se a Z, ela se lembrou do assunto, que lhe pareceu interessante desde que conhecera aquele homem enigmático.

“Nem faço ideia.”

“Amigo de Deus”, a pronúncia teve certo ar solene. “Não é perfeito? Acho que descreve muito bem a pessoa que ele é.”

“Deus?!”, Z se admirou. “Deus nunca existiu. E, se algum dia existiu, está morto.”

Reuel, aproveitando-se que estavam do lado da ilha que ficava de frente ao oceano, indagou ao rapaz:

“O que você vê quando olha adiante da praia?”

“O oceano”, foi pronto e assertivo na resposta.

“Hum... Você está tão convicto disso quanto da inexistência de Deus”, o velho analisou, jogando a espinha que restou do peixe na fogueira. “O saber não nasce das convicções, mas das incertezas – sim, sim, eu digo: há incalculável possibilidade de descobertas numa incerteza. Um raciocínio incontestável jamais se compara ao refinamento de sabedoria da dúvida.”

Em seguida, apertando os olhos para encarar o rapaz, emendou com sua voz estridente, mas segura e mansa:

“E o que você vê quando contempla o oceano?”

“Muita água... Às vezes, um barco distante... Alguma gaivota”, ao contrário de antes, a resposta saiu insegura, demonstrando que ele não tinha compreendido bem as intenções do velho.

A garota riu, divertindo-se por causa do constrangimento de Z, e, antecipando-se, propôs:

“Imensidão, profundidade e mistério”, os olhos da cor do mel brilharam.

“Pensar em termos de mistério nos leva a conjecturar sobre além-mundos; e isso tira nossos pés da realidade”, o rapaz contestou prontamente.

“Você tem razão quanto à necessidade de vivermos de acordo com a realidade deste chão”, o mestre concordou. “É ruim mesmo, sim, muito ruim ter a cabeça em algum além-mundo, em alguma especulação que nos faça escapar do enfrentamento honesto da vida como ela se apresenta – faz a gente perder precioso tempo de existência ou, até, perder a própria oportunidade de existir de verdade... Sim, sim, isso mesmo”, reforçou com seu modo atrapalhado de se expressar. “Mas o mistério faz parte da realidade, como a imensidão e a profundidade do oceano fazem parte do oceano.”

Então, abrindo um sorriso, disse Reuel:

“Amar o Mistério, o tremendo e maravilhoso que está em todas as coisas e transcende sempre o nosso entendimento, por mais que avancemos nele, sim, amar o Mistério implica em não ter certeza mesmo a respeito de Deus”, o velho ergueu as sobrancelhas, enrugando a testa de forma a enfatizar a coerência disso com a realidade.

“Como assim?”, questionou Z.

“Deus é somente uma ideia, uma noção da dimensão sagrada que permite ao homem se aproximar do Mistério. Bem, temos de admitir, ora, ora”, o velho sábio sacudiu a cabeça, lamentando com seu timbre esganiçado, “temos de admitir que, muitas vezes, um deus cerceado de dogmas pode ser uma forma do homem se afastar do Mistério, isso sim... mas, em essência, a percepção da camada sagrada da existência é a percepção do que há de mais profundo nas coisas da terra – e acima dela, no firmamento. Portanto, a forma verdadeira de adorar a Deus não está na especulação de além-mundos, sobre se há vida após a morte e de como ela deve ser, nem na definição sistemática sobre os atributos da divindade e sua maneira de agir... Não, não, não mesmo”, foi firme. “Está no deslumbramento, na contemplação e no amor às coisas da terra despido de qualquer certeza a respeito daquilo que nos ultrapassa o entendimento. Assim, quem investiga a natureza, como eu, por exemplo, pode ser mais íntimo da divindade do que um religioso. E quem sabe rir, e dançar, e brincar e celebrar a vida louva a Deus muito acima dos ritualistas mecânicos que se aglomeram com hora marcada nos templos – embora haja nos templos pessoas que ali encontram inspiração para se relacionar genuinamente com o Divino, pois o Divino se expressa nos símbolos religiosos e pode revelar muito de si através deles.”

“Eu te falei que ele era amigo de Deus”, a jovem comentou, fascinada com a

fala de Reuel.

Z se distraiu novamente com a beleza da jovem, com os cabelos desalinhados que lhe davam o aspecto independente e um jeito travesso de moleca, os olhos da cor do mel, sempre instigantes, sedutores, enigmáticos... depois, ele voltou as vistas ao oceano, imenso, assombroso e, igualmente, encantador...

“Amanhã cedo, antes da aurora, eu venho buscar você”, a garota avisou.
“Vamos sair com os pescadores em mar aberto para pescar.”

Z abriu um sorriso largo, animado com a ideia de conhecer a comunidade e deixar, finalmente, aquele isolamento.

“Mas, antes, você precisa se acostumar melhor com a água salgada”, ela disse isso e, mal se levantando, correu rindo gostoso, com o vestido colorido esvoaçando em direção ao mar.

O rapaz nem pensou e, espalhando areia, já se pôs a correr atrás dela.

Reuel permaneceu onde estava, admirando os jovens e se divertindo com os mergulhos e brincadeiras deles nas águas oceânicas.

O general-maior instruía um oficial diante da pesada porta de grade que dava acesso às masmorras do Capitólio quando, ao notar a aproximação do inquisidor-mor, encerrou o assunto e foi ao encontro dele.

“Solicitou minha presença aqui, general”, adiantou-se o ministro, com seu jeito áspero e sombrio.

“Sim, excelência.”

“Espero que seja importante”, reclamou num tom ameaçador.

“O caçador de recompensa trouxe Zaratustra!”

“Tem certeza que se trata dele? Você o interrogou?”

“Ministro, receio que isso não seja possível... Mas se trata de alguém que já estava fazendo muitos discípulos”, explicou. “Uma pessoa lúcida que contava com o respeito de seu povo...”

O comandante fez um gesto às sentinelas para que fosse aberta a porta de grade a fim de que ambos entrassem.

“Se ele é lúcido, por que não é possível interrogá-lo?”, o inquisidor virou as costas e se dirigiu para dentro da prisão.

“O senhor precisa ver pessoalmente”, o comandante o seguiu.

À medida que os dois desciam as escadas, aprofundando-se naquele lugar infernal, o ambiente subterrâneo ia ficando sufocante. As paredes de pedras úmidas e mofadas, cuja escuridão era amenizada apenas pelas lamparinas a óleo estendidas ao longo dos corredores, tinham cheiro e aspecto demasiadamente opressivo.

O espírito do próprio general, que costumava ser autoconfiante, parecia asfixiado com a situação, indicando haver algo muito complicado ali.

“O caçador demorou mais do que devia para chegar aqui...”, relatou.

O ministro, já impaciente, caminhava firme, deixando de dar atenção ao outro para avançar o mais rápido possível e descobrir, afinal, o que ocorrera de tão desconcertante.

Depois de alguns passos no corredor principal, passando em frente, inclusive, da cela onde estava o homem de barba e cabelos desgrehados que fora preso na Praça do Povo afirmando ser Zaratustra, um carcereiro, segurando uma

lamparina, atendeu de imediato um sinal do comandante que vinha atrás do inquisidor-mor, abrindo uma das grades.

Sem esperar por ninguém, o supremo entrou na cela, deparando-se com uma mulher loira bastante ferida, com um dos pulsos acorrentado à úmida parede de pedra e o outro solto, já que era nítido que o braço estava quebrado.

Chocado e enraivecido, ele se voltou para o general que se deteve à entrada ao lado do carcereiro:

“O que significa isso?!”

“Ela era uma famosa curandeira do povo bárbaro. Jamais foi simpática ao Império, ao que consta, mas nunca deu trabalho. De um tempo para cá, revelou ser Zaratustra e passou a pregar em praça pública, fazendo discípulos e incitando as pessoas à liberdade.”

“Uma mulher!”, exclamou o ministro, arrancando a lamparina da mão do carcereiro.

“Bem, Zaratustra foi camelo e leão, podia se transformar em qualquer coisa...”, o raciocínio do comandante derrapou inseguro.

“Em nome do Deus Compassivo, homem!”, protestou num misto de fúria e lamento. “Você não pode controlar seu cachorro para que não cheguemos a este ponto?”, disse isso e se virou em direção à prisioneira, aproximando a lamparina para enxergá-la melhor.

Examinando-a, à luz bruxuleante, notou, nos cabelos loiros emaranhados, torrões de sangue e lama. No rosto inchado, somente uma das vistas ainda se abria. E, devido à roupa em trapos, nas pernas e braços de um corpo aparentemente de meia-idade e bonito era possível distinguir muitos cortes e hematomas.

Quase sem forças, ela sussurrou alguma coisa incompreensível.

Aturdido, o inquisidor chegou perto dela e se abaixou, dobrando um dos joelhos, com o intuito de ouvi-la.

“Eu... sei rir...”, os lábios grossos pela inchação desenharam um sorriso que, transformando-se em riso, fez com que ela tossisse, expelindo um fio de sangue pelo canto da boca.

O ministro se levantou devagar, tentando assimilar aquilo. Tornando ao general, de um jeito severo e a um só tempo desgostoso, deu ordem:

“Tenha compaixão e acabe de uma vez com o sofrimento dessa mulher.”

“Talvez isso não seja aconselhável, meu senhor”, as palavras saíram com dificuldade.

“Você vai me contar de uma vez o que está acontecendo ou terei que arrancar essa história à força?”, o inquisidor disparou enfurecido.

“Claro, excelência... aliás, eu posso explicar.”

Sob o olhar fuzilante do ministro, o general se viu obrigado a narrar:

“O caçador de recompensa resolveu ficar uns dias com ela antes de trazê-la... Dizem que era muito bonita”, fez uma pausa, resistindo a detalhar. “Ela não se entregava fácil aos abusos... Chegou a quase arrancar a orelha dele numa mordida... por isso, o homem a espancou tanto nesse período. Quando viu que a mulher não suportaria, tão mal ela ficou, trouxe-a para receber o prêmio”, concluiu lastimando. “Temos pouco a fazer para ajudá-la.”

“Isso não esclarece por que você acha desaconselhável colocar um fim nesse sofrimento”, o inquisidor insistiu, pressionando o general.

“Há pouco chegou um mensageiro da província vizinha a dos bárbaros...”

O ministro levantou impositivamente o rosto, endurecendo ainda mais a fisionomia, percebendo as implicações daquele sequestro.

“O povo bárbaro se revoltou com a captura dessa mulher”, o comandante prosseguiu. “Parece ter sido a gota d’água para uma insatisfação que há muito fermentava. Uma multidão atacou o governo local, deixando o governador e o contingente do exército de lá sitiados”, discorreu bastante apreensivo. “Estou destacando tropas para aplacar a rebelião.”

“Faça mais do que enviar soldados. Vá pessoalmente com as tropas e não ouse retornar vivo sem sufocar a insurgência”, o ministro foi incisivo. “Antes de partir, chame um bom médico para essa mulher. E reze por um milagre. Podemos precisar dela como moeda de troca para negociar com os bárbaros.”

Ao dizer isso, saiu da cela para se retirar das masmorras. Entretanto, ao passar diante do Zaratustra barbudo e de cabelos desgrehados, deteve-se ao ouvir sua voz por trás das grades.

“A sua compaixão é pela ideologia, não pelas pessoas”, o homem riu do ministro supremo.

O inquisidor-mor ficou parado, sem olhar para o profeta que o provocava, como se aquelas palavras o tivessem atingido.

“Alguém já falou: ‘Toda ideologia tem a inquisição que merece’”, riu alto e expansivamente. E riu tanto que lhe brotaram lágrimas enquanto arrematava: “Quanto a você, homem de um olho só...”, gargalhava a essa altura, “qual juízo você merece?”

O ministro apenas se retirou sem se pronunciar.

“Chega!”, berrou o comandante. “Espanquem esse falastrão!”

“Deixe-o em paz, general”, o supremo se deteve à beira da escada sem se voltar para trás, rebatendo a ordem com uma firmeza lúgubre. Na sequência, subiu os degraus, com sua longa capa negra iluminada pelas lamparinas.

Do lado de fora da cabana, sob o céu abundante de estrelas a cintilar, Reuel se aproximou de Z, que estava sentado na areia contemplando o horizonte.

O velho alcançou ao rapaz uma das canecas que trazia e, sentando-se ao lado dele, disse sorrindo:

“Este não é amargo.”

Z pegou a caneca e bebericou um pouco do chá, devolvendo o sorriso ao velho sábio. Daí comentou:

“Numa noite escura como esta, sem luar, o oceano e o céu parecem se unir como se fossem um só.”

Reuel ficou calado, limitando-se a observar o cenário.

O jovem, então, voltou ao assunto que haviam discutido durante o dia:

“Apesar do que você falou hoje, sobre o mistério das coisas, acho que devemos nos limitar ao que é humanamente pensável, visível e palpável. De outra maneira, corremos o risco de perder contato com a nossa humanidade, desviar o foco do nosso ser e, assim, perder a possibilidade de investir em nosso crescimento pessoal.”

“Talvez a vida seja semelhante a esse espelho oceânico sob o firmamento”, disse o boticário. “Sim, sim, um espelho... A cor, as cintilações... tudo que a água faz é refletir o céu que sobre ela se debruça. Agora, ela é apenas escuridão. Trevas. Amanhã, quando vier o dia, será verde, azul, variando tons conforme a combinação de luz e profundidade.”

O velho tomou um gole do chá e, depois, prosseguiu:

“Assim a vida nos responde de acordo com o que lhe projetamos. Veja só,

observe: nós encontramos nela a nossa própria imagem. Nossa própria imagem...”, frisou a seu modo desordenado. “O que se entrega a tormentos enxerga somente o pior, vivendo uma interminável sucessão de relacionamentos ruins e ambientes infernais durante sua jornada; o cerceado por dogmas, apenas muros a cercá-lo, obrigando-o a fantasiar sobre o que está do outro lado, a ponto de se alienar; o cético e trágico, apenas incredulidade e impossibilidades que tolhem sua potencialidade criativa para ir além da atual condição humana; e o de coração e mente abertos, ah!, este encontra curiosidade sedutora, uma aventura que inclui o infinito e imponderável Grande Mistério... Ora, ora, quem você acha que mais pode crescer em conhecimento e grandeza de espírito?”

Ilhas Bem-Aventuradas

“Quer vir conosco, Reuel?”, a moça convidou, animada.

Apenas uma lamparina iluminava toscamente a cabana, pois o dia ainda não amanhecera.

“Podem ir”, o velho respondeu, lidando com uma panela no fogão a lenha.

“Eu vou ao continente. Preciso pegar algumas coisas na cabana da floresta.”

Z já estava de saída com a garota quando o boticário segurou o braço dele:

“Tenha cuidado, meu filho”, aconselhou carinhosamente com sua voz esganiçada e envelhecida.

O moço assentiu e fez menção de sair, mas Reuel continuou segurando seu braço:

“E não fique dando explicações sobre você a curiosos”, alertou. “Sabe-se lá! Sim, sim, sabe-se lá!...”, largou o braço do rapaz para erguer o indicador. “Como não se lembra do seu passado, é bom evitar especulações. Pensou se o Império está atrás de você por alguma razão?”

“Por que o Império estaria atrás de mim?”, Z recebeu aquela ideia com estranheza.

A jovem, rindo dos dois, interferiu:

“Reuel tem razão, Z”, os olhos da cor do mel miraram o rapaz. “Nunca se sabe. E é sempre melhor evitar confusões com o Império.”

O velho assentiu, reforçando a necessidade de cautela. Em seguida, tentou mais um conselho, porém foi interrompido pela moça.

“Chega, Reuel”, ela disse achando graça do boticário. “Você parece mãe dele!”

O velho pequeno e magro, com a pele queimada de sol, foi se explicar, entretanto, ela o interrompeu outra vez:

“Eu te prometo que vou cuidar dele direitinho. Está bem?”

Ao dizer isso, com um sorriso encantador, pegou Z pela mão, levando-o consigo.

Ainda estava escuro, quando Z e a garota desceram da canoa falando alto e divertidamente. Ele puxou a pequena embarcação para a areia, enquanto ela seguia lembrando a confusão que haviam acabado de passar durante a breve travessia até ali.

“Você tem problema de coordenação”, a moça caçooou brincando. “Não consegue remar com um mínimo de ritmo!”

“Eu estava aprendendo”, ele se queixou, rindo da situação.

“Aprendendo? Se dependesse de você, estávamos remando em círculos até agora.”

“Mas depois eu peguei o jeito. Admita.”

“Um pouco”, ela não quis ceder.

Os dois seguiram brincando enquanto caminhavam em direção aos pesqueiros que, ainda ancorados, recebiam suprimentos para zarpar.

O rapaz notou o povoado que ficava a beira-mar. Graças aos postes com

lâmpadas acesas, era possível apreciar as casas – todas simples, porém muito bonitas, brancas de cal, mas cada uma com portas e janelas pintadas de alguma cor viva: azul, amarelo, vermelho, verde, laranja... os telhados, feitos com telhas de barro, mostravam-se caprichosamente alinhados. E havia floreiras por toda parte, completando aquele cenário alegre.

Aquela hora da madrugada, a vida começava a pulsar na comunidade. Mulheres alcançavam pequenas trouxas a jovens filhos e maridos, tendo embrulhado nelas o pão caseiro que serviria para repor as energias durante a jornada de pesca. Uma e outra criança com cara de sono permanecia à porta aqui e acolá, sentada nos degraus, enquanto dividia a atenção entre a tigela de mingau de café da manhã e a movimentação dos adultos. A atividade pesqueira, além de sua função produtiva, parecia confraternizar com os aldeões.

“É assim todo dia?”, o rapaz ficou curioso.

“Só quando os barcos saem ao mar”, disse ela. “Acontece cerca de uma vez por semana, dependendo da época. É o suficiente para se pegar a quantidade de peixe necessária para nosso consumo.”

“E vocês vivem só disso?”

“O povoado é autossuficiente. Os pesqueiros são cooperativos, quer dizer, cada barco pertence a vários donos, assim como as grandes hortas e pomares. Nessas atividades coletivas, cada um recebe de acordo com a sua participação. Quando alguém não está a fim de trabalhar, tem essa liberdade, mas em compensação, exceto se estiver doente, não recebe a sua parte. E existem, ainda, atividades individuais, como a confecção de cestos, roupas, cerâmicas e diversos utensílios. Os aldeões produzem conforme o talento de cada um. Daí as coisas são negociadas por escambo, ou seja, por trocas. Assim, ninguém fica com sobra nem falta de qualquer coisa”, fez uma pausa

para, em seguida, deixar escapar uma pequena frustração. “Quer dizer, nem tudo a gente tem aqui. Há muitos produtos que não conseguimos fabricar nas ilhas. Mas aprendemos a viver sem eles”, deu de ombros.

“E o Império? Vocês não recebem salário e cota de alimentação como o restante do povo?”

“Os pesqueiros oficiais operam a partir de estruturas portuárias no litoral. O Governo nunca se preocupou com estas ilhas. São pequenas e representariam muito pouco em termos de arrecadação. A despesa para administrar seria maior do que a receita; é o que dizem. Ao longo dos anos, pessoas insatisfeitas ou até inconvenientes ao Império se afastaram dele e, aproveitando esse distanciamento, vieram para cá, formando este e mais alguns povoados.”

Em seguida, retomando seu jeito espontâneo, ela abriu os braços e um largo sorriso para emendar:

“Por isso estas ilhas se chamam Bem-Aventuradas.”

Ao dizer isso, a garota teve a atenção voltada a um grupo que passava algumas redes de pesca de mão em mão até lançá-las dentro de um pesqueiro:

“Pai!”

Virou-se novamente para o rapaz:

“Venha, Z! Venha conhecer meu pai.”

Ela saiu correndo pela faixa de areia, com as ondas lambendo seus pés. O moço se deteve um pouco, observado o quanto a beleza e o temperamento livre daquela garota se harmonizavam com o lugar. Logo depois, partiu atrás dela.

“Pai, este é o Z!”, a garota entrou na água, dirigindo-se a um homem de meia-

idade e compleição robusta.

“Olá, Z! Bem-vindo às ilhas.”

O homem estendeu a mão direita para cumprimentar o jovem, o que fez Z perceber que ele tinha apenas o polegar.

“De onde você é?”, o pai dela quis saber.

“Acho que de todo lugar – e de lugar nenhum”, sentiu-se um tanto confuso e envergonhado ao dar resposta.

“Então está no lugar certo”, o pescador sorriu de modo acolhedor. “Vai pescar conosco?”

Enquanto falavam, Z notou que outro pescador da equipe não tinha um dos braços. Embora aquele homem se esforçasse tanto quanto os demais para levar as redes ao barco, o moço achou estranho haver pessoas assim numa atividade que exige grande esforço e agilidade física.

“Ele não vai com vocês, não”, interveio o jovem pescador de ombros largos que resgatara Z. “Ele vai comigo”, afirmou confiante.

“Ora, Z, sinto muito por você”, o pai da moça caçoou. “Mas te desejo boa sorte”, concluiu, já caminhando água adentro para subir no pesqueiro.

“Fico feliz que esteja aqui”, o jovem aldeão que o resgatara pôs a mão no ombro de Z, convidando-o com um gesto de cabeça a acompanhá-lo.

“O que acha do nosso povoado?”, indagou, à medida que andavam com água à altura do peito indo em direção a outro pesqueiro.

“Muito bonito e aconchegante...”, fez a avaliação olhando para as casas.

“Gostei do colorido das portas e janelas.”

“Coisa do Reuel”, disse o pescador.

“Além de boticário, é um bom alquimista”, a garota acrescentou. “Ele nos ensinou a técnica de fazer tintas para embelezar a comunidade.”

“O seu pai não tem os dedos da mão direita”, Z não se conteve e foi quase sussurrante ao mudar de assunto. “E falta um braço ao amigo dele... Como podem pescar?”

Ela estacou. Os olhos da cor do mel ganharam uma expressão séria ao mirar o rapaz para rebater:

“A vontade deles é forte. Isso os torna muito melhores do que qualquer cidadão do Império que tenha o corpo inteiro e a vontade frouxa. Assim é a nossa gente e por isso vivemos bem.”

“Desculpe, eu só fiquei intrigado...”, a justificativa dele saiu intimidada por causa da reação veemente da garota.

“Este é o barco!”, o jovem pescador deu um tapa no casco ao chegar no pesqueiro, demonstrando orgulho. “Meu pai foi um dos construtores – e eu já tive muita aventura nessa belezinha.”

“Ele gosta mais desse barco do que de qualquer coisa”, a moça fez a crítica com um misto de ciúme e brincadeira.

“Calma lá”, ele se deteve na escada de cordas estendida na lateral. Na sequência, pôs-se a subir falando com uma indiferença proposital: “Nas prioridades do meu coração, você vem logo depois deste barco.”

Ao perceber que a moça segurou as cordas, Z interrompeu os dois, revelando-se surpreso:

“Você também vai junto?!”

“Por que não?”, a garota começou a subir.

“Mas você é mulher”, o moço, ao pé da escada, argumentou com estranheza.

Saltando para dentro do pesqueiro, a jovem olhou para baixo e, meneando a cabeça, devolveu:

“Precisa atualizar suas ideias. E com urgência!”

Quem é Zaratustra?

O sol matinal iluminava a praia ao pé da serra coberta de mata, destacando-lhe a beleza paradisíaca. As águas vinham do mar com um azul que ia mudando de cor, fazendo-se verde-claro até ganhar uma límpida transparência, à medida que se aproximavam da areia para acariciá-la. A floresta exuberante, em tons de verde variados de acordo com o jogo de luz e sombra daquele horário, estendia-se continente adentro, subindo a cadeia de montanhas algumas léguas adiante. Entretanto, Reuel, que puxava a canoa para o seco, percorria céu e terra com as vistas em busca de alguma coisa diferente naquela paisagem.

“Onde estão aqueles animais idiotas?”, murmurou consigo. “Assim que me enxergarem, vão embarcar outra vez na canoa... Ah, certamente vão, certamente... E de novo eu vou enxotá-los! Sim, enxotá-los mesmo!”

Ele colocou as mãos na cintura magra, olhando ao redor e tornando a falar sozinho com sua voz envelhecida e estridente:

“Eles não entendem? Se forem comigo para as ilhas, ficará evidente quem é Zaratustra. Aí a notícia se espalha e o Império vem logo atrás...”

Sem encontrar qualquer animal, ele se pôs em direção à mata da serra, ainda resmungando:

“Uma águia com uma serpente enroscada no corpo... Ora! Quem não descobre Zaratustra desse jeito?!”

O homem, sentado diante da imensa mesa do inquisidor-mor, cheia de livros pesados encapados em couro, trajava túnica preta conforme os ministros costumavam se vestir. Por volta dos setenta anos de idade, nariz largo e cabelos crespos quase brancos, ele tinha uma fisionomia fechada que transparecia a rigidez de sua personalidade.

“Você é o juiz mais velho da Junta Inquisitorial, tanto em idade quanto em exercício”, o supremo, também com muitos fios brancos no cavanhaque e grandes entradas de calvície, observou, levantando-se da cadeira para caminhar pelo gabinete. “Quando eu ascender ao pontificado, será você a ocupar este ministério.”

O ancião apenas acompanhou o inquisidor-mor com as vistas, notando o movimento da capa que lhe aumentava a imponente e conferia um ar ameaçador.

“Como sabe, a notícia da recompensa está se espalhando”, prosseguiu. “Multiplicam-se os caçadores rapidamente. Só hoje, pela manhã, recebemos mais dois prisioneiros que se dizem Zaratustra; uma loucura que parece contaminar o povo em todos os cantos do Império!”, narrou pensativo, revelando perplexidade diante daquele curioso fenômeno.

“O que deseja que eu faça, excelência?”, a indagação do juiz foi pronta e disposta igual a de um soldado; até porque os defensores da causa viam a si mesmos como combatentes sempre prontos a lutar.

“Apenas receberá o prêmio quem tiver trazido o genuíno profeta que procuramos. Portanto, quero que use sua experiência para interrogar um por um dos prisioneiros e julgar as evidências, arrancando daquelas masmorras a absoluta verdade”, fez uma pausa, avaliando as circunstâncias com preocupação. “Seja rápido a descobrir se Zaratustra está mesmo entre os

presos, mas não use da força física para isso. Já chega a revolta que se desenrola entre os bárbaros.”

Reuel, embrenhado na mata, chegou à clareira onde tinha sua outra cabana. Nisso, ecoou o grito da águia de Zaratustra. O velho estranhou, já que o som parecia ter vindo do interior do casebre.

“Ora! Esses animais não desistem”, queixou-se sorrindo, satisfeito, no fundo, pela fidelidade deles. “Não senhor, não desistem.”

Ao abrir a porta, a surpresa!

O criminoso, solto a fim de servir como caçador de recompensa, estava sentado na cadeira de balanço de vime, próximo ao fogão a lenha apagado. Num canto, a águia e a serpente se agitaram dentro de uma grande gaiola feita de bambu.

“Entre, velho bruxo”, o homem alto e robusto, de ombros grandes e costas curvadas, abriu um sorriso sarcástico, mostrando vários dentes podres. Era possível notar que lhe faltava um bom pedaço da orelha direita, que ainda estava em processo de cicatrização.

O boticário entrou em silêncio e lentamente, ouvindo o caçador dizer:

“Os seus animais o traíram”, a voz grossa e levemente rouca expressou orgulho pela esperteza. “Eles me indicaram, sem que se dessem conta, este lugar de feitiçarias”, referiu-se aos diversos vidros com poções, ervas e raízes desidratadas e até destiladores espalhados desordenadamente pela cabana, além de um grande livro de anotações.

“Então você me encontrou, encontrou mesmo”, disse Reuel com seu jeito atrapalhado, mas sereno. “O que quer de mim? Um remédio? Espere, espere...”, pôs o indicador na testa, como se adivinhasse. “Alguns produtos para higiene pessoal, aposto! Sabe, posso fazer milagres por você”, foi provocativo.

“Desta vez, quero minha recompensa”, estreitou os olhos e devolveu igualmente tranquilo, sem se importar com a provocação.

“Desta vez?”

“É uma história complicada”, fez um gesto para que o boticário deixasse este ponto para lá. “Importa apenas que agora o achei... Se é que você é você”, projetou o queixo para frente, revelando desconfiança.

“Hum... Difícil questão... Quem nada sabe sobre si mesmo, nada pode saber sobre qualquer outro”, disse com sua voz envelhecida e esganiçada. “A quem procura, afinal?”

“Não se faça de tonto, velho!”, foi ameaçador. “Procuro Zaratustra – o leão transformado em... em... alguma coisa...”, confundiu-se, “talvez um bruxo, posso suspeitar...”

“Por que não disse antes?” O boticário abriu os braços de modo expansivo. “Sou eu, meu amigo, eu mesmo!”

“Vai ter que confessar isso ao Império”, aconselhou, num tom intimidador, com sua voz grossa e meio rouca. “E reze para que acreditem... Porque se eu perder minha recompensa, tenha certeza de que vai se arrepender até o fundo da alma.”

“Não tenho medo de você.” Reuel encarou o criminoso de forma destemida.

“Nem se preocupe, velho.” Balançando-se na cadeira, o caçador voltou a exhibir os dentes apodrecidos num sorriso sarcástico. “Eu trato de corrigir isso

bem rápido.”

O esforço de todos era um só no convés do pesqueiro: puxar a rede para dentro.

“Está indo bem, Z. Vamos lá!”, o incentivo partiu do jovem de ombros largos, que teve de gritar para ser ouvido, por causa da agitação dos peixes enredados somada ao barulho das águas.

A garota, ajudando tanto quanto os cerca de meia dúzia de homens que ali estavam, virou-se para Z e sorriu, também em sinal de aprovação.

O rapaz se mostrou satisfeito, aumentando ainda mais seu empenho enquanto considerou também aos gritos:

“Já pensaram que talvez eu fosse um pescador?”

“A sua pele devia ser mais queimada para isso”, o jovem de ombros largos riu. “Mas, pensando por outro lado”, reconsiderou, “você pode ser outro tipo de pescador...”

“Como assim?” Z ouviu aquilo com estranheza.

A moça disparou um olhar recriminador ao jovem que dissera aquelas palavras, pois sabia aonde tal conversa podia levar.

“Sei lá”, ele teve de dissimular. “Talvez dentro de cada pessoa haja um tipo de pescador, esperando ser despertado...”

“Lembra-se do oceano de mistério que é a vida, Z?”, a garota, elevando a voz para ser ouvida, aproveitou a deixa. “Devemos despertar o pescador que

existe em nós para tirar o que há de melhor desse oceano”, ela dirigiu os olhos da cor do mel para Z, mostrando acreditar nisso com sinceridade. “É o que o Reuel costuma ensinar”, acrescentou. “Nunca se sabe ao certo o que tem abaixo da superfície do oceano da existência, mas podemos tirar dele coisas surpreendentemente boas se nos empenharmos a pescar.”

Costas grandes e curvadas, o caçador de recompensa cavalgava com pesada indolência pela faixa de areia. Atrás de si, ia puxando dois jumentos. Um deles carregava Reuel, de mãos amarradas à rédea. O outro, a gaiola de bambu com os animais de Zaratustra balançando preguiçosamente no ritmo da viagem.

De repente, o homem deteve a cavalgadura. Ele permaneceu parado por um instante, pensativo. Então, voltando-se ao boticário, disse, desconfiado:

“E se eu estiver perdendo meu tempo com você, velho bruxo?”

“Eu sou Zaratustra, amigo”, garantiu um tanto aborrecido, com seu timbre esganiçado, mas firme e sereno. “A sua busca está encerrada. Siga seu destino, pois eu estou seguindo o meu.”

“Acha que pode me enfeitiçar?”, rosnou o criminoso. “Palavras amigáveis não bastam para me convencer!”

“Os animais testemunham a meu favor. Na metrópole de Vaca Malhada, eles servirão como provas. O que mais você quer?”, manteve a calma, embora contrariado com a situação.

“Vou acabar com isso agora mesmo”, num resmungo raivoso, o homem

apeou a seu modo pesado. “Ninguém me engana, velho...”

Ele deu uns passos na direção do prisioneiro e, sorrindo maliciosamente, a ponto de exhibir os dentes podres, desembainhou a cimitarra, uma espada larga e em curva que costumava levar consigo. A lâmina cintilou ao sol, dançando levemente na mão do bandido.

A seguir, mantendo os olhos fixos em Reuel, ele se virou e andou adiante, indo até a gaiola dos animais à medida que raciocinava:

“É possível reconhecer Zaratustra. Há sinais... Ouvi, em minhas andanças de caçador, alguém afirmar: ‘O verdadeiro profeta será aquele que for acompanhado pela amplitude da visão da águia e pelo equilíbrio da prudência da serpente’...”

Num único golpe, ele cortou a corda que fechava a gaiola, fazendo com que a porta se abrisse.

“Veremos se é assim com você, velho bruxo”, disse, e estreitou as vistas ameaçadoramente.

QUARTA PARTE

Três metamorfoses do espírito menciono para vós: de como o espírito se torna camelo, o camelo se torna leão e o leão, por fim, criança.

Há muitas coisas pesadas para o espírito, para o forte, resistente espírito em que habita a reverência: sua força requer o pesado, o mais pesado.

O que é pesado? Assim pergunta o espírito resistente, e se ajoelha, como um camelo, e quer ser bem carregado.

O que é mais pesado, ó heróis?, pergunta o espírito resistente, para que eu o tome sobre mim e me alegre de minha força.

Não é isso: rebaixar-se, a fim de machucar sua altivez? Fazer brilhar sua tolice, para zombar de sua sabedoria?

Ou é isso: deixar nossa causa quando ela festeja seu triunfo? Subir a altos montes, a fim de tentar o tentador?

Ou é isso: alimentar-se das bolotas e da erva do conhecimento e pela verdade padecer fome na alma?

Ou é isso: estar doente e mandar para casa os consoladores e fazer amizade com os surdos, que nunca ouvem o que queres?

Ou é isso: entrar em água suja, se for a água da verdade, e não afastar de si as frias rãs e os quentes sapos?

Ou é isso: amar aqueles que nos desprezam e estender a mão ao fantasma, quando ele quer nos fazer sentir medo?

Todas essas coisas mais que pesadas o espírito resistente toma sobre si:

semelhante ao camelo que ruma carregado para o deserto, assim ruma ele para seu deserto.

Mas no mais solitário deserto acontece a segunda metamorfose: o espírito se torna leão, quer capturar a liberdade e ser senhor em seu próprio deserto.

Ali procura o seu derradeiro senhor: quer se tornar seu inimigo e derradeiro deus, quer lutar e vencer o grande dragão.

Qual é o grande dragão, que o espírito não deseja chamar de senhor e deus? “Não-Farás” chama-se o grande dragão. Mas o espírito do leão diz “Eu Quero”.

“Não-Farás” está no seu caminho, reluzindo em ouro, um animal de escamas, e em cada escama brilha um dourado “não farás!”

Valores milenares brilham nessas escamas, e assim fala o mais poderoso de todos os dragões: “Todo o valor das coisas brilha em mim”.

“Todo o valor já foi criado, e todo o valor criado – sou eu. Em verdade, não deve mais haver Eu Quero”. Assim fala o dragão.

Meus irmãos, para que é necessário o leão no espírito? Por que não basta o animal de carga, que renuncia e é reverente?

Criar novos valores – tampouco o leão pode fazer isso; mas criar a liberdade para nova criação – isso está no poder do leão.

Criar liberdade para si e um sagrado “Não” também ante o dever: para isso, meus irmãos, é necessário o leão.

Adquirir o direito a novos valores – eis a mais terrível aquisição para um espírito resistente e reverente. Em verdade, é para ele uma rapina e coisa de um animal de rapina.

Ele amou outrora, como o que lhe era mais sagrado, o “Não-Farás”; agora

tem de achar delírio e arbítrio até mesmo no mais sagrado, de modo a capturar a liberdade em relação a seu amor: é necessário o leão para essa captura.

Mas dissei-me, irmãos, o que pode fazer a criança, que nem o leão pôde fazer? Por que o leão rapinante ainda tem de se tornar criança?

Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim.

Sim, para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer-sim: o espírito quer agora sua vontade, o perdido para o mundo conquista seu mundo.

Três metamorfoses do espírito eu vos mencionei: como o espírito se tornou camelo, o camelo se tornou leão e o leão, por fim, criança.

– Assim falou Zaratustra. E nesse tempo ele permanecia na cidade que se chama A Vaca Malhada.

Friedrich Nietzsche

O camelo, o leão e a criança

O sol brilhava forte no início da tarde quando o jovem pescador e a garota, aproximando-se da cabana de Reuel, na pequena ilha, ouviram berros angustiados vindos de lá de dentro.

Ambos se entreolharam com uma expressão de pavor e se puseram a correr o mais rápido que podiam, a fim de ajudar quem ali estivesse em apuros.

O rapaz de ombros largos entrou primeiro, estancando na porta ao afastar a rústica cortina de pano. A moça chegou logo depois, detendo-se também.

Z estava na cama, sonhando, e rugindo, e se revirando agitadamente.

Ela correu até ele e, segurando-lhe o ombro, procurou despertá-lo:

“Z, acorde...”

O moço, sobressaltado, sentou-se na cama. Vertendo suor e um tanto confuso, olhou em volta, tentando identificar as circunstâncias.

“Eu... eu estava dormindo...”

“E eu queria ter sabido disso antes”, o pescador fez o comentário rindo do próprio susto. “E, para sua informação, a sesta que costumamos fazer tem o objetivo de relaxar.”

“Você está bem, Z?”, a garota quis saber. “O que te afligiu tanto?”

“Sonhei com um leão... Ele lutava contra um dragão gigantesco, um monstro cuspidor de fogo... O dragão era terrivelmente implacável...”

Em silêncio, o jovem aldeão e a moça miraram um ao outro.

“Eu sempre sonho com esse leão... E com um camelo, que tem de andar pelo

deserto carregando muita carga... Parece que a jornada dele jamais termina...”

“Esquece isso, garoto!”, o rapaz pôs fim à conversa. “Nós viemos buscar você.”

“Mas ainda não chegou a lua cheia”, Z argumentou. “A festa não seria na virada da lua?”

“E vai ser na virada da lua, daqui a três dias”, o pescador respondeu. “Mas eu vou mergulhar e achei que você ia gostar de aprender.”

“Claro que sim”, Z não pareceu se empolgar. “Só que estou muito preocupado com o Reuel. Eu não o vejo desde o dia que cheguei da pescaria.”

“Ele é assim mesmo”, a moça disse. “Às vezes ele desaparece por algum tempo. Já houve época em que sumiu por um longo período. Por outro lado, quando está na fase mais sociável, ele participa animadamente da vida da comunidade.”

“O velho deve estar metido em alguma de suas criações”, o jovem pescador reforçou, procurando tranquilizar o amigo. “Já notou que ele parece criança? Quando está criando alguma coisa então, ele se esquece de todo o resto para ficar com seu brinquedo.”

“Reuel vive entre os limites da terra e do oceano, entre as ilhas e o continente, a praia e a floresta...”, ela sorriu, insinuando as conversas que já haviam tido sobre o mistério das coisas e o encantamento daquele velho sábio por isso.

“Levante-se, amigo”, o rapaz de ombros largos e belos traços fez um gesto com a mão, chamando Z para a porta. “Você ficará hospedado lá em casa nos próximos dias. E nós vamos nos divertir um bocado”, puxou o canto dos lábios formando um sorriso animado.

O caçador de recompensa atravessou a Praça do Povo sacolejando desleixadamente sobre a cavalgadura. Dos dois jumentos que levava presos por cordas atadas ao arreio do cavalo, o último ia vazio e o outro conduzia ninguém menos que Reuel.

O velho mestre mantinha sua serenidade habitual. Inclusive, seu espírito criança a tudo observava muito curioso, pois nunca estivera numa metrópole – sobretudo, em uma tão majestosa como aquela. Ele até cumprimentava as pessoas que começavam a cercá-lo, admiradas por causa da águia com a serpente enroscada no corpo que o seguia, sobrevoando a pouca altura.

Havia muita gente por ali naquele dia, pois a detenção de tantos que se diziam Zaratustra trouxera discípulos e simpatizantes para a frente do Capitólio a fim de exigir sua soltura. Alguns estavam acampados há mais de uma lua e outros tantos não paravam de chegar, pois não paravam de chegar novos prisioneiros sob as mesmas acusações. O lugar, aos poucos, transformava-se numa panela fervente.

O criminoso se dirigiu com seu prisioneiro à entrada do palácio imperial, pondo-se diante dos guardas que, percebendo claramente o que havia ali, abriram o enorme e imponente portão de ferro a fim de que ambos entrassem. Enquanto isso, mais pessoas dentre a multidão percebiam o que estava acontecendo e corriam para se aproximar do grande profeta.

Assim que Reuel foi retirado do jumento e conduzido às masmorras, a águia voou com a serpente para o elevado topo do obelisco que ficava no centro da praça, onde permaneceu pousada, atiçando a curiosidade de todos e criando

alvorço.

O jovem pescador, sozinho com Z no mar, ambos tendo água à altura do peito, foi didático:

“Há dois tipos, apenas dois tipos capazes de sair nadando quando jogados na água: os animais e as crianças pequenas”, suas sobrancelhas se levantaram para enfatizar. “Portanto, não pense que logo conseguirá. Seja perseverante e vai aprender. Sou um ótimo professor. Isto aqui é minha vida”, as palavras foram ditas com orgulho.

“Entendi”, o rapaz assentiu.

“Ótimo. Você vai tentar nadar do jeito que eu expliquei, sempre paralelo à faixa de areia”, apontou para a praia, a fim de não deixar dúvida. “Jamais, eu disse jamais, vá em direção ao oceano. Senão os pés perdem o contato com o chão e isso é muito perigoso para um iniciante.”

Z ameaçou falar, mas foi interrompido:

“Nós também vamos desenvolver seu fôlego. Exige tempo e bastante treino”, o aldeão de ombros largos disse com ar professoral. “O oceano oferece riquezas maravilhosas a quem tem fôlego para mergulhar em suas profundezas.”

“Podemos começar?”, Z transpareceu ansiedade.

“Tudo bem. Mas...”

O pescador nem pôde completar a frase e Z mergulhou contra as ondas, direto para o fundo.

“Ele tem mesmo problema de coordenação”, o rapaz meneou a cabeça e se atirou imediatamente atrás do outro.

Algumas braçadas e ele alcançou Z sob as ondas. Ao olhar para o lado, percebeu que seu aluno novato nadava perfeitamente, demonstrando boa capacidade de fôlego. O jovem pescador, então, fez sinal para que emergissem.

Ao romperem a superfície, flutuando nas águas ondulantes, o aldeão comentou surpreso:

“Não sei se você é um animal ou uma criança pequena, mas está mais preparado para oceano do que eu imaginava.”

“De alguma maneira, senti que isso já estava em mim”, Z deu de ombros. Em seguida, sorriu de um jeito maroto e tornou a mergulhar.

Um dos dois soldados que guardavam o gabinete do inquisidor-mor abriu a pesada porta de madeira ao juiz de cabelos crespos e quase brancos. O homem entrou e se deparou com o ministro supremo à janela, absorto em pensamentos e de costas para ele.

“Excelência?”, chamou, detendo-se próximo à entrada.

Sem resposta, permaneceu onde estava. Sentiu-se constrangido naquele momento, pois o supremo era sempre assertivo e, portanto, jamais se mostrara assim, como se estivesse paralisado. O ancião, reunindo coragem, respirou fundo com seu nariz largo e insistiu:

“Excelência?”

O inquisidor-mor se manteve do mesmo jeito, porém falou num tom introspectivo:

“Os animais dele continuam no topo do obelisco. Displicentes e, provavelmente, defecando no maior monumento do Império... Eles zombam de nossa impotência”, refletiu de uma forma inexpressiva que não lhe era característica. “Acertaríamos o coração do Governo se tentássemos disparar uma única flecha na direção daqueles bichos, pois o povo se lançaria em revolta contra nós.”

O experiente juiz resolveu ficar calado, esperando que seu líder tomasse a iniciativa de discutir o assunto que o fizera ser convocado àquela reunião.

“Eu terei de convocar o Ministério Supremo para informar a respeito de uma mensagem que recebi hoje”, permaneceu de costas para o juiz. “O general-maior foi morto em combate. Sofremos muitas baixas em pouco tempo de conflito.”

“Deus Compassivo”, o magistrado lamentou.

“Os bárbaros foram liderados por um pequeno grupo de guerreiros rebeldes... E, vitoriosos, acabaram declarando a independência de sua província”, concluiu com a mesma inexpressão.

“Não pode ser!”, o assombro se apoderou do ancião.

“Parece que ainda há apoiadores do Império fazendo oposição entre eles, mas isso só causará mais derramamento de sangue.”

“Devemos enviar força máxima e esmagar esses traidores”, o juiz se recompôs e assumiu uma atitude inclemente.

“A minha mesa está cheia de mensagens... Elas chegam dia a dia”, o inquisidor comentou. “Em todas as províncias da rota mercante do deserto há manifestações pedindo independência. Quando souberem dos bárbaros, a

situação se agravará. O nosso contingente será pouco para enfrentar tanta insurgência. Temos de enviar interlocutores em vez de usar a força. É o máximo que podemos fazer.”

“É inacreditável que essas histórias sobre Zaratustra tenham provocado tanta instabilidade”, o juiz refletiu.

“Ele apenas lançou luz naquilo que não conseguíamos enxergar”, ponderou o inquisidor. “Tudo que nos parecia tão certo, agora se rende ao caos... A insatisfação popular decompõe o Império. A trama dos supremos que querem me derrubar se mostra tão forte quanto o meu poder político... Ordenei aos médicos que se empenhassem em restaurar a saúde do pontífice”, acrescentou. “Mas talvez seja tarde demais para isso. Corremos o risco de ver o trono vago e o Ministério Supremo transformado no mais cruento campo de batalha”, mostrou-se desconsolado. “Não foi o profeta que causou tais coisas. Elas já estavam aí, desintegrando o mundo que nos esforçávamos por sustentar sem que percebêssemos. Ele só faz despertar as pessoas – para o bem ou para o mal, a depender de cada uma.”

“Ao menos, estamos com o verdadeiro Zaratustra. Já pagamos o resgate reconhecendo a autenticidade”, abriu parênteses. “Sugiro que façamos um julgamento rápido e o queimemos na Praça do Povo, acabando de uma vez com isso”, foi incisivo. “Então soltamos os demais e a multidão se dispersa.”

“Até você perdeu a sensatez?”, o inquisidor-mor disse de um modo cansado e, finalmente, virou-se para encarar o magistrado. “Nós tentamos demonizar esse profeta para que a população o odiasse. Ao contrário do que esperávamos, começou a aparecer gente de todo tipo em todo canto assumindo a identidade dele e, pior, fazendo discípulos em seu nome. O que acha que acontecerá se condenarmos o verdadeiro Zaratustra à morte?”

“Depende de como conduzirmos o julgamento”, devolveu maliciosamente.

“O que você está planejando?”

“Uma parte do povo adora Zaratustra, é verdade. Mas outra parte o vê com indiferença, pois acha que as ideias nele inspiradas nada têm a ver com suas necessidades diárias. Para estas pessoas, importa apenas o pão na mesa e a satisfação cotidiana de seus prazeres”, explicou. “Elas não querem saber de elucubrações a respeito de desenvolvimento humano, de evolução do espírito ou coisas afins.”

O ministro supremo se limitou a ouvir, ainda sem esboçar qualquer reação, enquanto o juiz prosseguiu:

“Este é um caso de grande interesse popular. Montemos um palco na Praça do Povo, façamos o julgamento em público, exponhamos as contradições desse homem simples de forma que todos percebam suas bobagens proverbiais.”

“Isso pode se voltar contra nós muito facilmente”, avaliou o inquisidor.

“No interrogatório preliminar que fiz, ele se mostrou encantado com a vida igual criança. Obviamente, é um ingênuo. Vive fora da realidade. Dê-me alguns dias”, o pedido do magistrado veio repleto de malícia. “Vou interrogá-lo e descobrir seus pontos fortes e fracos. Durante o julgamento, exploraremos suas fraquezas e ampliaremos a importância delas até que nada reste de Zaratustra, senão uma figura ridícula e desprezível.”

Festejos e cortejos

A lua cheia fazia cintilar as águas do oceano. Tochas acesas, arranjos de flores e pessoas dividiam espaço na faixa de areia próxima ao colorido povoado. Todos acompanhavam atentamente a cerimônia que unia em matrimônio um jovem casal.

Um velho pescador, usando apenas bermuda, à semelhança dos homens que estavam ali, pronunciava algumas palavras diante da moça que trazia uma coroa de flores na cabeça, delicadamente trajando um vestido branco simples mas gracioso, ao lado de um rapaz cuja bermuda também era branca e impecavelmente limpa.

“Ninguém deve se casar apenas para aplacar a solidão. Nem, tampouco, pensando somente em ter filhos para satisfazer os instintos de propagação”, o discurso tinha um ar solene. “Cada um deve construir cotidianamente a si mesmo para, então, ter algo a oferecer no matrimônio.”

Z buscou sua jovem amiga com os olhos. Ela prestava atenção às palavras do pregador. Seus lábios sorriam, emoldurando o encanto e a beleza de seu rosto. Será que ela pensava nele? Será que os imaginava juntos?

“Que a união de vocês seja expressão de uma vontade de criar a dois, de contribuir um com o crescimento e autorrealização do outro, um desejo de estimar o potencial da pessoa amada e incentivá-lo”, prosseguiu o homem. “Que seus filhos não tenham motivos para chorar pelos pais, mas encontrem em vocês o sentido da terra, vendo em seu exemplo de vida flechas de anseio por um futuro melhor.”

Quando se deu conta, Z percebeu que o jovem pescador de ombros largos o

observava com uma expressão um tanto recriminadora. Talvez não porque Z tivesse os olhos fixos na garota, mas porque isso fazia parecer que estava indiferente à cerimônia. Constrangido, ele desviou as vistas, voltando-se para o casal que se unia.

“Amar verdadeiramente implica em amar além de nós mesmos. Além do bem e do mal, do julgamento crítico que as pessoas fazem todo tempo umas das outras, está o verdadeiro amor. E está no solo desse genuíno amor o potencial de florescimento do jardim do matrimônio que é, realmente, sagrado.”

Na saída da cidade de Vaca Malhada, o caçador de recompensa deixou o bordel e foi cambaleante até seu cavalo. Iluminado pela lua cheia, depois de desamarrar com dificuldade o animal, ele tentou montar, mas errou o pé no estribo e quase caiu. Confuso pela embriaguez, abriu a volumosa e pesada bolsa de couro que levava a tiracolo para conferir as moedas. Jamais tivera tanto dinheiro!

Desconfiado, correu os olhos em todas as direções, a fim de verificar se assaltantes não o vigiavam. Esforçou-se novamente para montar. Acabou capotando sobre o cavalo e explodindo na lama do outro lado. Insistente, ergueu-se, limpando-se de qualquer jeito. Em seguida, fez a volta e repetiu a tentativa. Desta vez, manteve-se montado apesar da dificuldade de equilíbrio.

O criminoso cavalgou para fora da metrópole, tomando a estrada que conduzia ao Oriente. De pouco em pouco, olhava para trás, pois estava preocupado com salteadores. Ele não quis dormir no bordel, já que a embriaguez o faria praticamente desmaiar no sono, deixando sua bolsa à

disposição de qualquer um naquele antro. Porém, tomar a estrada àquela hora da noite significava um risco grande demais. Detrás de algumas árvores ou arbustos, podia pular um bando e obrigá-lo a lutar completamente bêbado pela própria vida.

O jogo de luz e sombra provocado pelo luar começava a confundi-lo. Lá adiante, seria o vento a agitar levemente algumas folhagens, ou ele enxergara vultos se movendo sorrateiramente?

Resolveu sair do caminho. Podia cavalgar mata adentro e dormir em alguma clareira. No dia seguinte, teria de aguentar apenas a ressaca, mas estaria em melhores condições de viajar e combater quem fosse preciso. Além do mais, não tinha aonde ir e sequer sabia se desejava mesmo rumar naquela direção ou qualquer outra.

O homem puxou a rédea para a direita, mas o cavalo resistiu. Encolerizado, deu com os calcanhares com força no animal, obrigando-o a se dirigir para a mata. O cavalo obedeceu, descendo devagar e cuidadosamente. Só então o criminoso notou que havia um barranco pedregoso e íngreme demais naquele ponto.

Inclinado e sacolejando bastante sobre a cavalgadura, o caçador de recompensa perdeu o pouco equilíbrio que tinha, vindo a cair como um afogado que busca desesperadamente onde se agarrar.

O susto provocado pela queda o fez urrar, mas ele foi silenciado assim que sua têmpora estourou no baque surdo que deu numa pedra, enquanto as moedas tilintavam ao redor. Atrás dele, o cavalo fez meia-volta e se foi. Solitário, os olhos abertos e inertes foram se apagando, juntamente com a luz de vida que nele nunca se acendeu.

Ainda entre tochas acesas e arranjos de flores na praia, os aldeões dançavam no ritmo alegre dos músicos, riam contando histórias e confraternizavam comendo e bebendo.

Z estava sentado numa roda de pessoas que conversavam animada e quase desordenadamente, com falas paralelas e risos constantes. Nisso, o jovem pescador de ombros largos se aproximou dele e, agachando-se ao seu lado, propôs:

“Vou apresentar uma garota para você”, seu sorriso se abriu de um jeito travesso. “Mas terá que dançar com ela.”

“Eu não quero.”

“Como assim?”, insistiu. “Ela é bonita e interessante. Se dançar com ela, vai acabar se apaixonando.”

“Já disse que não”, disse, erguendo as sobrancelhas e esboçando um sorriso sem graça, querendo demonstrar que estava bem.

“Entendi...”, o rapaz se pôs pensativo. “Sei qual é a garota que te interessa”, levantou o indicador. “Mas eu vou dançar com ela... E mais: vou acabar me casando com ela.”

“Não vai, não”, Z rechaçou num tom brincalhão e provocativo.

“Ah, vou sim”, devolveu no mesmo tom. “É por isso que você precisa conhecer outras meninas.”

De repente, a moça com olhos da cor do mel se aproximou por trás dos dois e, sem saber que falavam sobre ela, interveio na conversa:

“Qual de vocês vai dançar comigo primeiro?”

“Eu não sei dançar...”, Z deixou escapar tímida e nervosamente.

“Eu ensino”, a jovem resolveu o problema com naturalidade.

“Ei, isso está errado!”, protestou o pescador. “Estava justamente dizendo para ele que eu ia tirar você...”

Z dirigiu uma expressão triunfante e zombeteira ao amigo, enquanto a moça o fazia levantar e conduzia pela mão.

“Não seja bobo”, a garota falou para o jovem aldeão sem se deter. “Depois eu danço bastante com você.”

A luz do luar entrava janela adentro do gabinete do inquisidor-mor, somando-se à iluminação das velas nos dois castiçais que repousavam sobre a imensa mesa de madeira.

Absorto na redação de um documento, o ministro começou a ouvir uma espécie de cântico doce e leve. O som parecia vir do pátio do próprio Capitólio, repetindo apenas e sucessivamente o nome “Zara”.

Intrigado, ele se levantou e foi até a janela.

A música melódica e suave ia despertando aos poucos a multidão que forrava completamente a Praça do Povo. As pessoas, que dormiam no piso apenas enroladas cada uma em sua capa, foram se levantando e passando a cantar também, formando pouco a pouco um magnífico coro azulado a entoar sob a lua cheia.

A águia, mantendo a serpente em torno do corpo, ecoou seu grito agudo do alto do gigantesco obelisco como se fosse um lamento dolorido.

O ministro, tomado de estranheza, encaminhou-se à porta. Ao abrir, antes que se dirigisse aos guardas, percebeu a aproximação de um soldado pelo corredor.

“Excelência?”, o jovem pediu permissão para falar.

“O que está havendo, soldado?”

“A profetisa, da terra dos bárbaros, morreu há pouco”, o rapaz parecia assustado. “Os prisioneiros começaram a cantar na masmorra e isso se espalhou tão rápido que nem pudemos impedir”, justificou.

“Está bem”, o inquisidor reagiu com uma tolerância que lhe era rara. “Volte a seu posto.” Visivelmente consternado, deu a ordem e fez menção de entrar.

“Senhor...”, o soldado emendou.

O supremo, que normalmente se irritaria com tal insolência, permitiu com um gesto de cabeça que o jovem continuasse.

“A mulher está com um suave sorriso de satisfação no rosto.”

Antes de responder, tendo ao fundo o cântico cada vez mais intenso, ele mediu o que se passava. Reparou o medo desenhado no rosto daquele jovem soldado. Provavelmente seus companheiros de farda deviam sentir o mesmo pavor.

Então, o ministro estendeu o braço e colocou a mão sobre o ombro do rapaz. Mirando-o com o único olho de uma forma benevolente, garantiu:

“Não tema, filho”, a voz soou segura. “Tudo acontecerá como tiver que acontecer.”

Sonhos e despertamentos

Os primeiros raios de sol desciam mansamente sobre a praia do povoado. Um último músico ainda dedilhava as cordas de seu alaúde para uns poucos casais que dançavam calma e romanticamente. Entre eles, o jovem pescador e a garota de olhos da cor do mel, abraçados e harmoniosos, deslizavam os pés descalços na areia.

Z, sentado em uma das rodas de conversas que ainda se mantinham, não conseguia deixar de seguir os dois com os olhos. Àquela altura, bastante incomodado e transparecendo ciúme, o rapaz nem se interessava pelas coisas que as pessoas diziam, mesmo quando alguém se dirigia a ele.

O que mudou isso foi um nome, dito apenas de passagem pela aldeã de meia-idade ao lado dele, um nome que lhe soou familiar: Zaratustra.

“Do que você está falando?”, Z se virou curioso.

“Do profeta”, ela respondeu com naturalidade e quis seguir o assunto que vinha abordando.

“Que profeta é esse?”, insistiu.

“Ora, rapaz!”, o homem à frente interveio. “Você nunca ouviu falar de Zaratustra?”

“Talvez... Mas não consigo me lembrar ao certo”, remexeu a memória. “Mas, ouvindo o nome agora, eu o reconheço, e gostaria de saber quem é.”

“Para entender Zaratustra, precisamos começar pelo seu nascimento”, a mulher se pôs a contar. “Há muitos anos, um bebê riu no instante em que veio a este mundo...”

Z foi totalmente envolvido pela história, sentia-se identificado com a narração dos aldeões que, naquela roda, costuravam as falas uns dos outros, desenrolando com riqueza de detalhes a fantástica saga do profeta.

“Essa capa multicolor, que a mãe fez para ele, foi enviada ao Ministério Supremo como prova de sua morte”, um ancião acresceu ao que estava sendo narrado naquele ponto.

“Dizem que o próprio pontífice a tem usado, pois ele está muito doente e busca uma cura milagrosa”, somou outra mulher.

“Mas o profeta vai tomá-la de volta”, garantiu uma das vozes na roda.

“Claro, claro”, concordou o ancião. “Esse será o sinal do começo dos novos tempos...”

O jovem Z mal conseguia interferir para fazer perguntas, tal o interesse daquela gente na história que, em muitos trechos, mais se assemelhava a uma lenda...

Do alto do gigantesco obelisco, a águia e a serpente, que na maior parte do tempo permaneciam ali, observavam o movimento popular na Praça do Povo. Ao pé do monumento, pessoas se acotovelavam na disputa por espaço. Umas traziam oferendas de flores, outras acendiam velas, outras, ainda, depositavam cestas de frutas. O lugar começava a ficar repleto daquelas oblações e do murmúrio das rezas ansiosas por alcançar alguma dádiva concedida pelo espírito de Zaratustra.

Ao mesmo tempo, nas proximidades, um desconhecido profeta que chegara

há poucos dias recriava tais práticas aos berros. As suas palavras eram duras e, por isso, poucos se prestavam a ouvi-las. Ele dizia que Zaratustra não viera para trazer mais sonhos, mas, ao contrário, para convocar cada um ao despertar.

Também se formavam e desfaziam com frequência grupos nos quais se discutia, na maioria das vezes acaloradamente, sobre a mensagem que Zaratustra trazia ao mundo. Seria ele um enviado divino para socorrer necessitados? Ou, quem sabe até, um novo deus? Seria o fundador de uma nova ideologia política? Ou, talvez, uma voz interior do próprio ser humano, expressando sua vocação para ir além?

De qualquer maneira, todos aguardavam ansiosos os desdobramentos do processo para saber o que o Império faria com Zaratustra. Aliás, muitos aguardavam ansiosos para assistir ao que Zaratustra faria com o Império.

Cansadas pela noite de festejo, ao terminar a narrativa da história de Zaratustra, as pessoas foram desmanchando a roda de conversa. Ainda assim, aquelas que seguiam na mesma direção continuaram explorando o assunto entre si à medida que se dirigiam a suas casas.

Z se ergueu e bateu as mãos na bermuda a fim de tirar a areia que se havia apegado nela. Nisso, viu a garota e o jovem pescador se aproximarem. Indisposto a falar com eles, o rapaz disfarçou e saiu caminhando para o lado oposto.

A moça, sensível ao que se passava naquele momento, disse alguma coisa ao jovem aldeão de ombros largos, pedindo que a deixasse conversar a sós com

o outro. Em seguida, ela foi atrás de Z, caminhando rapidamente a fim de alcançá-lo.

“Espera, Z.”

“Eu quero ir embora”, respondeu asperamente, olhando para o mar. “Nem tenho uma canoa para isso!”, reclamou aborrecido.

“Você pode usar a minha”, ela permaneceu doce como costumava ser.

“Assim que puder, eu te devolvo”, sem dirigir as vistas à moça, Z partiu determinado. “Agora, só quero que você me deixe ir de uma vez.”

“Não é por aí...”

“É sim!”, o jovem foi rude. “Vou embora deste lugar e nunca mais quero te ver!”

“Estou falando da canoa”, a garota sorriu de um jeito compreensivo. “Está para o outro lado”, apontou.

Emudecido e carrancudo, Z deu meia-volta e, fincando os pés com força na areia, prosseguiu em busca da canoa.

“Nós precisamos conversar”, a insistência dela foi quase suplicante.

“Eu imagino o que você quer conversar. Pode voltar para seu namorado. Eu me viro sozinho.”

“Você tem razão. Ele passou mesmo a ser meu namorado. Mas foi somente agora... Antes erámos apenas amigos – como você e eu.”

“Enquanto flertava comigo, você tentava seduzi-lo, não é?”, virou-se para encará-la, mostrando-se magoado.

“Não, não é”, foi firme, mas manteve a doçura. “Depois que você chegou, eu tive dúvidas quanto a meus sentimentos, confesso”, mirou o rapaz com os

olhos da cor do mel. “Só que a minha relação com ele já vinha crescendo para algo mais íntimo e, agora, decidimos ficar juntos”, explicou. “Nós dois gostamos muito de você, somos seus amigos e queremos continuar sendo.”

“Não existe amizade entre homem e mulher!” Deu as costas para a moça, vermelho de cólera, e voltou a pisar vigorosamente na areia em busca da canoa.

“Não seja antiquado!”, mesmo o protesto dela tinha sempre uma pontuação encantadora.

“Qual delas é, afinal?”, Z quis saber da canoa, ao alcançar um grupo estacionado na praia.

“Aquele ali”, fez sinal com o indicador, começando a se irritar com a inflexibilidade dele.

Z deslizou a pequena embarcação para a água praguejando:

“Só doido, mesmo, para se casar... Ainda mais com você!...”

Subiu e empunhou o remo, continuando a xingar:

“Se as mulheres são animais terríveis, você consegue ser pior... Aquele coitado é um santo que vai cruzar com uma gansa estúpida e mandona!”, disparou, rumando às ondas.

“Retire já o que disse, Zaratustra!”, embravecida, a garota foi atrás dele na água para exigir.

O rapaz deteve o remo e, fixando-se nela, concluiu surpreso:

“Sua víbora! Até nisso você mentiu?”

Ela pôs as mãos na cabeça, tentando explicar desnorteada:

“Não temos certeza... Quisemos te proteger do Império...”

Furioso, ele passou a remar com todas as forças.

“Aonde você vai?”, angustiada, ela gritou o mais alto que pôde, a fim de que o jovem a ouvisse, já que ele se distanciava rapidamente.

Dentes cerrados, ele respondeu apenas para si:

“Vou buscar minha capa multicor.”

Após desembarcar no continente, o jovem Zaratustra se pôs a caminho da metrópole de Vaca Malhada. Ele atravessou uma campina, subiu e desceu um longo terreno, de relevo bastante ondulado, até chegar à casa de uma família de lavradores. Ali, recebeu pão e uma bolsa de água, que podia carregar a tiracolo, além do convite para que pousasse. Zaratustra foi grato pela hospitalidade, mas preferiu seguir viagem. Sendo assim, eles apontaram a direção da estrada que levava à capital do Império e o rapaz, despedindo-se, partiu.

De repente, ao contornar uma rocha, Zaratustra se deparou com uma paisagem sinistra. O lugar onde estava descia para um vale de pedras, sem grama, árvore ou arbustos, sem canto de pássaros, cercado por penhascos negros e avermelhados. Um vento gélido soprava, fazendo enrijecer o corpo.

Apesar do ambiente inóspito, ele resolveu atravessar e, enquanto caminhava entre as pedras, esquivando-se das maiores, ia notando esqueletos de cobras

espalhados por todo lado. Mais adiante um pouco, havia o cadáver putrefato de uma serpente enorme. Isso lhe contorceu o estômago de nojo.

Zaratustra sentiu uma sombria e fugaz recordação, como se já tivesse conhecido aquele lugar em algum momento da vida. Veio-lhe à mente, inclusive, alguém dizendo que o vale se chamava Morte das Serpentes.

Nisso, o jovem percebeu um vulto se mover com ligeireza detrás de um conjunto de rochas, que eram da altura de pouco mais de meio homem. O frio que lhe castigava o corpo, naquele instante, foi sentido também na alma.

“Quem está aí?”, quis saber temeroso.

“Sou eu...”, a resposta veio de uma voz gorgolejante.

“Saia para que eu te veja”, ordenou, abaixando-se para pegar uma pedra.

“Não faça mal a mim”, a voz pediu. “Eu mesmo já me fiz todo o mal que podia”, acrescentou, saindo do meio das rochas.

A figura era assustadora. Um homem pequeno, nu e demasiadamente magro, curvado, usando mãos e pés para andar feito macaco. A criatura, de olhos inchados, com órbita amarelecida e íris negra, deteve-se para medir de cima a baixo o visitante.

O rapaz considerou consigo que aquele devia ser o homem mais feio do mundo. Percebeu que ele não tinha sobrancelha e os pelos lhe eram excessivamente ralos, apesar de longos. Os pés, muito grandes, estavam grossos e rachados de tanto andar nas pedras.

“Você precisa desvendar meu enigma”, cruzou a frente, gorgolejando como se a garganta lhe fosse um encanamento meio entupido. “Outra forma de prosseguir não há.”

“Fala”, pediu, inseguro.

“O que é a vingança contra a testemunha?”, sorriu maliciosamente.

O jovem se manteve calado, pensativo, enquanto a criatura o provocava:

“Você acredita ser sábio, ó orgulhoso Zaratustra”, largou uma risadinha sarcástica e aguda. “Então esclarece o enigma. Ele revela quem sou eu.”

Um raciocínio após outro falhava na cabeça do moço, quando, de súbito, ele esbarrou com uma lembrança. Sim, de algum modo a resposta estava nele. Não como uma ideia lógica, mas como recordação.

“Eu te conheço... Você é o assassino de Deus!”, disparou.

“Ora, ora...”, a criatura se rendeu admirada.

“Você não suportou aquele que podia enxergar o mais íntimo de sua alma”, concluiu Zaratustra. “Por isso, perversamente o matou. Você se vingou da maior de todas as testemunhas. Você, homem mais feio do mundo, é o assassino de Deus!”

Fortalecido pela resposta e cheio de coragem, o jovem profeta exigiu:

“Agora, saia do caminho e me deixe passar!”

“Fica mais um pouco”, gorgolejou suplicante. “Eu me sinto tão solitário”, a fala lhe saiu dolorida.

“Desvendei o enigma. Tenho direito de passar”, foi firme.

“Bem sei, bem sei... Mas imagina como me sinto, eu que o matei”, lamuriou.

“Mas suportá-lo era impossível. Ele perscrutava até o território mais sinistro da minha alma, ele conhecia cada pedra deste lugar, sabia de minhas serpentes que se arrastavam para cá... E toda vez que meus olhos cruzavam com os dele, desfazia-se qualquer ilusão de nobreza para mim, pois eu podia ver tudo isso no reflexo do seu olhar.”

A expressão da criatura implorava piedade:

“O caminho por onde passei ficou ruim. Com estes pés grandes e pesados, devasto todo caminho em que ando. Cuida para que o mesmo não te aconteça”, fez referência aos pés descalços do rapaz sobre as ásperas e frias pedras do vale.

“Tenho vergonha de você”, o jovem profeta remexeu os próprios sentimentos. “E, em você, tenho vergonha de mim.”

As vistas da criatura se desviaram dele, ao passo que Zaratustra emendou:

“Mas não sinto pena de você. Soube declinar, descer ao território sombrio da própria alma, mas não soube se levantar. Está aqui porque sua covardia o impediu de ir além.”

Com o peito tomado de ousadia, reivindicou definitivamente:

“A minha vontade é mais poderosa que este vale de morte. Saia já do caminho que eu quero passar adiante!”

O jovem profeta despertou daquele sonho. Ainda atordoado, viu-se à sombra de um grande carvalho e percebeu que dormira profundamente por causa do cansaço. Na verdade, passara a noite ali, a despeito dos riscos de feras e salteadores.

De onde estava, podia enxergar a pouca distância a estrada que ia ao centro do Império, indicada pela família de lavradores. Derramou na mão um pouco da água da bolsa para lavar o rosto. A seguir, bebeu um gole no gargalo. Então, tirando um pedaço de pão do alforje, saiu caminhando e comendo, a fim de enfrentar seu destino.

O julgamento

Diante do portão do Capitólio, foi montado um grande palco. Soldados do exército, com seus uniformes vermelhos, posicionavam-se abaixo dele, impedindo que o povo se aproximasse demais. Havia rumor de vozes por toda a Praça do Povo, dada a ansiedade pelo julgamento que devia começar.

O juiz de cabelos crespos e grisalhos, que já estava sobre o tablado, encaminhou-se até a escada de acesso a fim de recepcionar o inquisidor-mor que subia por ela:

“Remova qualquer preocupação do peito, excelência”, disse seguro de si, inclinando-se levemente em cumprimento à autoridade do supremo. “Hoje, a fama do Império se tornará maior do que nunca.”

“É o que eu imagino – de uma forma ou de outra”, respondeu a seu modo sombrio, dirigindo-se ao trono que fora posicionado no centro do palco.

O juiz se voltou à multidão para, com voz potente, proclamar:

“Declaro aberto o julgamento do profeta Zaratustra”, foi solene. “Em lugar do pontífice, que está em processo de restauração da saúde, ocupa o Trono do Juízo sua Excelência, o ministro supremo e inquisidor-mor.”

Em resposta, pôde-se ouvir algumas vaias emergirem da turba.

“Quanto a mim, mais antigo membro da Junta Inquisitorial, assumo neste tribunal a função de promotoria”, explanou. “Defendo, portanto, os interesses do povo deste império.”

“Fora! Fora!...”, os protestos foram acompanhados de vaias.

“As acusações são de: traição ao Império; blasfêmia contra a fé; incitação à

desordem popular. As duas primeiras são passíveis de pena capital. Por isso, está montada a pira”, indicou o monte de lenha arrumado próximo ao pé do gigantesco obelisco, esperando pelo fogo. “Caso ocorra a condenação do réu, ele será queimado vivo imediatamente à sentença.”

A águia gritou longamente do alto do monumento naquele instante.

De imediato, brados saltaram de toda parte entre o povo:

“Soltem Zaratustra!”

“Libertem o profeta!”

“Zara! Zara! Zara!...”, iniciou o coro.

O juiz, cujas narinas largas se abriam ainda mais quando se irritava, ergueu os braços exigindo silêncio. Na sequência, com voz potente, fez-se ouvir:

“Este julgamento é público para que a justiça seja evidente. Se não houver culpa em Zaratustra, ele sairá daqui direto para os braços de vocês. Isso eu garanto!”

Ao dizer essas palavras, sinalizou para que trouxessem o acusado.

Reuel veio sem amarras, escoltado por dois guardas portando lanças, sendo conduzido a uma cadeira na lateral do palco, onde, depois de se acomodar, ficou ladeado por ambos.

Do alto do trono, o ministro supremo acompanhava tudo com o único olho de forma impassível. A expressão do rosto não revelava que pensamentos ele podia estar pensando, nem que sentimentos lhe passavam no íntimo. A sua pessoa parecia ser, naquele momento, apenas a instituição incorporada – como talvez tenha sido por toda a sua carreira.

“A começar pela acusação de incitação à desordem popular, todo aquele que se diz Zaratustra, como você, velho bruxo, ri da vida de maneira

inconsequente e irresponsável”, discorreu o juiz. “É isso que aconselha às pessoas?”

“Eu sei rir, e sei dançar e sei brincar”, sorriu Reuel. “Por causa disso, eu sei criar e posso trazer coisas novas ao mundo”, declarou sereno, com sua voz estridente e envelhecida.

“Então você admite que, além de culpado, é um imbecil capaz de achar graça na existência sofrida do ser humano? Você se diverte com a rotina desgastante dessa gente – eis a verdade!”, o magistrado abriu os braços num gesto zombeteiro.

“Se dou risada o tempo todo? Não, não, óbvio que não”, achou ridícula aquela ideia. “Eu digo, digo sim, que sei rir porque meu espírito se enche de entusiasmo ao enxergar o maravilhoso milagre de cada coisa existente. A misteriosa graça que se derrama de toda parte desperta em mim uma forte vontade de viver. Isso me faz feliz mesmo diante dos duros desafios da aventura deste chão”, explicou. “Claro, claro, admito: pessoas como você, que encaram tudo tão seriamente, essas me divertem. Ah, sim, muito me divertem”, emendou demonstrando vontade de rir. “E tantas vezes me provocam risos. Até gargalhadas, vou confessar.”

O povo da praça achou graça da resposta e começou a rir do juiz.

O jovem Zaratustra chegou à Praça do Povo e deu de cara com a multidão, que lhe impedia o caminho formando uma massa compacta. Curioso com aquele enorme ajuntamento, sobretudo porque todos estavam aos risos, interrompeu um cidadão para inquirir sobre o que se passava ali.

“É o julgamento de Zaratustra”, afirmou um homem, controlando a risada para responder.

“O quê?!”, ele reagiu confuso.

“O profeta foi descoberto por um caçador de recompensa”, disse outro cidadão, que também tentava se conter.

“Ele se disfarça, assumindo a figura de um velho bruxo chamado Reuel. Mas daqui a pouco vai se transformar e fulminar seus acusadores. Fique por aqui e verá”, garantiu animadamente o primeiro.

“Mas que droga!”, o moço reagiu consigo.

Ambos olharam para ele e mudaram de imediato para uma expressão fortemente recriminadora.

“Não blasfeme contra o profeta!”, advertiu o segundo.

“Senão ele fulmina você também”, ameaçou o outro.

O juiz de cabelos crespos e grisalhos, sentindo-se humilhado diante do inquisidor-mor, partiu mais ferozmente à acusação, bradando a fim de conter o riso popular:

“Este homem é um anátema!”

A multidão se interessou pelo assunto e, aos poucos, foi se aquietando para ouvir a respeito.

“Além de desprezar o sofrimento do povo, principalmente do pobre, que é tão sofrido, ainda comete sacrilégio...”, fez uma pausa para aumentar a

expectativa. “Zaratustra ousa propagar que o Deus Compassivo, que a este império guia e protege, está morto!”

Houve um murmúrio entre as pessoas, pois tal afirmação corria incerta fazia muito tempo. Alguns diziam que era assim. Outros negavam, já que, se o profeta era um enviado de Deus, jamais diria algo tão terrível.

“O que alega em sua defesa, velho demônio?”, o magistrado interrogou.

“A sua noção de divindade me parece mesmo caduca – vencida, posso afirmar”, fez a avaliação coçando o queixo, bastante pensativo. “Mas está acima de mim, muito acima, definir a forma exata da existência de Deus”, falou com sua voz esganiçada, mas segura. “Está mesmo.”

O juiz aproveitou para rechaçar:

“Vejam só! O profeta sequer tem uma doutrina. Como poderá conduzir o povo desse jeito?”, foi malicioso. “Quer, por acaso, levar todos à confusão e à descrença?”, voltou um olhar fuzilante para o boticário.

“No ser humano estão unidos criador e criatura”, a resposta foi tranquila, quase em tom de conversa, demonstrando a intimidade do velho com a dimensão sagrada. “Há nele matéria, fragmento, abundância, lodo, argila, absurdo, caos... Sim, senhor, assim é o ser humano!”, as palavras foram saindo de um jeito apaixonado. “Mas nele há também visionário, escultor, dureza de martelo, habilidade para tirar do granito sua obra. Eu digo: nele repousam divinos olhos espectadores...”, as vistas envelhecidas correram do juiz ao inquisidor. “Vocês entendem essa oposição?”

“O seu discurso é de um louco”, rebateu o magistrado. “Não estamos aqui para perder tempo com divagações. Responda o que perguntei.”

O ministro supremo, por sua vez, mantinha-se em silêncio, ponderando cada lance do julgamento.

“Vocês têm pena da natureza humana, ao que chamam de compaixão, diminuindo-a com isso e, portanto, rebaixando-a para um nível de fraqueza e vitimização perante os desafios da existência”, o boticário tentou explicar em seu timbre arranhado pelo desgaste da idade. “Mas essa natureza que sofre como a pedra aos golpes do escultor deve ser valorizada, pois dela vem, a cada entalhe, um ser mais belo e superior.”

“Você foge da questão porque certamente é culpado”, deduziu o ancião de cabelos crespos.

“Eu digo, sim, digo, mas seus ouvidos estão tampados pela cera da doutrina que lhes enfiaram lá dentro. Cera sobre cera, camada sobre camada... Digo que gente como eu aprendeu a ter compaixão contra essa compaixão de vocês”, ergueu o queixo desafiadoramente. “Pois o pior sofrimento humano é tomar o sofrimento como infelicidade, em vez de encará-lo com valentia e inventividade e persistência... Sim! O sofrimento nos é concedido em mistério, mistério a ser interpretado, oportunidade de mergulho para encontrar em si mesmo grandeza de espírito e desse modo, só desse modo, entrar em comunhão com o criador!”

Sem dar oportunidade ao juiz, Reuel concluiu enfático:

“Como poderia gente como eu, portanto, manter a noção de um deus cuja compaixão rebaixa o ser humano à condição de escravo? Como poderia negar o anseio que arde no peito humano pelo infinito imensurado? Como poderia violentar a natureza humana, roubando-lhe a bem-aventurança de poder criar e ir além?”

“Anátema!”, berrou o juiz enraivecido. “Este demônio confessa o sacrilégio diante de tal multidão de testemunhas. O que mais é preciso para condená-lo pelo crime de blasfêmia?”

Enquanto transcorria o julgamento, Zaratustra se esforçava inutilmente para atravessar aquele mar de pessoas. De súbito, no meio do povo, ele se chocou com o jovem pescador de ombros largos.

“O que está fazendo aqui?”, o profeta perguntou, surpreso.

Nisso, a garota saiu detrás do aldeão de ombros largos e respondeu angustiada:

“Viemos resgatar o Reuel.”

“Um pesqueiro do continente cruzou com um dos nossos e os marujos contaram sobre o réu que estava para ser julgado”, o rapaz complementou.

“Meu pai e outros aldeões também estão aqui”, ela disse. “Temos que salvar o Reuel.”

“Como nós vamos fazer isso?”, Zaratustra foi sinceramente amigável, demonstrando que a circunstância o ajudava a superar a briga que tiveram.

“Bem, você é o profeta”, o rapaz devolveu, puxando no canto dos lábios um sorriso igualmente amistoso.

“Para começar, teremos mais chances se unirmos nossos talentos”, sugeriu Zaratustra. “Inclusive, a força feminina do grupo”, voltou-se para a garota.

“Desordeiro, blasfemo...”, enumerou o magistrado dilatando as narinas ameaçadoramente. “Podemos, ainda, somar a suas qualidades o atributo de

subversivo?”, foi sarcástico. “Pesa sobre você, velho bruxo, a acusação de traição contra o Império. Como se defende disso?”

“Você é mesmo Zaratustra?”, a garota questionou, mirando o jovem profeta com os olhos da cor do mel.

“Sim”, a resposta veio um tanto insegura, fazendo ele mesmo pensar.

“Até você tem dúvida?!”, o pescador de ombros largos, num misto de preocupação e surpresa, ergueu as sobrancelhas.

Logo em seguida, porém, assumindo a sua verdade, o profeta concluiu com firmeza: “Sim, eu realmente passei pelas metamorfoses. Eu sou Zaratustra!”

“Ótimo. Está na hora de provar”, ela o instigou. “Tenho uma ideia. Vamos sair aqui do meio. Precisamos ir para a margem da multidão!”

“Não sei o que quer dizer com isso. Não, não sei”, Reuel refletiu em resposta.

“Você me acusa de ser traidor. Mas o Estado, que seu partido formou e comanda, institucionaliza a traição contra o povo como política de Governo. Como posso entender seu conceito, então, para que eu possa me defender?”

“Ora, seu falastrão, você quer confundir este tribunal?”, o juiz contestou. “Ou é tão ignorante que sequer consegue entender do que se trata a acusação?”

“Da boca de líderes como você saem mentiras frias e rastejantes. Sim, sim,

elas rastejam para o meio da população como serpentes com veneno paralisante. Da boca de vocês saem discursos que afirmam sedutoramente: ‘Eu, o Estado, sou o povo’. Assim fala também cada político e defensor de sua ideologia populista. Mas por que se fala assim?”, o boticário foi retórico. “Para paralisar, claro, claro, paralisar a presa, e abocanhá-la, e devorá-la, e digeri-la lentamente.”

“Os seus delírios, velho demônio, atrasam o processo”, queixou-se o juiz. “Vou fazer uma pergunta direta. Apenas responda sim ou não”, impôs. “Você quer derrubar o Império?”

“O Estado deve servir ao povo. E o servo jamais é maior que o senhor. Onde o servo se faz maior que o senhor, aí há engodo, armadilha e captura. Há mesmo, eu garanto.”

O magistrado meneou a cabeça, contrariado pelo comportamento do réu.

“Quando o Estado ensina que tudo dará ao povo, desde que o povo o venere, existe uma relação de dependência, de uma idolatria semelhante à religiosa que acachapa o idólatra sob os pés da divindade. Isso é mau, muito mau”, avaliou Reuel. “Quem quer que assuma o comando de um Estado assim, eu digo, dominará sobre a população em vez de prestar serviço à população, e ainda se sentirá senhor, no direito de enriquecer e se esbaldar a custo do suor de sua gente.”

“Transforme-se em leão alado!”, bradou alguém na multidão.

“Acabe com isso, Zara!”, gritou outro.

“Já estamos todos impacientes com seus devaneios!”, o ancião de cabelos crespos dilatou as narinas, pondo o indicador em riste. “Responda logo: sim ou não”, foi incisivo.

“E digo mais”, o velho mestre seguiu indiferente à ordem do magistrado.

“Num governo como esse que descrevo, dissimulado pelo populismo, se acha lama no trono porque o trono se acha na lama. Não há como evitar que assim seja”, dirigiu o olhar ao inquisidor-mor.

O ministro supremo, ainda em silêncio, levou a mão ao cavanhaque grisalho, alisando-o pensativamente. Aos poucos, as palavras de Reuel pareciam lhe penetrar o íntimo. Era como se a poderosa muralha com a qual se havia cercado durante a vida, feito uma impenetrável fortaleza, procurando se proteger de alguma coisa que temesse, em algum momento daqueles dias conturbados, tivesse ruído.

“Esse tipo de Estado não estimula o cidadão a ir além. Esse tipo de Estado eu jamais apoiarei”, o boticário concluiu estufando o peito.

“Espero que saiba o que está fazendo”, comentou o rapaz de ombros largos, voltando-se à garota. “Deu muito trabalho abrir caminho nessa gente toda e, agora, nós voltamos e saímos completamente.”

“Os seus animais devem ter seguido Reuel esperando que ele os levasse até você”, ela explicou a Zaratustra. “O que acha de chamá-los? Podemos contar com a ajuda deles.”

“Entendi”, o profeta assentiu.

“Também entendi”, o jovem pescador parou de se queixar, empolgando-se com a ideia. “Suba nos meus ombros, Z”, disse se abaixando. “Vou levantar você para que seus animais o vejam.”

A sentença

“O réu se revelou culpado de todas as acusações”, pronunciou o magistrado com satisfação. “Agora, solicito ao Trono do Juízo que pronuncie a sentença.”

“Manifeste a fera, Zara! Vamos à luta!”, a multidão interveio novamente.

“Camelo divino, carregue nossos fardos!”, emergiu uma súplica.

“Sim, me faz um milagre”, alguém aproveitou para rogar.

Enquanto isso, o inquisidor-mor desceu do Trono e foi se encaminhando para a escada que o levaria de volta ao palácio do Capitólio.

O juiz, desnorteado com aquela atitude, correu atrás do ministro supremo para, quase sussurrante, abordá-lo:

“Excelência, o que está fazendo? Todos esperam por sua sentença.”

“É mesmo?”, foi irônico.

“Pelo Império, eu rogo”, pediu o ancião de cabelos crespos. “Temos de acabar com isso de uma vez.”

“A sentença já foi dada. Mas você é realmente incapaz de ouvi-la”, o inquisidor disse com naturalidade. “Ninguém jamais poderá impedir a liberdade de Zaratustra, muito menos matá-lo”, avaliou. “Sacrificar aquele homem ou qualquer outro não fará diferença alguma nisso. Solte-o”, falou virando as costas e partindo.

As narinas do juiz se dilataram. Dos olhos, transbordou toda a cólera que ferveu em seu íntimo naquele momento. Indignado, caminhou para o centro do palco enquanto o povo bradava a favor do profeta. Então, o magistrado

instilou seu veneno à multidão:

“O Império, em sua grandiosa compaixão, decide libertar Zaratustra...”

A massa reagiu festejando efusivamente. Pulos, abraços e urras fizeram aquele mar de pessoas ondular por toda a Praça do Povo.

O astuto juiz, entretanto, gesticulou para que houvesse silêncio a fim de poder completar a sentença:

“Isso se dará caso o profeta atenda ao clamor de algum necessitado e faça aqui e agora um milagre... Um único milagre.”

De imediato, as pessoas se puseram a discutir aquela proposta entre si, divididas por opiniões contrárias. Muitas delas ansiavam justamente por uma ação sobrenatural que as atendesse, ou ao menos lhes satisfizesse a curiosidade, enquanto outras discordavam disso, pois achavam que Zaratustra era um profeta que não se propunha a tal coisa, mas a trazer uma nova e revolucionária ideologia. E, ainda, existiam aqueles que alegavam ser ele um líder inspirador de novos tempos, despojado de obrigações religiosas e doutrinas ideológicas.

“Vamos questionar o réu, indagando se ele concorda com tal condição. Em seguida, escolheremos um cego, parálítico ou quem quer que possa servir de prova testemunhal...”

Entre o povo, a discussão ia se tornando mais e mais acalorada, de modo que, aos poucos, ela dava forma a um tumulto. Em meio a isso, alguns clamavam, tentando chamar a atenção do juiz, a fim de se habilitar ao maravilhoso feito que fora proposto.

“O que nos diz, velho bruxo?”

“Faça o milagre, Zara!”, exclamou alguém, e a voz logo foi acompanhada por outras para formar um coro. “Milagre! Milagre! Milagre!...”

Mas o alvoroço só aumentava, já que não havia unanimidade e muitos discordavam fortemente do clamor, vaiando os que faziam o coro.

“Não é disso, não, não é disso que vem a esperança”, Reuel moveu a cabeça em negativa, entristecido por causa da situação que se criava.

“Farsante!”, saltou um grito indignado em resposta. “Farsante!”, repetiu outro.

“Queime o farsante!”, veio a exigência.

“Queime! Queime!...”, as pessoas que antes pediam por uma intervenção sobrenatural passaram a sentenciar.

Nisso, a águia pousou inesperadamente diante do velho boticário. Os guardas que vigiavam Reuel partiram para cima da enorme ave com as lanças, mas a serpente se ergueu em suas costas, ameaçando um bote, e os dois pularam para trás.

O velho pequeno e magro compreendeu o que os animais pretendiam e, virando-se de costas, abriu os braços, formando uma cruz com o corpo para deixar que a águia o agarrasse pelos ombros, alçando voo com ele.

Apesar disso, a multidão já se fazia tão convulsionada que quase ninguém percebeu o que ocorrera. Nem mesmo o juiz, a pouca distância, notou a subida do velho profeta, ocupado que estava no inútil esforço de acalmar a turba.

As pessoas cuja compreensão era mais ampla começaram a buscar caminhos na massa para ir embora, evitando se envolver no conflito, à medida que outras avançavam da discussão à pancadaria. Um grupo mais exaltado se arremessou contra os soldados que cercavam o palco, rompendo o isolamento para subir no tablado.

O homem de cabelos crespos e grisalhos, vendo aquilo, tentou correr para

buscar refúgio no Capitólio, mas logo foi pego pelos revoltosos.

“Eu ordeno que me soltem!”, mandava em sua arrogância, procurando se desvencilhar. “Ordeno que me soltem...”, dizia rilhando os dentes, embora cada vez mais pessoas se lançassem sobre ele, extravasando toda a raiva acumulada pelos anos de mentiras e abusos imperiais.

E aquele monte encolerizado foi crescendo e crescendo até o juiz acabar soterrado de gente.

Os três amigos abriram espaço para que a águia pousasse com Reuel.

Enquanto a garota se jogava no pescoço do velho boticário para abraçá-lo e os dois rapazes se uniam a ela, o pai da moça vinha chegando, tendo com ele o pescador de um só braço e mais alguns homens e mulheres.

“Ainda bem que os encontrei”, ele se adiantou, sorrindo contente ao ver o boticário. “Temos de sair já daqui.”

“Os outros aldeões estão nos esperando com os cavalos na saída da cidade”, disse aquele que tinha só um braço.

“Com que dinheiro vocês compraram cavalos?”, o jovem profeta se admirou.

“Negociamos nossos peixes e produtos no mercado do continente antes de vir”, o homem deu de ombros, emendando em seguida com naturalidade: “Nós ficamos até empolgados com o resultado. Deu para ver que, por causa do nosso jeito cooperativo de trabalhar, temos potencial para ir muito bem nos negócios do mercado.”

“Não dá tempo de conversar”, o pai da moça interrompeu, ao passo que a

insana correria aumentava em torno deles.

“Eu preciso ficar”, Zaratustra avisou. “Ainda tenho uma coisa para fazer.”

“Depois você vai para as ilhas?”, a garota, com sua beleza encantadora, dirigiu os olhos da cor do mel ao amigo.

“Algum dia.” A sinceridade lhe custou um nó na garganta, impedindo-o de dizer mais alguma coisa.

“Sentiremos saudade”, o rapaz de ombros largos apertou os lábios e, em seguida, estendeu a mão, de modo que ambos apertaram firmemente um o pulso do outro, sinalizando a forte parceria que criaram entre si.

Na sequência, a moça abraçou Zaratustra e lhe deu um beijo doce no rosto.

“Você estará sempre conosco”, ela disse com lágrimas.

A balbúrdia continuava ao redor, com gritaria, socos e pontapés. A todo tempo, as pessoas esbarravam neles, e até lhes davam encontrões, num crescente de tensão e perigo.

Mesmo assim, o velho Reuel fez questão de se despedir do jovem profeta. Segurando a nuca do rapaz carinhosamente, pediu:

“Tome cuidado, meu filho.”

Z apenas assentiu.

“Por favor!”, o pai da garota, bastante preocupado, foi insistente. “Temos que ir antes que seja tarde!”

Ao ver que o Capitólio fora invadido, tendo o barulho da turba a ecoar pelos

corredores, o inquisidor-mor se pôs a andar pelo palácio como se estivesse em busca de algo. No caminho, algumas pessoas cruzavam com ele, carregando pratarias e outros objetos completamente alucinadas. Gritos e barulhos de coisas sendo quebradas pipocavam de todo lado. Tudo por que lutara o ministro durante toda a sua vida se desmanchava rapidamente em ruínas ao redor dele.

Quando alcançou o apartamento do pontífice, no último andar, percebeu que a porta permanecia fechada. Provavelmente o lugar ainda não fora invadido. No instante em que entrou, deparou-se com o jovem Zaratustra sentado à luxuosa mesa de jantar, segurando a capa multicor.

“Ouça, ladrãozinho”, o ministro disse com bastante cuidado, parecendo buscar acordo, “você pode levar o que quiser... Os candelabros, por exemplo, são de ouro, valem uma fortuna”, indicou as duas peças em cima da mesa. “Eu só te peço que deixe essa capa aqui. Preciso muito dela nesta hora derradeira.”

“Eu não vim roubá-la”, o moço rebateu, mirando profundamente o inquisidor. “Vim pegar o que me pertence.”

Nisso, o homem com tapa-olho teve a atenção voltada para a cicatriz no ombro esquerdo do rapaz. Logo a seguir, viu que a águia e a serpente aguardavam pelo moço do lado de fora, na mureta da sacada. Então, ele se aproximou cautelosamente, puxou a cadeira ao lado como quem lida com algo muito frágil e, visivelmente sensibilizado pela oportunidade do encontro, tomou assento perto do profeta.

“Quem lhe deu esse golpe queria mesmo atingir seu coração”, fez referência à cicatriz.

“Você é o pontífice?”

“Não, não sou”, mostrou-se constrangido.

“Cadê ele?”

“Não está mais aqui.”

“Está morto, não está?”

“Sim”, manteve-se lacônico, incomodado com aquelas perguntas.

“Por que tentaram esconder a morte dele?”

“Uma instituição depende da solidez da própria imagem para se manter de pé”, explicou. “E no caso de uma como a nossa, quero dizer, este governo, a figura do líder supremo é fundamental. Se ele cair, sobretudo numa fase de crise, a instituição tende a desmoronar junto.”

Zaratustra correu atentamente as vistas ao redor, notando na opulência do lugar o que aquilo significava para homens como aquele.

“Imagine só”, o inquisidor finalmente esboçou um riso. “Eu e tantos outros iguais a mim teríamos de nos aposentar não apenas do trabalho, mas da própria vida, se algo assim acontecesse. Afinal, não sabemos fazer outra coisa”, ergueu as sobrancelhas, achando graça na circunstância, pois a algazarra lá fora indicava que o Império havia chegado ao fim.

“O mesmo acontece com o seu deus?”, a curiosidade do profeta era quase infantil.

“Com o meu deus, com a minha ideologia... Quando instituições desse tipo desmoronam, desmorona junto quem é incapaz de criar, quem não consegue se reinventar”, abriu um sorriso abatido, reconhecendo honestamente sua condição. “Nós não enxergamos outra realidade. Por isso, empenhamos a própria existência para defender a única forma de realidade que conhecemos.”

“A vida se alimenta da morte”, o jovem refletiu. “Se você deixar morrer o que tem de morrer, uma nova vida virá por si, naturalmente.”

“É um sábio conselho”, o homem refletiu agradecido.

A seguir, mirando o rapaz com o único olho, pediu:

“Você me perdoa?”

Zaratustra pensou um pouco. Procurou a resposta no íntimo para usar da mesma honestidade que o ministro estava usando com ele. Só então falou:

“Posso perdoar o que você fez a mim. Mas como poderia perdoar o que fez a você mesmo?”, os lábios se apertaram. “Você precisa perdoar a si mesmo para deixar para trás tudo o que deve ser deixado para trás. É desse jeito que somos libertos para ir além, tornando-nos criadores de novas realidades.”

De repente, a porta se abriu e uma mulher baixa e robusta, aparentando mais de sessenta anos, provavelmente uma servidora, interrompeu a conversa:

“Meu senhor, graças ao Deus Compassivo o encontrei”, falou desesperada.

“O palácio está em chamas! Sua excelência tem que sair imediatamente!”

“Então vá logo. Salve-se enquanto pode”, o ministro respondeu sem se abalar.

“E o senhor?”

“Não se preocupe comigo. Vá!”, ele insistiu, mostrando-se temeroso pela situação da mulher que se prestou a ir ao último andar a fim de procurá-lo.

Ela se foi correndo, e o inquisidor tornou para Zaratustra:

“Você deve ir agora”, disse, levantando-se da cadeira. “Há uma saída secreta nesta parede. Estará em segurança”, encaminhou-se a uma das molduras decorativas e, empurrando-a, abriu a passagem. “Seus animais podem encontrá-lo fora dos limites do palácio, na banda ocidental... Depressa”,

gesticulou com a mão, chamando o rapaz.

Zaratustra se aproximou da saída e, receoso pelo destino do ministro, indagou:

“Você não vem?”

“Eu prefiro ficar”, pela primeira vez, transpareceu paz.

“Então aceite a capa multicolor como um presente”, estendeu-a ao homem.

“Já não preciso dela”, abriu um sorriso sereno. “Agora tenho comigo tudo que preciso.”

Ao dizer isso, com uma ponta de ternura que jamais havia demonstrado, sinalizou com a cabeça para que o jovem fosse embora.

Um novo começo

Zaratustra deteve os passos na praia ao se deparar com a canoa de Reuel estacionada na areia. Vestido com uma túnica branca e tendo a capa multicolor sobre o ombro, ele voltou as vistas para o oceano e distinguiu as Ilhas Bem-Aventuradas no horizonte. Depois, virou de costas para o mar e permaneceu contemplativo, apreciando a floresta da serra que começava ali, onde o velho boticário tinha uma cabana.

O jovem sorriu consigo e caminhou em direção à floresta.

Ao chegar numa clareira, encontrou a cabana que procurava. O velho trazia de dentro da mata densa algumas raízes colhidas. Quando viu o moço, a expressão de Reuel mal pôde disfarçar o grande contentamento.

“Conheço esse olhar puro, esse andar leve, sim, sim”, disse o boticário com sua voz envelhecida. “Mas há inquietação nesse espírito”, insinuou desconfiado.

“O que você costuma fazer por aqui?”, o rapaz fugiu do assunto.

“Eu louvo a Deus aprendendo com a natureza, e fazendo canções, e dançando, e rindo... e chorando também.”

“Sei que já falamos sobre isso”, o rapaz tentou ser compreensivo. “Mas ainda não assimilei essa suposição a respeito de Deus. Como você pode ficar aqui, convivendo apenas com uma ideia?”

“Aí que você se engana”, o velho deu um risinho. “Eu não defino a divindade, como os adestradores de deuses o fazem. Não, não, senhor. Eu contemplo o insondável, como quem se assenta à beira do abismo, e constrói um altar, e nele acende uma fogueira, pondo-se a observar a noite e as estrelas no infinito”, mirou profundamente os olhos do rapaz. “Por isso eu sou amigo de Deus e Deus fala coisas a minha mente e coração”, ao dizer estas palavras, levou o indicador ao coração quando se referiu à mente e vice-versa.

“O dia em que despertei na sua cabana da ilha, ao tomar consciência de mim, tive a impressão de que sabia tudo”, seu olhar se desviou de um modo perdido. “Eu sabia muito, muito mesmo... Até começar a entender alguma coisa.”

“E agora está confuso, não é?”, Reuel deduziu.

Zaratustra fez silêncio.

“Isso é bom. Sim, sim, é bom... Pois eu digo: é preciso ter ainda caos dentro de si para poder dar à luz uma estrela cintilante.”

“O que devo fazer?”

“As verdades não habitam nas certezas, mas no mistério – sobretudo no mais profundo e largo e extenso... *Mysterium Tremendum et Fascinans*”, o velho mestre pronunciou com reverência, dando a entender que revelava nesse nome a secreta fórmula filosófica do Universo. “Dogmas, ideologias, costumes... Essas coisas são condicionantes. Quem amadurece deve se libertar delas. Porque quem amadurece não precisa mais de tutores, não mesmo. Quem amadurece, suporta a grandiosidade do Mistério. E aprende a amar o destino que há nele. E nele se encontra, porque dele faz parte”, sorriu de forma sugestiva. “É então que a potência plenamente se manifesta.”

A seguir, compreensivo diante do momento vivido pelo rapaz, deu conselho:

“Vá naquela direção”, apontou para o interior da mata. “Encontrará a subida da serra e, mais adiante, bem no alto, uma boa caverna. A floresta suprirá tudo que você e seus animais necessitam”, garantiu. “Simplesmente evite as convicções dos homens, pois...”

“... elas são mais perigosas do que as mentiras”, o jovem profeta completou.

Reuel abriu um sorriso com orgulho paternal.

Dez anos se passaram desde que Zaratustra se retirou para a floresta. Nesse período, ele amadureceu, pois em sua solidão tudo aquilo que vivera foi se combinando, como nas poções do velho boticário, para se transformar em sabedoria.

Certa vez, ao sair da caverna e contemplar a aurora, o coração do profeta sentiu que o Sol lhe falava.

Ele, então, já barbudo e de cabelos longos, respondeu:

“Grande astro, você não seria feliz se não tivesse a quem iluminar. Todo dia, você vem até minha caverna e derrama sua luz como dádiva. E nós jamais nos cansamos dela, mas a recebemos com gratidão.”

Nisso, a águia, recolhendo suas longas e fortes asas, veio pousar ao lado do profeta, enquanto a serpente deslizou sinuosamente também para junto dele.

“Você tem razão, grande astro. De que vale juntar sabedoria igual abelha que acumula mel, se eu não compartilhar desse alimento com alguém?”

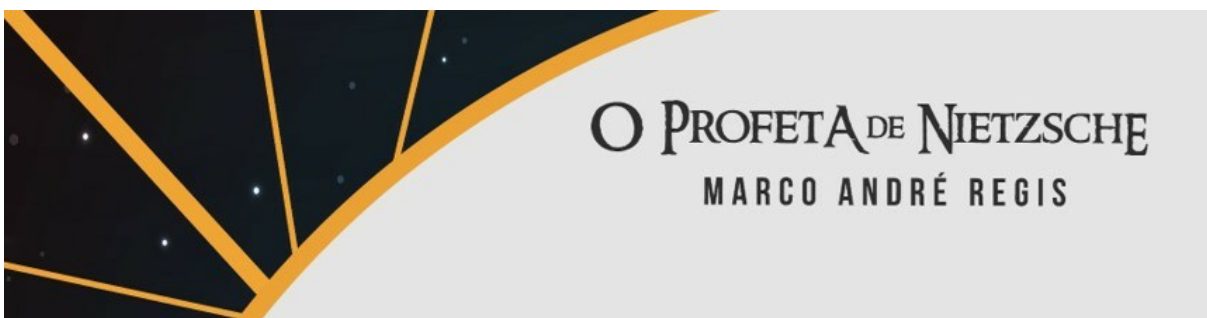
A luz cálida da manhã acariciava seu rosto e aquecia todo o seu corpo.

“Quero distribuir generosamente tudo que tenho a quem quiser receber. Para isso, devo descer à profundidade dos homens, semelhante a ti, que à noite vai para trás do horizonte e leva sua luz ao mundo inferior.”

A águia esticou o pescoço e se pôs a varrer com os olhos o vale abaixo, compreendendo o que os esperava.

“Abençoa-me, olho tranquilo, capaz de contemplar sem inveja até mesmo a mais intensa felicidade. Abençoa a taça que quer transbordar, para que a água nela contida escorra em abundância – como o brilho da luz que você derrama sobre a terra. E acompanha-me, pois Zaratustra quer novamente andar entre os homens.”

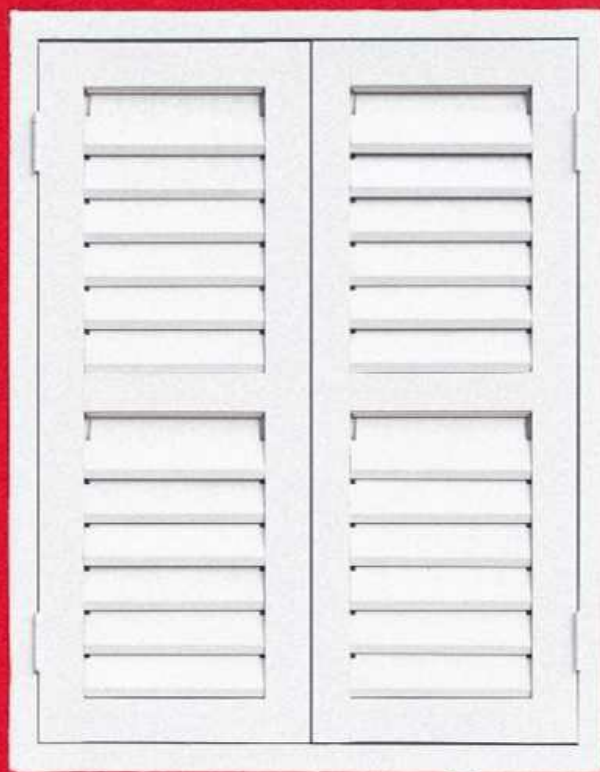
Assim começa o ministério de Zaratustra.



O autor é teólogo, jornalista e escritor. Foi ministro protestante enquanto também lecionou como professor de disciplinas filosóficas em seminário de ensino superior por sete anos. Posteriormente, atuou por 14 anos como executivo de comunicação social no sistema cooperativista. Ganhador de diversos prêmios nas áreas de literatura, programas sociais e educacionais, cultiva uma linguagem simples mesmo ao tratar de assuntos relevantes e profundos.

facebook.com/marcoandreregis

Meu querido Apocalipse



Uma comédia sobre
superação e recomeços

Marco André Regis

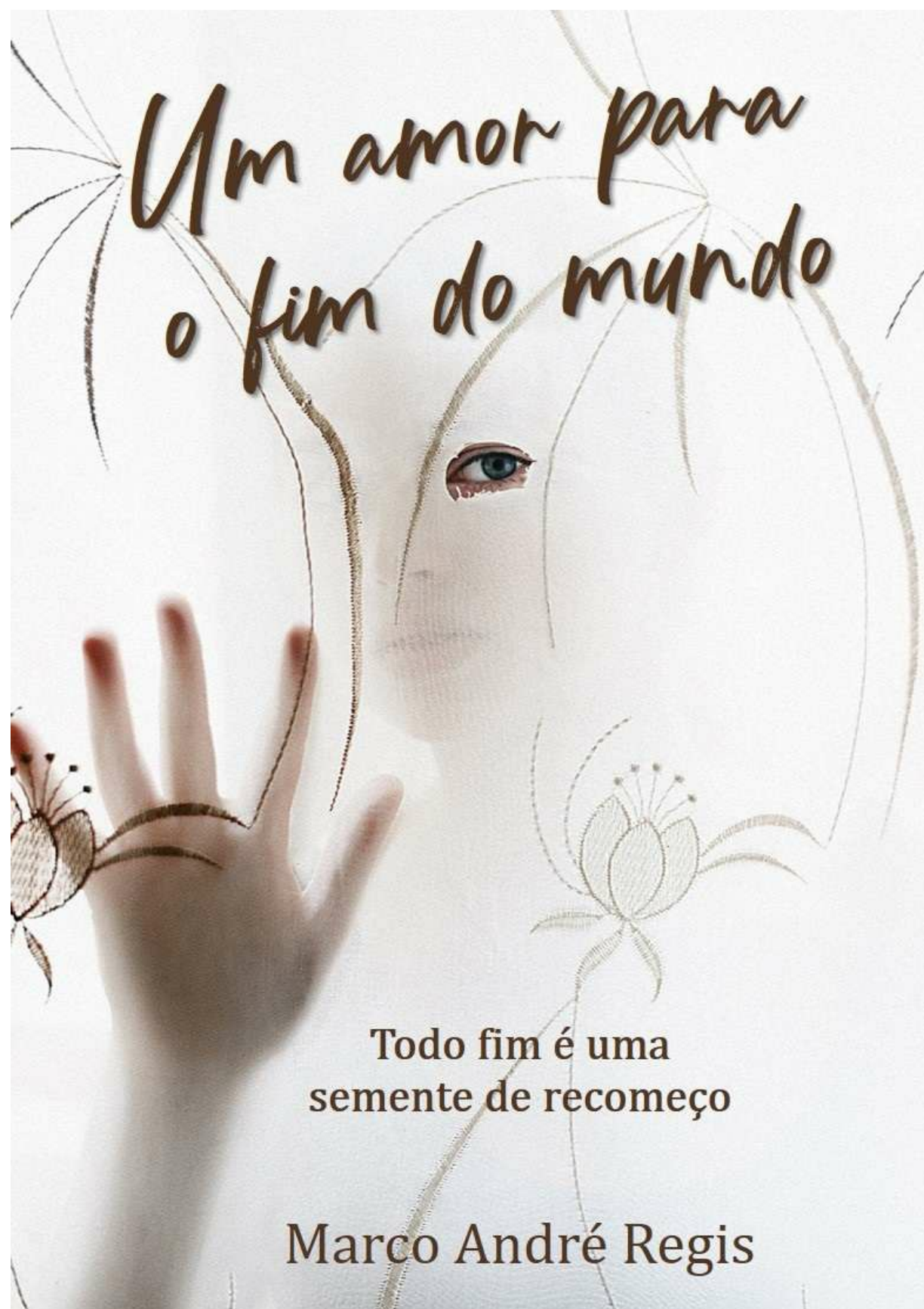
Marco André Regis

Reencontre a sua

A hand holding a magnifying glass over the word 'fé'. The magnifying glass is held by a hand with dark nail polish. The word 'fé' is written in a bold, dark blue font and is centered within the lens of the magnifying glass. The background is a blurred, warm-toned image, possibly of a sunset or a body of water at dusk.

fé

Uma jornada divertida
e inteligente ao centro
do seu poder interior



Um amor para o fim do mundo

Todo fim é uma
semente de recomeço

Marco André Regis

O PROFETA DE NIETZSCHE

MARCO ANDRÉ REGIS

